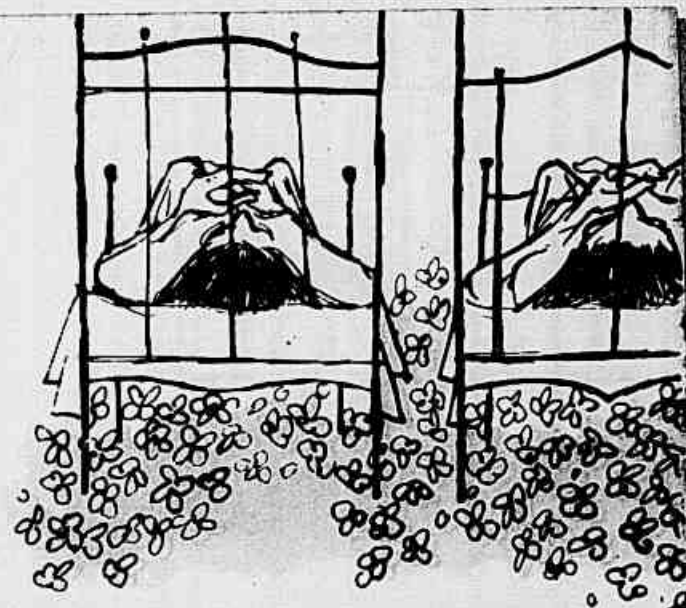


Semana

REVISTA DA

Nº 3 — 18 Jan. 58 — Cr\$ 10.00



Memórias de um trapaceiro.

Rosselini
segundo
Rosselini

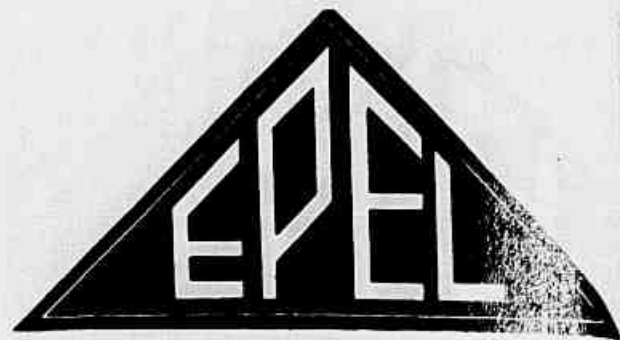
MOSCOU
INICIA A
“OPERAÇÃO
BRASIL”

Lady Maxwell:
os inimigos
em sociedade



GERTI
DAUB
NO RIO

ENCERADEIRA



REFLETE

o seu bom gosto



A Enceradeira EPEL, modelo LUXO-1958
traz como garantia

20 anos de tradição e qualidade

- 3 Escôvas ♦ não trepida
- ♦ atinge os cantos
- ♦ estabilidade perfeita

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

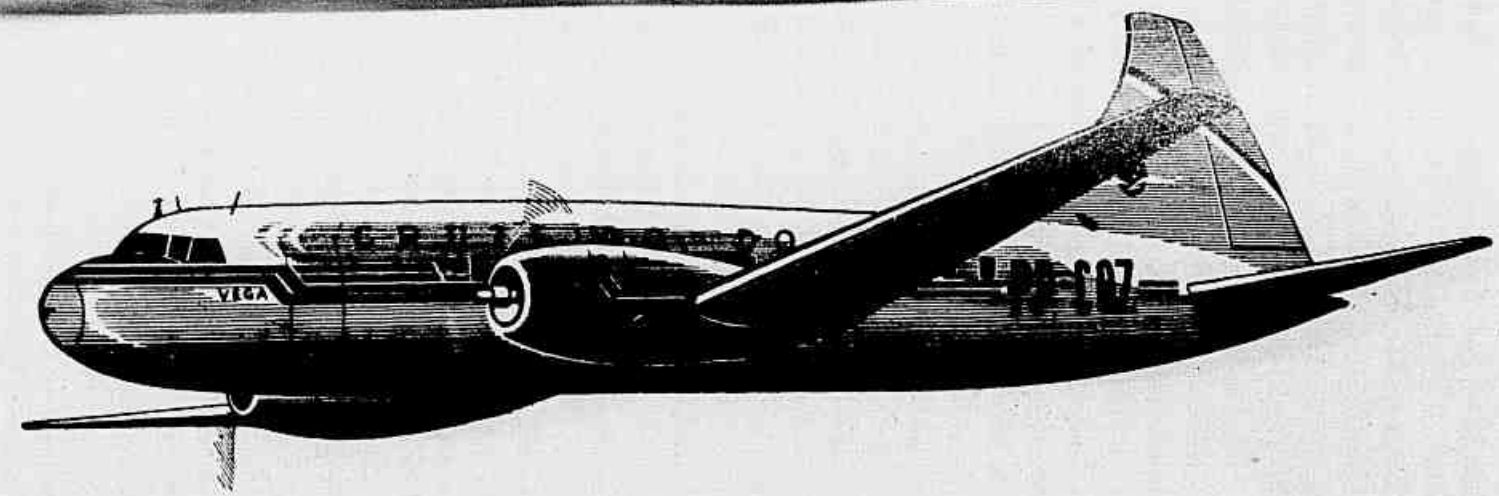
S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones 35-8531 e 33-1724

Em frente a Biblioteca Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'CRUZEIRO A PRAZO'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

cidades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como ciclerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

Semana

REVISTA DA

Ano 57. Nº 3. Rio. 18-1-58

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÚ**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrósio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Eli Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manuel Alves Mesquita. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

NACIONAL 7 — Moscou inicia a «Operação Brasil»

INTERNACIONAL 10 — US.\$ 2 Milhões. para Concorrer com a Rússia

ESPECIAL 11 — Em Brejo São as mças rodam arco com pauzinho

LITERATURA 14 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Victor
56 — Livros

HUMOR 18 — O Olho e Eu — Luis Lôbo
43 — Mr. Abernathy
46 — Das Memórias de um Trapaceiro — Sacha Guitry

SOCIAIS 19 — Lady Maxwell
63 — Ficou noiva a mais bela debutante da Togolândia

EXCLUSIVO 20 — No Japão é grande honra ser careca como espelho

DEPOIMENTO 22 — Rosselini Segundo Rosselini

MODA 27 — Modelos de Jacques Heim

A CAPA 40 — Gerti Daub no Rio

ENTREVISTA 44 — No Rio só há esgôto para R

CINEMA 48 — Um Oscar debaixo da ponte do Rio Kwai

PSICOLOGIA 50 — Como dominar os acessos

GENTE 52 — Onze índios de «blue-jeans» jogaram futebol em Copacabana

NO ESPAÇO 49 — A Terra perdeu uma lua
54 — Os russos já têm passagem de ida-e-volta ao espaço.

TEATRO 58 — Os 10 melhores são 9

ESPIONAGEM 59 — Eu fui espião para o Kremlin (6)

POLITICA 60 — Telegrama de Krushev cria problema para JK

OPINIAO 66 — O Nordeste visto de Dentro — Aluízio Alves

EXTRA 32 — Archie Moore foi a K. O. com uma peixada no estômago.
33 — Os dez mais do pólo.
36 — As 10 mulheres mais proporcionadas.

C



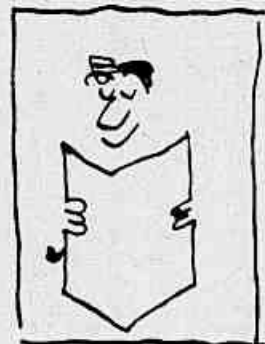
O



N



T



A



T



O

WALTER Brandão, cronista de pólo do "Diário Carioca" e de "Rio Magazine", foi o primeiro jornalista a se dedicar ao assunto no Rio e é um dos responsáveis pelo crescente entusiasmo que está havendo por esse esporte no Brasil.

Ele acabou de organizar o 1.º Campeonato Brasileiro de Pólo e aproveitou a oportunidade para observar os melhores jogadores, fazendo uma lista dos "Dez Mais".

Essa lista, publicada simultaneamente pelo D.C., pelas Fôlhas de São Paulo, pela Rio Magazine e pela REVISTA DA SEMANA, foi distribuída para o mundo pela United Press.

Não foi só o valor técnico individual que "contou ponto" para entrar na lista. Jôgo de elegantes, a maneira de se conduzir sôbre o cavalo e a personalidade do jogador influíram muito.

Por serem profissionais, deixaram de ser incluídos os seguintes craques: Fernando Merlos, Florêncio Rodrigues e José Adão. Por falta de assiduidade também não foram observados Laert Assunção, Miguel Faria e Fernando Delamare.

O pólo nasceu na Pérsia e o nome dêste esporte é derivado da palavra "pulus", que quer dizer bola de raiz de bambu.

Foi trazido para o ocidente pela Cavalaria inglesa sediada na Índia, onde o jôgo era muito difundido (no século VI).

A princípio não tinha limite de jogadores. Os ingleses regulamentaram o jôgo, limitando os jogadores a cinco, depois a quatro para cada equipe.

O campo tem (no mínimo) 274 metros de comprimento por 180 de largura. As balisas do gol são em forma de charuto, leves (para evitar acidentes) e não têm travessão.

As regras são muito parecidas com as de futebol. Existe falta, tiro-de-canto, pênalti.

Joga-se com um taco em forma de "T", sendo um dos ângulos maior de 90 graus. A bola é maior (pouca coisa) que uma bola de bilhar francês, branca, de raiz de bambu. Os cavalos são de uma raça especial.

Os campos são limitados por tábuas de 27 centímetros de altura.

A marcação é feita de homem para homem. Não há goleiro mas existe um beque (número 4), um médio (número 3) e dois atacantes: o armador (número 2) e o ponta-de-lança (número 1).

Dois juizes (a cavalo) e um árbitro (desmontado) apitam o jôgo. A saída é dada como no pólo aquático, bola jogada entre os dois times, no centro do campo.

Tôda vez que há um gol os times mudam de lado. Duração dos jogos: de 6 a 8 tempos de dez minutos, sendo três para mudança de cavalos.

Handicap é uma espécie de promoção ao valor técnico do jogador. Criou-se isso nos Estados Unidos (como no golfe) e todo mundo seguiu. O handicap máximo é de 10 gols.

O jogador iniciante tem handicap 1 e, à proporção que vai melhorando, aumenta êsse handicap, de acôrdo com decisão de uma Comissão.

Quando os dois times entram em campo, somam-se os handicaps e a diferença será o handicap que o time melhor dará ao mais fraco. Assim, não é difícil que um jôgo de pólo já comece com o placar movimentado.

No mundo só existem quatro jogadores com handicap 10: dois argentinos, um americano e um australiano.

O jogador brasileiro de maior handicap é Laert Assunção (de São Paulo), que êste ano quase não esteve em atividade. Veja os "Dez Mais do Pólo em 57" na página 32.



Pág. 27



Pág. 11



Pág. 22



Pág. 63



Pág. 40



CARTAS

LADY MAXWELL

"... é Lourdes Catão..."
Hamilton Medeiros, S. Paulo

EQUILÍBRIO

"Muito bem feita a reportagem internacional da REVISTA DA SEMANA "Tito recusa armas de Tio Sam". Considero Tito um dos maiores estadistas do mundo".

Victor Moore, D.F.

ESPIAO

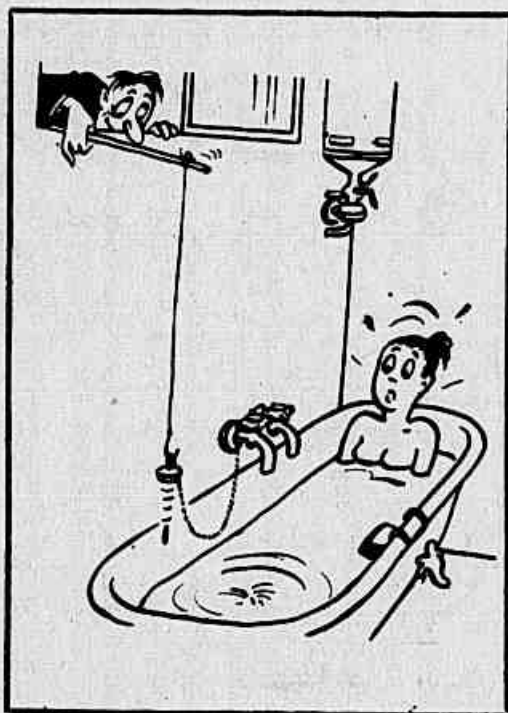
"Sou mulher, muito curiosa, portanto. Gosto muito das reportagens sobre o espião russo".

Marília Moraes, D.F.

SNIFF

"Sniff" em história em quadrinhos é o que vocês disseram mesmo: cheirar. Mas, existe também o verbo "To Sniff", que significa cheirar também".

Denis Boward, D.F.



HUMOR

"Excelente a piada publicada na página 53 do número 52".

Aluísio Antunes, Maceió

HINO

"Foi bom a revista ter publicado a reportagem sobre o Hino Nacional. O assunto merece ser revivido, pois, como vocês disseram, o Brasil não pode passar por preguiçoso".

Saulo Silva, São Paulo

RAPTO

"Gostei do conto "Rapto em Surdina", de Luís Lopes Coelho".

Heloísa Menezes, D.F.

A MAIS BELA

"Para mim, a melhor capa da REVISTA DA SEMANA foi a que apresentou Rossana Schiaffino com o retratinho do Yul Brynner em cima".

Ademar Ferreira, Aracaju



Mais Mansfield

JAYNE

"Mulher mais linda, e de corpo mais bonito, não há. Gostei também, além da capa, da reportagem fotográfica sobre Jayne Mansfield".

Américo Silva, D.F.

PERFUME

"No número 52, a revista diz (página 64) que "O Globo" publicou pela primeira vez na imprensa brasileira um anúncio perfumado. Procurem a coleção da "Folha da Manhã", de São Paulo, e encontrarão, em edição de seis ou oito meses atrás, um anúncio perfumado também de Tabu. E também colorido. Na parte da revisão no número 50, houve um erro do tradutor da história do espião soviético: o tradutor tomou décimo-terceiro por trigésimo. Minha última crítica: o desenhista do futebol precisa tomar cuidado com as variações pronominais".

J. A. Barros, D.F.



Menos Marilyn

MARILYN

"...e chega de capas com Marilyn Monroe..."

Cleusa Sousa, D.F.

CINEMA

"Muitos detalhes e informações nas reportagens de Cinema de Ely Azeredo. Meu cronista preferido".

Silvia Pereira, Vitória

ARMSTRONG

"Deixou saudades a visita de Louis Armstrong. Gostei muito da reportagem do número 47 sobre "Satchmo".

Bill Newman, São Paulo

PIADA

"Foi provocação da revista publicar a piada sobre carro russo com a legenda "Você tem certeza de que o carro ouviu bem todas as instruções do Partido?". Mas, embora tenha sido contra, achei boa a piada, principalmente para os americanos".

Aristides Botelho, D.F.



"Você tem certeza de que o carro ouviu bem todas as instruções do Partido?"

PELA GEMADA

"Protesto contra o título "Gemada com pó-de-arroz dá campeão de 1957" publicado na capa da revista de número 52. Sou Botafogo, com muita honra, e não admito que se diga que o campeão de 1957 venceu também com pó-de-arroz. Fluminense não teve vez".

Alarico Ruberti, D.F.

VAGAS

"Todo ano dizem a mesma coisa: não há vagas para trabalho. Não acredito mais em estatística no Brasil".

Silvio Fróes, São Paulo

UDENISTA

"A REVISTA DA SEMANA deveria ser independente, sem qualquer vestígio de partidatismo político. A UDN é sempre a mais (e melhor) focalizada na parte política".

Artur Ribeiro, Maceió

PÓLVORA

"Muito irônico o título da reportagem "Pólvora Sêca lança o Brasil na conquista do espaço". Precisamos levar mais a sério os esforços dos nossos militares".

Roberto Azevedo, D.F.

MARGARET

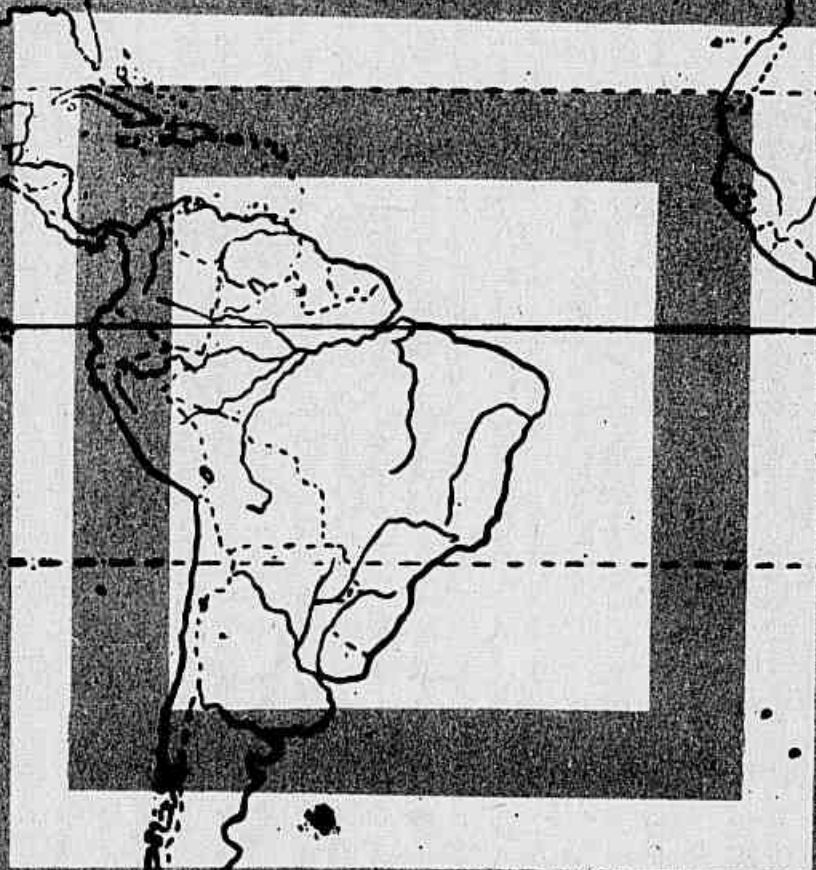
"Estou gostando muito das reportagens sobre Margaret e Townsêid. É bom a gente ver que ainda há amor dos mais fortes na Terra, onde os homens só se preocupam com guerras e foguetes e bombas".

Marilu Silva, Porto Alegre

HINO

"... e não interessa mudar o Hino Nacional depois de tantos anos de execução. Há coisa mais séria para pensar no Brasil".

Arminda Silva, Recife



A RÚSSIA INICIA A “OPERAÇÃO BRASIL”

O BRASIL SERÁ a próxima conquista da União Soviética na luta (principalmente econômica) pela redistribuição das áreas de influência (principalmente política) no mundo. Será uma conquista pacífica, feita de fora e de dentro — ajudada por forças que nada têm a ver com os objetivos soviéticos e entre as quais desempenhará papel importante o descontentamento causado no País por certos aspectos da política norte-americana.

Depois de alcançar (contra o Ocidente) posição privilegiada nos países do bloco afro-asiático, o governo de Moscou traçou



dois bjetivos para sua política nas "áreas subdesenvlvidas": 1 — ampliar sua influência nestas áreas, até afastar definitivamente delas os Estados Unidos, Inglaterra e França; 2 — conquistar a América Latina, até agora considerada a "retaguarda segura da civilização ocidental e cristã".

E Moscou também considera que o Brasil é a chave da América Latina.

DEPOIS DO XX CONGRESSO

A POLÍTICA DE conquistar influência sôbre os países subdesenvolvidos começou ainda em vida de Stalin, por influência de Pequim. Coube ao premier chinês Chou En Lai formular, juntamente com Nehru, os chamados "cinco princípios da coexistência pacífica", que se tornaram, mais tarde, os "dez pontos de Bandung". Mas a linha stalinista de "mão-de-ferro" não permitia grandes progressos: as desconfianças continuavam vivas e certos atos nitidamente colonialistas de Stalin (Irã, Turquia) estimulavam os governos orientais a porem as barbas de mólho.

Só após a morte do ditador, Krushev conseguiu mudar de política. E, apesar das dificuldades (inclusive das resistências opostas, até pouco tempo, pela ortodoxia stalinista ainda encastelada no Kremlin com Molotov e Kaganovitch) a União Soviética apresenta-se hoje a mais de 60 países subdesenvolvidos do mundo como a campeã da "ajuda desinteressada" — exibindo nas mãos de Krushev os comprovantes de quase dois bilhões de dólares distribuídos, a título de ajuda, em condições excepcionais. Em compensação, o representante soviético Rachidov Rachidovitch é aclamado por 40 países afro-asiáticos reunidos no Cairo como a figura central da reunião, na qual esses mesmos países punham um ponto final na curta e inglória vida da "Doutrina Eisenhower".

É a linha do XX Congresso, que se baseia (de fato) na

fórmula teórica de Stalin (que Stalin considerava apenas teórica): "todos os caminhos do mundo conduzem ao comunismo" — e que o bonachão e paciente Krushev pode traduzir para uma linguagem mais a seu gosto populista: "com jeito, vai".

QUASE DOIS MILHÕES

DE 1953 (APÓS A MORTE DE STALIN) até 1957, a URSS distribuiu aos países subdesenvolvidos da África-Ásia 1900 milhões de dólares de ajuda — a maior parte dos quais (1 bilhão) em empréstimos mediante juros excepcionalmente baixos (2,5% em período nunca inferior a 10 anos) ou mesmo em doações. Essa ajuda foi dada principalmente a países-chaves: Índia (270 milhões), Síria (280 milhões), Egito (480 milhões), Afganistão (145 milhões) e Indonésia (110 milhões). Além dessa ajuda em dinheiro, a URSS vem intensificando o comércio com aqueles países, comprando suas matérias-primas e fornecendo-lhes, em condições não raro muito mais vantajosas que os países capitalistas, maquinaria para a indústria, refinarias de petróleo, produtos manufaturados em geral. E tudo isso pode ser — e será — feito em escala muito maior. Para dobrar a ajuda e os fornecimentos a baixo preço aos países afro-asiáticos, a União Soviética não precisará recorrer, nos próximos anos, a mais de 5% do aumento de sua produção previsto nos planos econômicos.

O Ocidente ainda não se mostrou disposto a aceitar esse desafio soviético e deve-se considerar que não é fácil a países onde a produção se baseia na propriedade privada aceitar esse tipo de concorrência.

O Estado Soviético não só dispõe de imensos recursos, mas, por sua própria natureza, pode fazer gigantescas inversões sem visar lucro — visando apenas, e até mesmo sem preocupação de prazo, objetivos políticos. Nem um único rublo

Chou En Lai foi a grande estrêla da Conferência de Bandung (abril de 1955): coube-lhe formular os princípios da coexistência pacífica e — com Nehru — da "neutralidade ativa".

Nasser em Bandung. Moscou inicia a milhões de dólares, mas não pode se "Viva a União Soviética!"





de lucro teve o Kremlin com os gastos de 2 bilhões de dólares feitos a partir de 1953, nos países afro-asiáticos. Mas o Ocidente já não conta com esses países e foram eles que levaram ao fracasso a "Operação Suez" assim como são eles que estão praticamente inutilizando todos os planos ocidentais no Oriente.

Quem diz é Adlai Stevenson: Washington não compreende ou não quer compreender que as coisas mudaram.

A AMÉRICA LATINA

O problema da política soviética na Ásia e África está praticamente solucionado. Moscou encontrou o caminho, só lhe resta continuar. E, assim, chegou a vez da América Latina, onde é preciso começar.

Em agosto do ano passado houve uma reviravolta na orientação do Partido Comunista do Brasil: Prestes (depois de varrer da direção do partido o núcleo intransigentemente stalinista) revogou o Programa adotado no IV Congresso (novembro de 1954) que reafirmava ser objetivo do PCB tomar e poder pela força armada — e este deu a todas as forças políticas um ramo de oliveira, propondo a "co-existência pacífica" interna. Prestes falou uma linguagem realista: está convencido (parece que de fato, pela primeira vez) de que o PCB não poderá, nos próximos anos, pensar em revolução, em luta armada. E pediu ao partido que se reorganize para aplicar essa política de "coexistência".

"Coincidiu" com isso o início da ofensiva soviética sobre o Brasil: depois de algumas pequenas iniciativas, em novembro Krushev concedeu (pela primeira vez na história do Estado Soviético) uma entrevista a jornalistas brasileiros, propondo comerciar conosco. Depois surgiu a "Torgbraz", oferecendo ao Clube Militar 10 mil automóveis a preço de lambretas. Seguiram-se ofertas à Petrobrás, em condições excepcionais.

E, por fim, a oferta de um crédito de 800 milhões de dólares, pagáveis em mercadorias brasileiras.

CAMINHO INEVITÁVEL

TUDO ISSO NÃO PODERIA senão levar ao atual movimento pelo reatamento de relações entre o Rio de Janeiro e Moscou, já apoiado não somente pelos comunistas, setores parlamentares e pelos produtores de café, cacau, etc., mas por vários setores do governo — principalmente pelo Ministério da Fazenda. É possível que o reatamento ainda demore: há poderosas forças e fortes pressões contra — e estas vão determinar, ao que parece, a orientação imediata do Itamarati. Mas, seja qual for a decisão de JK, o assunto não será encerrado e acabará sendo resolvido, em prazo que não será longo, favoravelmente.

Lamentando o rumo das coisas, o influente "New York Herald Tribune" dizia, na semana passada: "É estúpido abrir a América do Sul à penetração econômica soviética, por um motivo tão teórico como a defesa do empreendimento particular em países que decidiram conservar certas indústrias nas mãos do governo". (O jornal republicano referia-se principalmente ao petróleo). "Não se pode permitir que isso continue".

Mas o fato é que não se pode prever o que Washington fará. Quanto a Moscou, sim. O que virá é a troca de embaixadores, a intensificação da ajuda "desinteressada" e do comércio, etc. E então — como perguntaria Krushev, ainda usando a linguagem populista de seu gosto — iria o Brasil "cuspir no prato em que come"?

Em tempo: o PCB pôs de lado todas as fórmulas leninistas e passou a reivindicar para o Brasil uma política externa de "neutralidade ativa e equidistância de blocos" — a mesma política de Nehru, Nasser e Sukarno.

"Operação Egito". Krushev gastou 480 queixar. Nas paradas, os egípcios gritam

Nehru (Índia) e U-Nu (Birmânia), dois inspiradores (executores) da "política de equidistância de blocos". Vantagens para eles, para Moscou, e prejuízo para o Ocidente.



US. \$ 2 BILHÕES PARA CONCORRER COM A URSS

UMA REVISÃO NA POLÍTICA dos Estados Unidos para que o país saia do "impasse" em que se encontra diante da União Soviética foi pedida pelo sr. Paul Hoffman, antigo diretor do Plano Marshall e grande industrial norte-americano.

"O nosso 'impasse' determinará certamente o fim do modo de vida norte-americano", disse o sr. Hoffman.

Ele sugeriu a criação, pelo governo norte-americano, de um "conselho supremo da paz", que disponha de crédito mínimo de dois bilhões de dólares por ano. Esse "conselho" seria encarregado de estudar e de aplicar "todas as idéias que a imaginação fértil norte-americana pudesse sonhar" a favor da paz e da melhoria das relações entre os Estados Unidos e o resto do mundo.

Disse o sr. Hoffman que "o lançamento no espaço do primeiro satélite fabricado pelo homem deveria ter constituído uma oportunidade de alegria universal diante desse grande triunfo humano. Ao invés de tomar essa atitude, o mundo ocidental reagiu com o alarma e o espanto. Tornava-se evidente, realmente, desde esse momento, que os soviéticos tinham o poder de destruir, com um único golpe, dezenas de milhões de norte-americanos e de transformar as nossas cidades a montões de ruínas, provocando represálias igualmente, ou talvez mais, destrutivas. As conseqüências de semelhante guerra seriam o desastre total".

Diz Paul Hoffman que, para evitar esse desastre, é necessário tentar restabelecer-se o contato, por todos os meios, não somente com os dirigentes soviéticos e os dos demais países socialistas, mas igualmente com os povos desses países.

"O governo norte-americano deve adotar, a favor da paz, uma posição tão clara e tão vigorosa que deixe ao mundo inteiro a certeza de que não ameaçamos ninguém. Deveríamos declarar nitidamente que concordamos com o direito dos outros povos de escolherem a sua própria forma de governo por detestável que se nos possa afigurar e, igualmente, que não temos desejo algum de impor a nossa ideologia e o nosso sistema econômico a qualquer outra nação".

Medidas sugeridas por Paul Hoffman:

1. Revisão das leis restritivas quanto aos "vistos", a fim de estimular, antes de restringir, o intercâmbio humano entre o Ocidente e os países do mundo comunista;

2. O oferecimento, aos estudantes comunistas, de duas mil bolsas de estudo por ano;

3. Autorização para que os soviéticos utilizem cadeias de radiodifusão como a "Voz da América" ou a "Rádio Europa Livre";

4. Que os Estados Unidos aumentem seus programas de auxílio e assistência técnica ao estrangeiro.



DESMOBILIZAÇÃO NO EXÉRCITO SOVIÉTICO

"DENTRO DO ESPÍRITO da política leninista de paz e de amizade entre os povos e no desejo sincero de uma calma internacional" a União Soviética anunciou que "procedeu a uma nova redução das suas forças armadas, da ordem de 300 mil homens".

"Esta redução se acrescentará às reduções de 1 840 mil efetuadas em 1955 e 56" — acrescentou a Agência Tass de Moscou.

Nestes 300 mil homens estão incluídos 41 mil soldados estacionados na Alemanha Oriental e 17 mil estacionados na Hungria.

A decisão foi tomada "pelo governo soviético de conformidade com a resolução do Soviet Supremo" (Dez, 21, 1957).

A Agência Tass diz na nota oficial: "Alimenta-se a esperança de que esse ato de boa-vontade sirva de exemplo aos outros Estados e em primeiro lugar às principais potências da OTAN".

Dizem funcionários autorizados de Washington que "a redução dos efetivos soviéticos não diminuirá, necessariamente, seu poderio militar" e que ela

se tornou possível "graças ao terrível aumento do poder das armas modernas".

EISENHOWER PEDE US.\$ PARA FOGUETES

ELEVANDO A 39 BILHÕES de dólares os gastos com a defesa, no corrente exercício, o presidente Eisenhower pediu ao Congresso mais 1 260 milhões para o programa de foguetes e defesa aérea, além da transferência de 110 milhões de várias rubricas para projetos ligados ao desenvolvimento dos projéteis.

Os créditos suplementares de 1 260 milhões serão distribuídos assim:

1 — 219 milhões para a aceleração do programa de modernização dos comandos da aviação estratégica.

2 — 329 milhões de dólares ao desenvolvimento dos projéteis de longo alcance, construção de rampas de lançamento, inclusive em submarinos.

3 — 683 milhões para construção de um sistema de detecção de projéteis balísticos inimigos.

4 — 29 milhões para a extensão do sistema de detectores automáticos da defesa anti-aérea.

POLÍCIA INVADE CATEDRAL

O DITADOR VENEZUELANO Perez Jimenez mandou a polícia invadir a Catedral Metropolitana de Caracas no momento em que era oficiada a missa solene do Dia de Reis. Dezenas de fiéis foram arrancados dos bancos onde estavam ajoelhados e levados para a prisão, enquanto centenas de outros tentavam escapar pelas portas laterais, inclusive o sacerdote que oficiava a missa.

Informa-se de Caracas que alguns sacerdotes estão presos, entre eles o Reitor da Universidade Católica, padre José Barnola, de 65 anos, que está gravemente doente do coração.

O arcebispo dom Rafael Blanco está tentando superar a crise entre a Igreja e o governo, mas seus esforços ainda não tiveram êxito.

O Vaticano já se manifestou contra o governo Jimenez, formulando um protesto contra "as violências e as perseguições religiosas".



SALOMÉ E AS GARÔTAS — A porca mais rara do mundo preferia que os arcs fôsem de pão-de-ló de rabanetes.

Especial

EM BREJO SÊCO AS MOÇAS RODAM ARCO COM PAUZINHO



OS CINCO GRANDES MOTIVOS

NOSSO DEPARTAMENTO de Pesquisas informa: os homens estão interessadíssimos na antiga e quase abandonada arte de rodar arco.

Motivo: Jeanette, Joan, Bonnie, Sharon e Maureen.

Como tôdas as moças que se prezam em Brejo Sêco, elas são peritas no assunto e despertaram o interesse nacional para a matéria depois de se apresentarem na Broadway.

O DP informa ainda que rodar arco nos Estados Unidos é diferente de rodar arco no Brasil. A diferença fundamental: o arco americano é rodado com um pauzinho e o brasileiro é com arame. (Segundo as moças de Brejo Sêco, com pauzinho é mais interessante.)

SHARON — “Como conservar a linha e influenciar pessoas”.

A LINHA Sharon é o Zizinho do time.





Pólo-de-arco é o jogo preferido pelo high-society brejosequense.



SHARON, MAUREEN & BONNIE — São do primeiro time.



JEAN, JOAN, BONNIE, SHA & MAU — "Nós sempre treinamos para o "Dia de Maria Cebola" (quando as mulheres de Brejo Sêco correm atrás dos homens tentando agarrar um marido) rodando arco com pauzinho".

ABEL FICOU POR ALI. Rachava lenha, apanhava as encomendas e os jornais na estação, dormia no barracão e Sílvio lhe dava comida na porta da cozinha. Acabou tornando-se popular. Durante certo tempo, foi o centro das conversas. Depois, acostumaram-se com êle a ponto de nenhuma atitude sua chamar mais atenção por mais extravagante que fôsse. Se alguém — dêsse gênero de pessoas que tem uma infinita capacidade de se surpreender sempre — comentava assustado algum gesto estranho de Abel, o outro logo levantava os ombros e falava:

— É maluco. — E ambos se tranqüilizavam.

A princípio, tentaram ensinar-lhe a comportar-se razoavelmente, dirigir-lhe as atitudes, imprimir uma certa lógica aos seus hábitos, mas desgraçadamente não conseguia aprender nada.

A primeira a desistir foi D. Maria. Na ocasião em que o presenteara com o terno, dera-lhe também duas camisas. Instruíra-o para assim que êle sujasse uma, lavá-la e usar a outra. Abel, como sempre, concordou. D. Maria, encorajada pela boa-vontade dêle pedira-lhe também que lavasse as suas velhas calças de riscado e o dólma de colegial, a fim de, ao chegar o verão, possuir uma muda de roupa mais fresca, pronta para usar. Abel, de novo, concordou com tudo e obedeceu imediatamente. Lavou a calça, o dólma, as duas camisas e, sem que ninguém ordenasse, lavou também o chapéu com um cuidado bem maior do que as outras peças. Em seguida, guardou tudo dentro do barracão.

Na manhã seguinte, apareceu sem camisa e D. Maria, pacientemente, lembrou-lhe os conselhos da véspera. Êle apres-

sou-se a vesti-la, mas, no outro dia, esqueceu-se novamente. Então, D. Maria compreendeu que seria inútil insistir e deixou-o em paz.

Ivan entretanto não se conformava. Queria ensinar-lhe de qualquer maneira ao menos as coisas elementares e começou esforçando-se por ressaltar a estética e a função das camisas. Mas não houve jeito de Abel entender a utilidade delas. O paletó lhe parecia suficiente para abrigá-lo. Durante o dia usava-o normalmente, e à noite, com o frio, levantava a gola e fechava as lapelas sobre o peito. Ivan, vencido, deu-lhe um alfinete de fralda para que, ao menos, prendesse uma lapela na outra e se agasalhasse bem. O presente do alfinete agradou muito a Abel, que passou a usá-lo com bastante gosto, achando-o bastante mais prático e mais lógico do que qualquer camisa.

Num de seus passeios, encontrou na rua uma medalhinha de alumínio, cunhada com o rosto de um santo e, desde êsse dia, não usou mais o alfinete para prender as lapelas. Reservou-o para uma finalidade que julgou mais importante: colocou-o no lado direito, quase à altura do ombro, com a medalhinha, e sentia-se tão orgulhoso e, ao mesmo tempo, tão preocupado que os outros vissem a sua medalhinha, que mais parecia um general ostentando envaidecido a sua mais alta condecoração de guerra.

POR ESSE TEMPO, não havia quem não conhecesse Abel e êle freqüentava o bar, circulando por tôda parte sem nenhuma restrição. Não perturbava as pessoas, apenas gostando de ficar em pé, ao lado dos grupos, ouvindo-os falar. Entrava até na saleta onde jogavam cartas e que era o reduto mais aristocrático do bar, de acesso quase impossível a qualquer outro que não um dos seus freqüentadores habituais. Se o bar estivesse vazio, ficava ali horas sempre em pé, vendo os outros jogarem. A princípio, tanto os jogadores como os outros grupos falavam com êle, faziam-lhe perguntas, diziam-lhe gracejos. Depois, desistiram, porque Abel invariavelmente recitava versículos da Bíblia, que não faziam nenhum sentido com o que estavam conversando, ou dizia alguma palavra com lógica, mas depois de fazer tanta careta e com tanta dificuldade que acabava pondo nervosos os outros. Foi por isso que aos poucos deixaram de dirigir-se a êle. É verdade que às vezes diziam alguma coisa sobre Abel, mas falavam um com outro, afirmando simplesmente, sem esperar resposta.

Passaram a se dar melhor, tanto as pessoas quanto Abel. Pois para êle também era penoso dizer o que quer que fôsse. Mesmo os versículos da Bíblia, que sabia de cor e enunciava com bastante facilidade, não os dizia friamente, pelo contrário com muita emoção. Entretanto, bem pior ainda era murmurar uma única

NONO CAPITULO

O vagabundo e o menino



palavra nascida de seu cérebro e articulada pela sua boca. Custava-lhe realmente um esforço enorme e, no momento em que deixaram de lhe fazer perguntas, sentiu-se contente e passou a se comunicar com os outros apenas pelo sorriso. Vinha se chegando e sorrindo, e com isso dizia tudo — ou pensava que dizia tudo. A verdade é que os outros entendiam a sua intenção, deixando que ele ficasse ao lado, ouvindo-os falar, pois isso dava um grande prazer a Abel e não os incomodava em nada.

Entretanto, a evolução das relações entre eles até que chegasse a esse estado de coisas foi lenta. Abel tomava muitas atitudes surpreendentes. Uma era a mania que tinha de ficar em baixo das calhas, nos dias de chuva e, tirando o chapéu, receber no rosto aquela cascata de água que caía do telhado, e era captada pela calha. Isso parecia, à primeira vista, um extravagante banho de chuveiro, mas, o curioso é que Abel tomava esses banhos, inteiramente vestido com a cabeça voltada para cima, recebendo no rosto toda aquela água gelada, rindo, muito contente, como se fosse um menino. E esse riso nunca o viram rir em nenhuma outra ocasião.

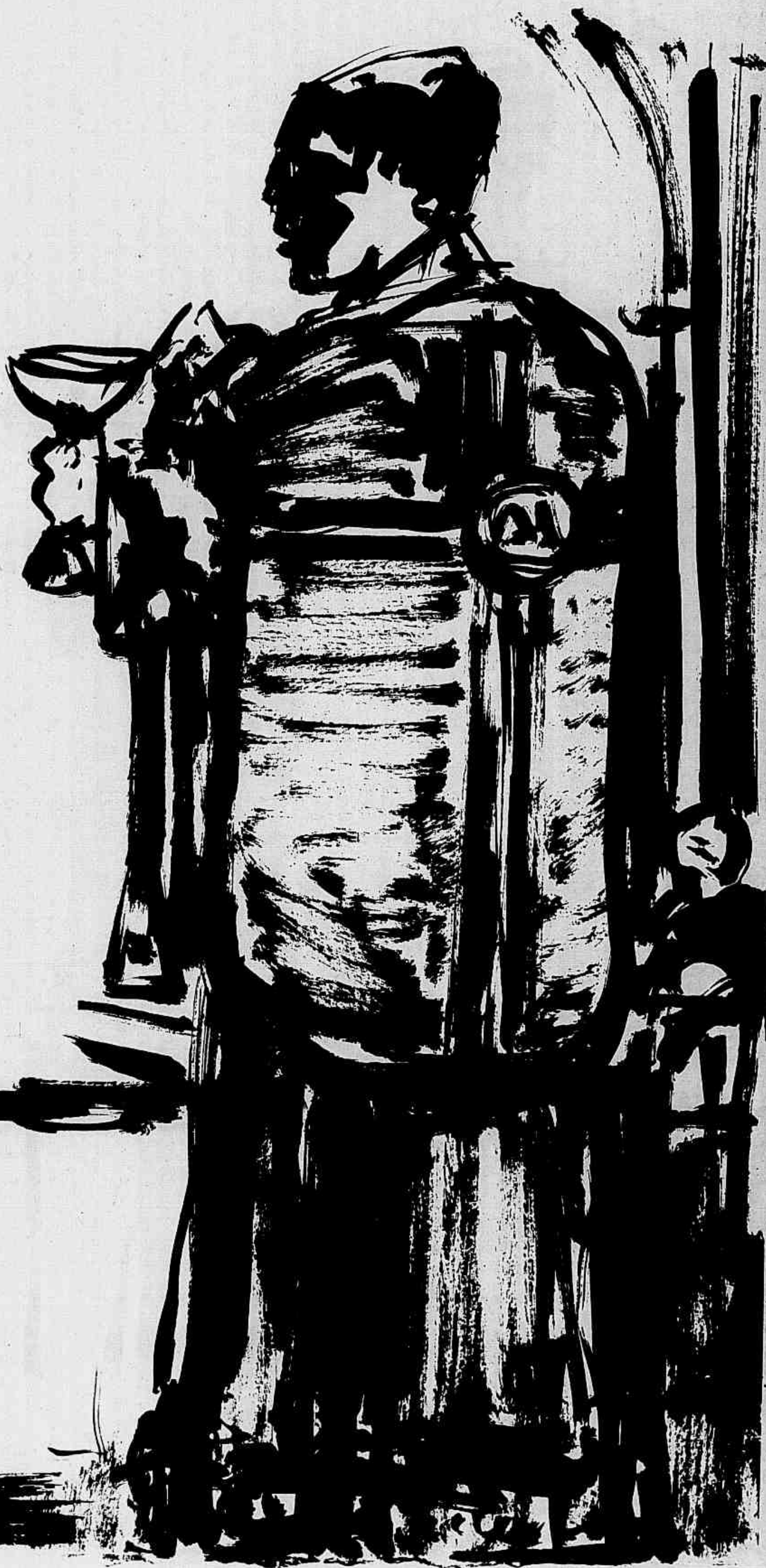
Outra eram seus súbitos desaparecimentos. Começava a sentir-se desanimado e, de repente, sumia. Da primeira vez, ficaram certos de que havia ido embora, mas, dois dias depois, Abel surgira com o rosto e as mãos cobertos de equimoses e o terno preto inteiramente enlameado. Houve um reboliço no bar. Ceci que estava conversando com o namorado, achou de grande efeito soltar um grito e logo todos cercaram Abel, fazendo-lhe perguntas, se bem que tivessem

entendido imediatamente que sofrera um dos seus ataques. Ivan lembrou-se do mercúrio-cromo e foi ajudado pelos outros nos curativos que fez em Abel. Um mês depois, Abel tornou a sumir e quando voltou, veio no mesmo estado lastimável. Foi então que compreenderam que ele se

envergonhava profundamente de sua enfermidade e, assim que se sentia mal, escondia-se no mato para que não vissem seus ataques, como se eles fossem qualquer coisa de obsceno ou de aviltante. Esse pudor num homem daqueles parecia-lhes absurdo e até inquietante e, como

BABINSKI

Léo Victor



sentissem necessidade de resolver aqueles mistérios, usaram sua velha fórmula, dizendo: "Ele é maluco", e, apenas isso era o suficiente para tranquilizá-los.

x x x

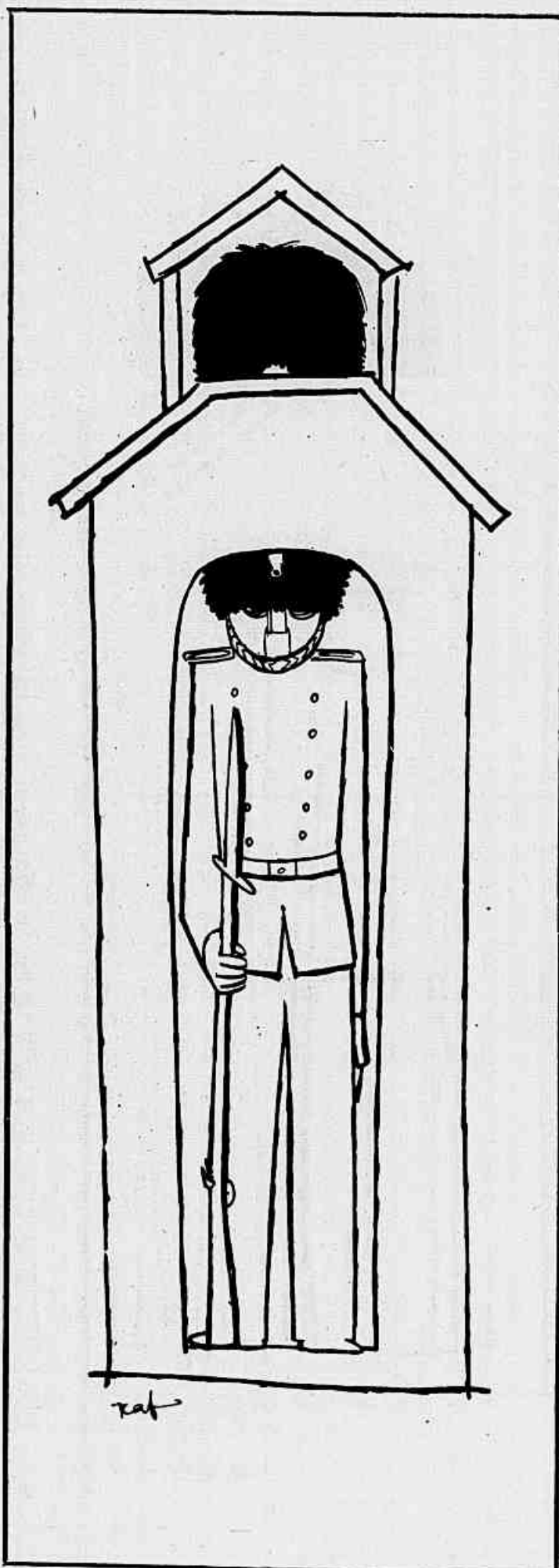
CONTUDO, AO CHEGAR o dia da primeira comunhão de Ivan, Abel superou em tudo o que podiam esperar dele.

A missa era festiva. Havia música, muitas flores e velas acesas. As crianças estavam vestidas de branco e os pais, parentes e amigos com suas roupas mais novas, algumas feitas especialmente para aquela festa. Os meninos organizando-se em uma fila, comungaram com bastante emoção. Depois, os adultos dirigiram-se à mesa, também para receberem a hóstia. E entre eles, foi Abel, em atitude de grande respeito e humildade, com as mãos postas e a cabeça inclinada, com um grande esforço para não cambalear. Súbito, toda a igreja ficou atenta, observando, como se naquilo houvesse algo de extraordinário. E até a professora, que tocava órgão no côro, debruçou-se sobre a grade e olhou o padre, como todos os outros, esperando um gesto qualquer, sem saberem qual a atitude que o sacerdote iria tomar e sem saberem mesmo qual a atitude que gostariam de vê-lo tomar. Dentro da atenção geral, Abel ajoelhou-se tranqüilo e, como os outros, colocou as mãos em baixo da toalha de linho e renda, muito branca e engomada. À medida que o velho padre se aproximava, a expectativa crescia e, no momento em que chegou diante dele, Abel, sereno, levantou a cabeça, fechou os olhos e abriu tanto a boca que tocou com o queixo a bandeja dourada que o coroinha constrangido havia pôsto sob o seu maxilar. O padre, aflito, fez-lhe um sinal rápido e o coroinha prosseguiu confuso. O padre seguiu até à ponta da mesa da comunhão, enquanto as pessoas, depois de receberem a eucaristia, levantavam-se, dando lugar a outras que se ajoelhavam, colocando as mãos em baixo da toalha. Abel, imperturbável, nem se moveu e quando, pela segunda vez, o sacerdote chegou à sua frente, abriu novamente a boca, levantou a cabeça e fechou os olhos. E, pela segunda vez, o padre fingiu não vê-lo.

Foi se afastando, distribuindo a hóstia maquinalmente, profundamente abalado por aquela impertinência, debatendo-se num conflito de consciência como até então, apesar dos seus longos anos, nunca tivera. Depois, foi que explicou exaustivamente aos membros da Congregação os motivos que o levaram a proceder daquela maneira. Era certo que não podia dar a comunhão a quem não houvesse se confessado, mas teria aquele homem condições para discernir o bem do mal? Teria algum dia cometido um pecado e, mesmo que o tivesse (sem ter consciência de que pecava) teria pecado? De que valeria, neste caso, uma confissão? Para perdoar? Mas perdoar o quê? Contudo, ele não se atrevia... Entretanto, foi só mais tarde que explicou porque naquele

momento de tensão em que a igreja inteira acompanhava seus menores movimentos, ele tinha o aspecto de um homem distraído e displicente.

E aconteceu, então, uma dessas reviravoltas na opinião da massa. Abel tornou-se de repente a vítima de uma injustiça e de uma violência e o padre Tomás transformara-se num homem mau e prepotente. E se os adultos reagiam assim, as crianças, que haviam acabado de comungar pela primeira vez, sentiam, de maneira muito mais aguda ainda aquela injustiça, porque haviam sido doutrinadas, durante meses, sobre a importância daquele pequeno disco de trigo que uma vez consagrado pelo padre, tornava-se Deus em corpo e sangue. Sobre isto não tinham nenhuma dúvida, e recusar aquilo a Abel, seria o mesmo que recusar-lhe o próprio Deus. E lembraram com amargura que padre Tomás, o mesmo padre Tomás que agora recusava, havia dito uma infinidade de vezes que Deus é o Pai, o grande Pai, bom e compreensivo, sempre à disposição de todos os que o procurassem, sem olhar pobres ou ricos, moços ou velhos, bons ou maus.



RAF

E, quando pela terceira vez o padre começou, pela direita, a distribuir a hóstia, Ivan, sem conter-se, com os olhos esgazeados pela angústia, levantou-se para ver melhor. Logo outras crianças levantaram-se e, seguindo-as, muitos homens e mulheres também se levantaram, colocando-se em posição melhor para ver bem, porque não podiam acreditar numa terceira recusa. No momento em que o padre chegou diante de Abel, quase toda a igreja estava de pé, permanecendo ajoelhadas apenas algumas velhas, que liam livros de missa com letras muito grandes e não haviam percebido o que estava ocorrendo.

Então, o vagabundo, pela terceira vez, levantou a cabeça, fechou os olhos e abriu a boca. E padre Tomás, fez o sinal de uma cruz com a hóstia diante do seu rosto e depositou-a sobre a língua de Abel.

E, nesse momento, tanto o sacerdote como os fiéis, se sentiram aliviados, como se lhes houvessem tirado um grande peso dos ombros e a missa prosseguiu na sua rotina.

Na festa que fizeram depois, no bar, oferecendo a todas as crianças bolos e chocolate, comentou-se ainda bastante o incidente. Um rapaz que estava perto do altar, garantiu que padre Tomás não fizera um sinal rápido e distraído, murmurando uma frase incompreensível, e sim o sinal da cruz muito lentamente e falara alto, articulando bem as palavras no momento em que dera a comunhão ao vagabundo. O grupo achou que aquilo era imaginação do rapaz, que já estava romaneando, mas ele jurou por todos os santos do céu que estando bem perto vira perfeitamente o padre Tomás fazendo o sinal lento de uma cruz diante do rosto de Abel, segurando a hóstia e o cálice com as mãos trêmulas e tão pálido que ele até receou que o padre tivesse um mal súbito.

— Por causa da idade, vocês sabem —, concluiu o rapaz, muito nervoso, à guisa de explicação.

x x x

DEPOIS DESSA OCORRÊNCIA, ninguém se surpreendeu mais com coisa alguma vinda de Abel e todos se habituaram definitivamente com ele, cada qual formando um juízo próprio a seu respeito. Os mais lentos de raciocínio ainda falaram com o padre Tomás, para se esclarecerem sobre a esquisita mania de Abel ir à missa, pois ele aos domingos assistia a todas as missas e ficava lá, muito compenetrado, ajoelhando-se, levantando-se, sentando-se, sempre seguindo os outros. Sem faltar um domingo, na primeira missa, comungava. Entretanto, do que mais gostava, segundo observou Augusto muito bem, era da missa cantada, com três padres, incenso e música. Ouvindo o órgão, perdia a sua habitual expressão idiotizada e seu rosto adquiria uma grande serenidade.

Sem dúvida, o julgamento que faziam dele tinha um denominador comum, sintetizado na frase: "Abel é maluco", mas

até os dois padres divergiam quanto aos pormenores. O velho, quando consultado, sempre afirmou que Abel gostava de ir à igreja porque lá era a casa do Senhor. E dizendo isso, pensava que dizia tudo. O moço não tinha tanta segurança; fazia hipóteses: Talvez a igreja lhe transmitisse alguma paz. Por quê? Não sabia ao certo, mas talvez o silêncio da igreja deserta, com seus santos tristes, de roupas coloridas, os vitrais... E as missas? Bem... Talvez o incenso, as roupas de sêda do padre, as velas acesas nos grandes castiçais dourados, a música... que sabia ele? Só tinha certeza de uma coisa: Abel, na sua opinião, era uma criança, mas muito criança mesmo, sem quase nenhum entendimento.

Quanto a seu Ferreira, nunca disse o que pensava de Abel, além, é claro, de gritar, quando se irritava ou quando muito contente, que Abel era um maluco. Mas D. Maria costumava olhá-lo, pensativa. Ceci, desde que começara a namorar às escondidas o filho do diretor dos Correios e Telégrafos, esquecera-se inteiramente de sua existência. Ivan, com o tempo, também esqueceu-se dele, mas antes que isso acontecesse fôra o último a perder a esperança de vê-lo aprender alguma coisa. Sílvio sentia por Abel um distante parentesco de marginal, mas Dick nunca o perdoou e, tôdas as vezes que Abel entrava no bar, investia, latindo furiosamente. Abel sorria lá de cima de seu metro e noventa, tranqüilo, vendo o cachorrinho sem coragem de mordê-lo. Ivan vinha correndo e gritava com Dick, segurando-o e batendo-lhe. Certo dia, muito surpreso disse para Augusto Pintor, que andava por perto:

— Veja como ele treme.

— Isso é da raça — explicou Augusto com ar de veterinário. — Os cachorros dessa raça são muito nervosos. Tremem à-toa.

Ivan acreditava bastante nas afirmações de Augusto, mas daquela vez desconfiou que a causa da grande indignação do Dick deveria ser outra, que ele também não sabia, é certo, mas deveria ser outra...

x x x

A MEDIDA QUE o bar se esvaziava, Abel ia se aproximando da saleta onde jogavam cartas, pois os jogadores eram os últimos a sair.

Zé Soldado aparecia sempre, depois de levar o jornal ao marechal e, assim que chegava, ia se sentando com ar exausto, como se tivesse trabalhado muito. Desatava o cinturão, a correia das perneiras e tirava o quepe, perdendo inteiramente seu ar marcial e, bem sério, dava início à partida, pois ele era o encarregado de dirigir o jogo. Baralhava as cartas, entregava-as para o corte, distribuía-as, tomando nota dos pontos ganhos ou perdidos. Antes de escrever os números, Zé Soldado sempre umedecia nos lábios a ponta do lápis, como se isso ajudasse a ressaltar no papel pardo de embrulhos os algarismos que desenfiava caprichosamente. Zé Nanico ria-se dele, dizendo

que, não sendo lápis-tinta, seria inútil fazer aquilo. Zé Soldado não gostava que falassem no seu cacoete e como quem não quer nada, com a fala mansa, afirmava que cada um tinha a sua mania. Exemplificava logo com o Augusto, que, em vez de trazer a garrafa de cachaça para a mesa, levantava-se de vinte em vinte minutos para ir beber um trago e demorava-se perturbando o jogo. Augusto pedia desculpas se atrapalhava a boa ordem da partida, mas argumentava que aquilo não era mania, pelo contrário havia muita lógica na sua atitude, pois se ele trouxesse a garrafa, beberia demais. Assim, com a cachaça longe, cada vez que sentia vontade, tinha preguiça de levantar-se logo e ficava mais alguns minutos. Ora, no fim da noite, somando todos esses minutos e transformando-os em bebida, seria exatamente aquela quantidade que ele não deveria beber para conseguir chegar em casa.

Bom Cabelo esfregava as mãos, contente.

— É Zé Soldado, tu é muito vivo, mas com o Augusto tu não pode.

Perder para o Augusto não era uma desonra muito grande, mas assim mesmo ele desconversava:

— Vamos jogar, gente!

— Vamos embora, Zé — dizia Augusto, conciliatório.

Aquêles homens que se reuniam ali também tinham sua opinião formada a respeito de Abel e, quando ele se aproximava, diziam coisas a seu respeito, sempre as mesmas, com ligeiras variações. O único que não variava era Augusto, que assim que via Abel se aproximar, o saudava:

— Fala, amigo Abel, velho de guerra!

Abel sorria e, também, invariavelmente, dava a mesma resposta:

— A paz seja convosco!

Augusto sorria, mas continuava atento, olhando as cartas. Os outros não diziam nada, prestando atenção ao jogo, e Abel ficava quieto, tranqüilo, olhando-os jogar em silêncio. Entretanto, não raro quebravam o silêncio para discutirem a sua situação. Zé Nanico revoltado — principalmente se houvesse perdido aquela parada — afirmava convicto:

— Um homem dêses num país socialista seria tratado e recuperado. Isso é uma vergonha!

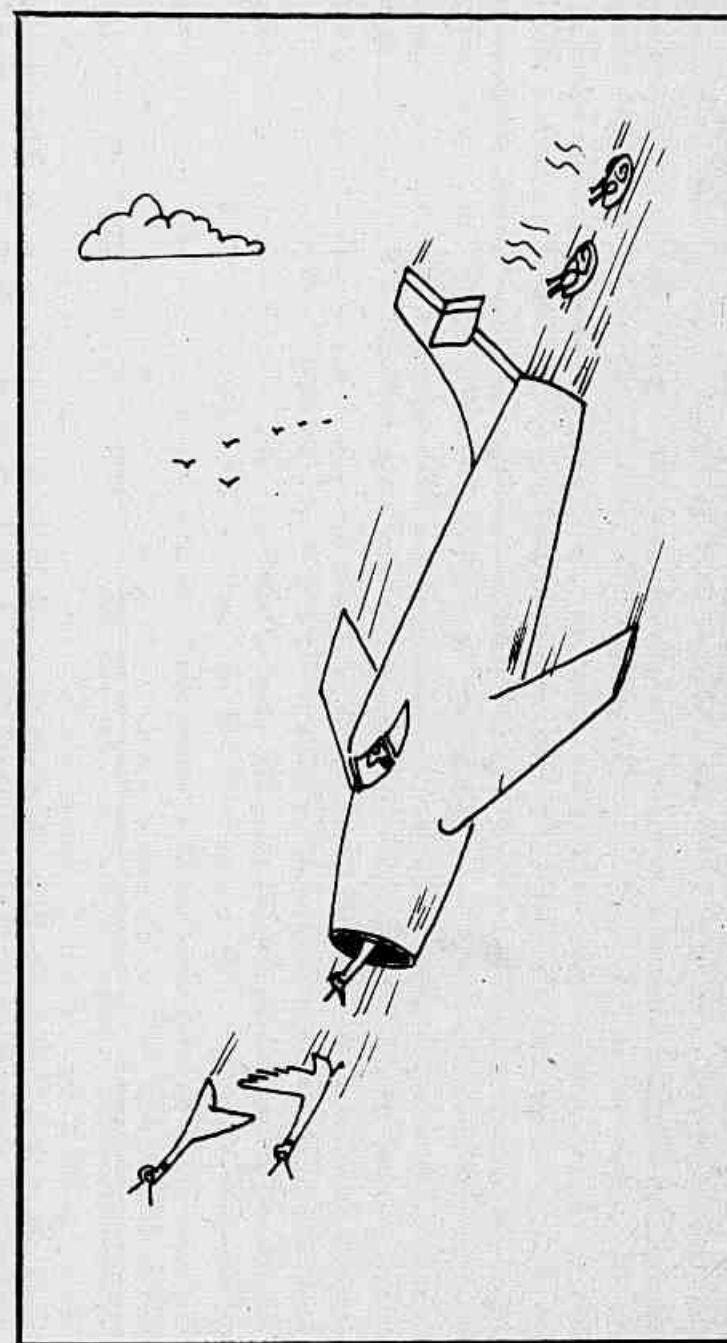
Zé Passarinho aceitava logo a provocação:

— Deixa de ser burro! Isto é porque na outra encarnação ele usou a vida muito mal e agora está pagando. O senhor não acha, seu Bernardino?

— É possível — dizia o ex-funcionário — mas o culpado é o governo. Uma criatura dessas não deveria ficar entregue à própria sorte. O senhor sabe, hoje em dia nós não temos mais governo.

— Do que eu me admiro. — E sempre o Zé da Amélia se admirava da mesma coisa — é que um infeliz dêse jeito, andando por aí nessa friagem, não apanhe uma tuberculose.

Seu Chico balouçava a cabeça, pensativamente, sem desviar os olhos das car-



MOSE

tas, mas se lembrando da sua bronquite, concordava:

— É verdade.

Bom Cabelo, sem olhar para Abel, disfarçava o mal-estar que sempre sentia na sua presença. Se Abel o odiasse não haveria problema, mas ver aquele sorriso idiota lhe fazia mal. Entretanto, ele não se dava por vencido, e ficava ali jogando, apesar de tudo. Gostava de submeter as questões à apreciação de Augusto.

— Que é que você acha?

— Eu acho que Abel fugiu de um quadro de El Grecco.

— Quem é esse cara?

— Um pintor.

— Bom?

— Um mestre.

— E pinta gente assim?

— Pintou muito.

— Mas ninguém compra e ele vai é morrer de fome.

— Já morreu há muito tempo de morte morrida.

— Sujeito ignorante. Ele devia era pintar mulher nua, assim como a Marilyn Monroe. Você viu como venderam aquelas folhinhas? Imagina se fôsse pintura bacana. Aí, sim, é que ele ia vender. Tu não acha?

— Prefiro a Sofia Loren.

— Vamos deixar de conversa fiada, — reclamava Zé Soldado, que não admitia gracejos no meio da partida de cartas, pois para ele aquilo se revestia de uma grande seriedade. — Deixa esse Abel para lá e presta atenção ao jogo. Vocês parecem que estão a fim de me gozar.

— Não é gozo, não, Zé Soldado — respondia Augusto, já meio embriagado. — Eu juro como Abel fugiu de um quadro de El Grecco.

O ÔLHO E EU

LUIZ LOBO

ERA TERÇA-FEIRA e eu tinha seis anos, quando descobri ser um desperdício andar com os dois olhos abertos. Imediatamente me propus andar, ora com um olho aberto, ora com outro; proposta que imediatamente aceitei. Para compensar o pequeno campo de visão que perdia, ficando com um olho fechado, passei a viver balançando um pouco a cabeça, para a direita e para a esquerda.

Evidentemente minha mãe não poderia compreender — e sofri com isso durante bastante tempo. Não fôsse meu pai um homem bem humorado e não haveria mais que isto para contar, agora.

Pouco depois fui para a escola. No primeiro dia já a professora me proibiu de ficar na sala se eu insistisse em manter um olho fechado. Novamente mamãe ia pro-

vocando a falência do meu método. Por sorte, a médica psicóloga do Distrito Escolar não deixou que me impedissem de agir como vinha agindo há mais de seis meses. Ela estudou nos Estados Unidos e sabe o perigo que representaria para a minha personalidade a violência que pretendiam cometer.

No Carnaval meu pai providenciou uma fantasia de pirata, com tapa-olho de couro. Esse tapa-olho eu incorporei à minha teoria, uma vez que já havia percebido que em situações críticas — como num tombo — o olho que devia estar fechado, abria, automaticamente, sem que eu pudesse controlá-lo.

Três anos depois, quando a economia de olho estava bem grande, tive noção da maneira pela qual o olho direito tratava o es-

quendo: com um ciúme incrível, doentio. Aos poucos, a situação foi se agravando, até que fui obrigado a chegar a um acordo com ele. Passei a só frequentar cinema com o olho direito. Ainda assim ele se queixava, dizendo que o outro era contemplado com as melhores oportunidades de olhar. Lembro-me mesmo de um "goal" do Flamengo que desencadeou luta declarada entre os dois.

Em menos de três anos já perdera o controle sobre meu olho direito. Um dia ele piscou para uma menina, contra a minha vontade, na frente do namorado dela. A pedrada que levei não podia vazar outro olho senão o esquerdo, como de fato aconteceu.

Minha desventura foi venturosa: fui apon-

tado príncipe-herdeiro em Terra de Cego.

Vinte anos depois, rei, sob o título de João, o Caolho, pude juntar dinheiro suficiente para ir à Alemanha, apesar do meu medo de me avistar com a Europa, que, sabia de informações seguras, gostava de comer gente.

Na Alemanha, um notável médico transplantou meu olho direito para o lado esquerdo — sonho que alimentei 20 anos. Foi em pura perda. O olho, apesar de ser esquerdo, continuou direito, com todo o mau gênio e maldade que sempre o caracterizaram.

Enfim, vou vivendo assim mesmo e enxergo muito bem. Congratulo-me pelos sete anos de economia que pratiquei e que, por certo, agora me valerão.

Jaguar.



todos sorriem. Quantos são inimigos íntimos?

ONITA da semana do Copacabana-
das do embaixador
e Faria. Estão de
lona Fátima, Arlete
Adelaide de Castro
organizaram as des-
o mesmo tempo en-
s do Titio Octavio
il e trezentos cru-

DE carioca vários
ontram vários ini-
os podemos apontar
Eudóxia Gualberto.
mas no fundo não
s, porque disputam
fitriã do Rio. Em-
a senhora Winans
a, ainda tem a pre-
o um. E depois de
os Gualberto, ela
as...

AS senhoras Lour-
Sousa Campos que,
inhas, são inimigas
disputam a liderança

AR Elisinha Moreira
. Mas êstes não são
mesmo. A fortuna
o Moreira Sales não
rahim e o prestígio
seguir apagar Eli-
guém sabe o verda-
levou a se tornarem
ambos muitas vê-
mesa (mas sem ao
lavra...)

UB temos o sr. Vi-
oi o melhor presi-
teve, é o sr. Celmar
a suspensão imposta
do o sr. Galliez di-
clube.

NA NOVA GERAÇÃO temos as senho-
ritas Ilde Garavaglia e Heloisa Dolabela.
Ambas disputam, sempre, o mesmo na-
morado e os anos passam e nada de
casamento...

TAMBÉM SÃO INIMIGOS (inimigos
mesmo) o príncipe dom Carlo Tasso
Coburgo e Bragança e os príncipes dom
Pedro e dom João de Orleans e Bragança.
O primeiro afirma que dom Pedro não
tem direito ao trono, enquanto dom Pe-
dro afirma que dom Carlo não pode usar
o nome dos Bragança.

NO "SACHA'S" TEMOS dois inimigos
íntimos: os senhores Carlos Machado e
Sacha. São sócios, mas não se tragam.

NO SETOR DO CATETE podemos apon-
tar as senhoras Sara Kubitschek e Que-
ridinha Bias Fortes, duas autênticas ini-
migas íntimas. Motivo: as Pioneiras So-
ciais de Belo Horizonte...

EM "SOCIETY" encontramos dois fer-
renhos inimigos: A senhora Ivone Lopes
e o sr. Henrik Spitzman Jordan...

TAMBÉM INIMIGAS SÃO as senhoras
Lea Duvivier e Ruth Almeida Prado, que
estão sempre em guerra declarada... De-
clarada mesmo!

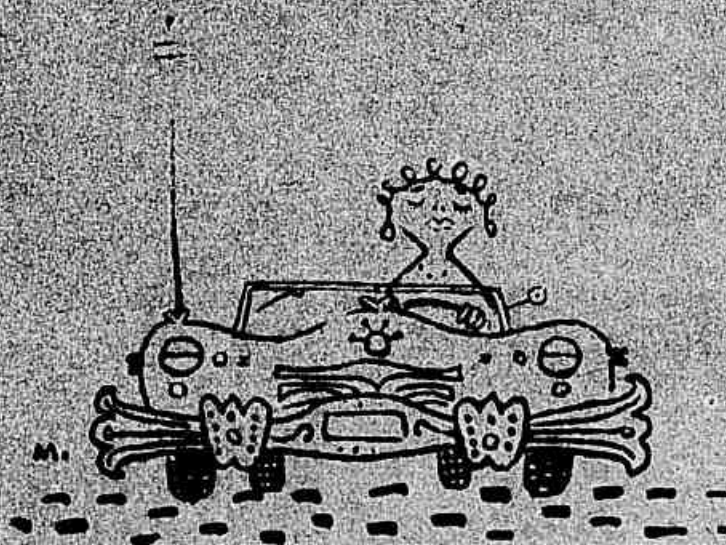
JÁ NO SETOR do "society" libanês
são inimigas íntimas as senhoras Nely
Jafet e Josefa Jordan...

E NO SETOR DIPLOMÁTICO apon-
taremos os embaixadores Rubens de Melo
e Ernani do Amaral Peixoto. Êstes não
são íntimos, são inimigos mesmo!

E PARA TERMINAR garanto a vocês
que, se alguém reunisse todo êsse grupo
em um jantar, todos abririam largos sor-
risos como se tudo estivesse em um ver-
dadeiro mar de rosas... Gentlemen e
ladys...



Lady Maxwell informa



NO JAPÃO É GRANDE HONRA SER CARECA COMO ESPELHO



O vencedor (n. 17) foi beijado por Jayne Mansfield

Condições necessárias:

1. ser careca;
2. convicto;
3. entusiasta;
4. bem sucedido (como convém);
5. japonês.

Essas eram as condições para que um cidadão pudesse se inscrever no "I Grande Concurso Japonês de Afirmação da Superioridade das Carecas", organizado em Tóquio.

117 candidatos se inscreveram e só 41 chegaram à final, quando os juizes (21, todos eles carecas) selecionaram 19.

Depois de:

1. Apresentar-se aos juizes, um por um, deixando-se examinar;
2. Cantar (mesmo) os seus sucessos devidos à careca;



Na cena de amor o cobertor é importantíssimo.

3 Interpretar uma cena de amor onde a careca tivesse sempre papel importante.

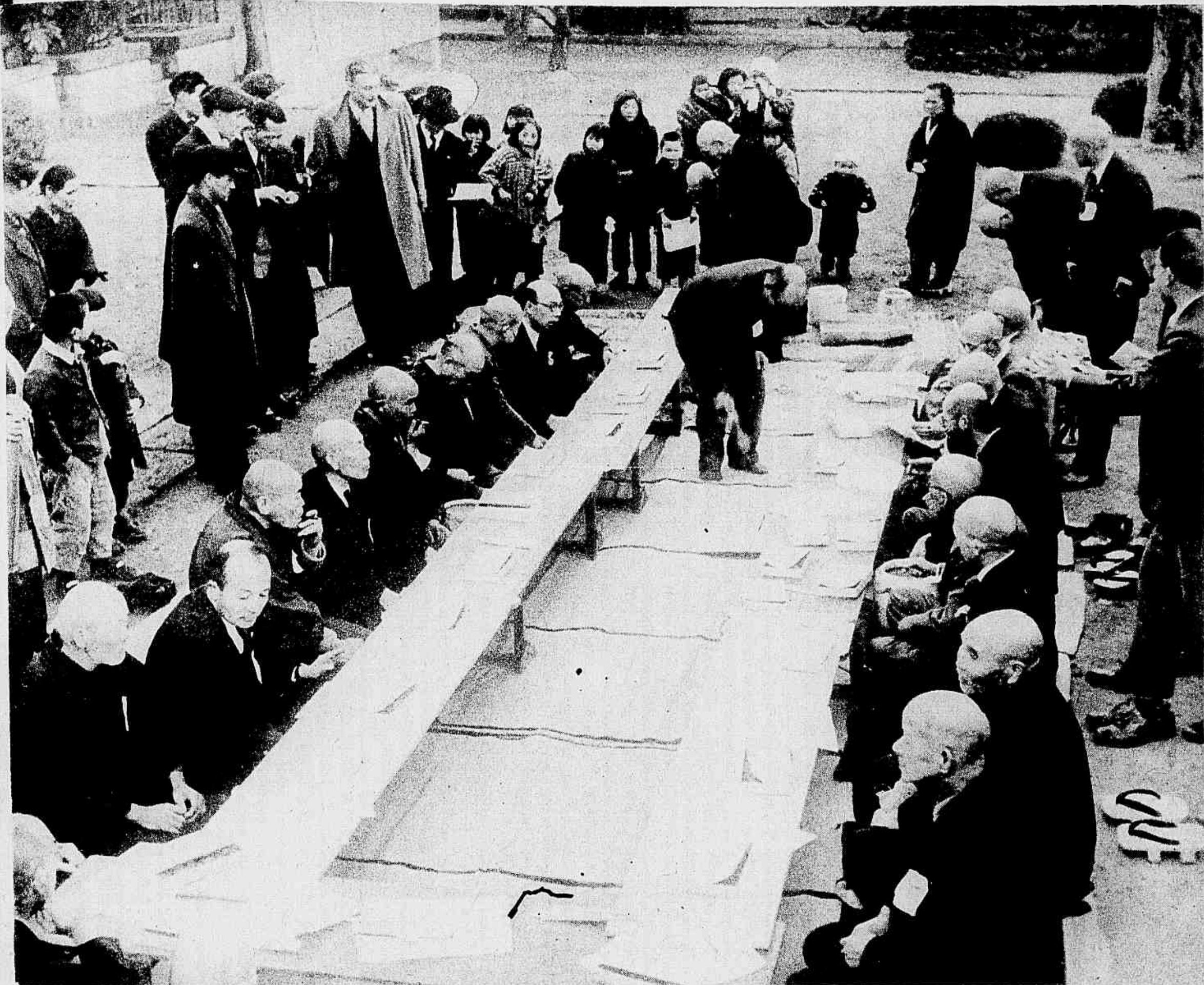
O candidato ainda era obrigado a um discurso subordinado ao tema 'Das vantagens e necessidades de uma careca no Império do Sol Nascente'.

Três candidatos sobressaíram-se mas decidiu-se o concurso em favor do Mishuiro Tanaga que — por ser careca — conseguira de Jayne Mansfield um beijo.

Levando em conta que o beijo fôra na careca e pela careca, os juizes, unanimemente, clamaram Tanaga "o dono da careca mais bonita e elegante do Império", com direito ao título extra de "o careca mais feliz do Japão".

Jornalistas americanos que fizeram a cobertura do acontecimento conferiram ao vencedor mais um título: "o mais perfeito modelo de antes para loções capilares".

Prêmio ao primeiro colocado: um espelho, "símbolo da perfeição jamais alcançada".



Todos os juizes eram carecas e a apresentação pessoal eliminou "todo aquêle que ousasse ainda ter cabelo".

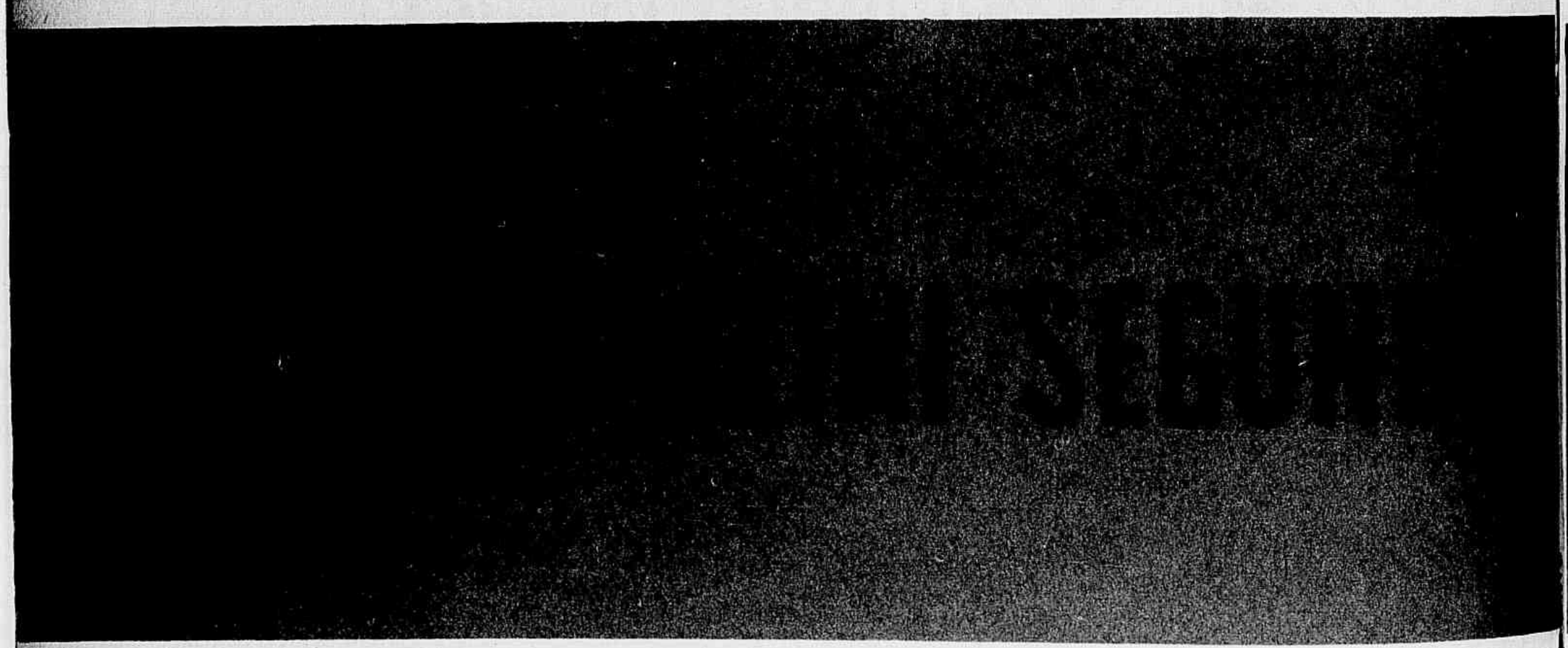


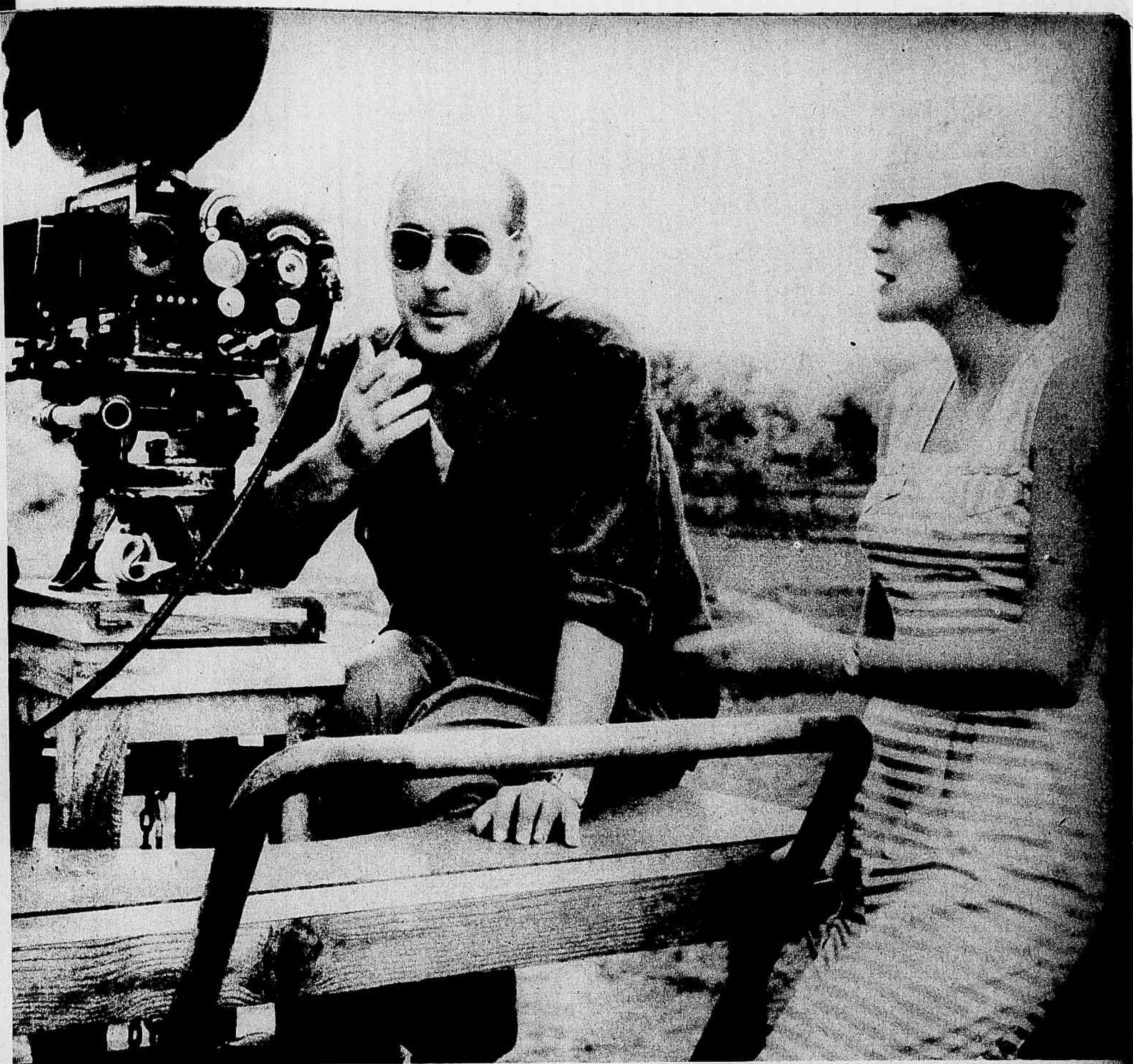
Ao vencedor o espelho, "símbolo da perfeição jamais alcançada pelo homem".

EXCLUSIVO



"Índia 1957" está para Ingrid Bergman assim como "Stromboli" está para o dr. Peter Lindstrom — dizem os colunistas de me





xericos, que acrescentam : Rossellini só é fiel ao cinema, através do qual conhece tôdas as mulheres por quem se apaixona.

Rossellini diz que ainda ama Ingrid

"Basta pronunciar o meu nome em um salão, num teatro, num café, num colégio de mocinhas, num hospital, em reuniões de pessoas frívolas ou inteligentes, jovens ou velhas, honestas ou não, para que logo surja a discussão e o campo se divida em dois grupos apaixonados, um me defendendo e o outro combatendo e censurando.

Eu sou assunto para rivalizar com o da política externa dos Estados Unidos ou o dos discos voadores.

Nos últimos anos os meus inimigos pintam-me com cores bem negras: Para eles eu dei sorte com alguns filmes, soube desfrutar do cartaz internacional, destruí a felicidade de uma família, tomei a esposa de outro, e fiz com que ela tivesse mais filhos do que filmes para trabalhar, arriscando acabar com a carreira dela, traindo-a com outras mulheres e vivendo às custas dela.

COLOCADA NESTES termos qualquer discussão em torno de meu nome parece inútil pela falta de objetividade... A verdade é que eu continuo a trabalhar, conseguindo capitais para os meus filmes, viajando e ganhando a confiança dos expoentes máximos do cinema internacional, até de Chaplin. Um "script" que eu faço, uma opiniãozinha minha, um simples filme que eu produza ainda tem grande repercussão e podem tornar-se o grande assunto do dia.

Além disso, Ingrid está felicíssima por trabalhar comigo. A sua carreira não está encerrada, nem ela perdeu prestígio, como dizem as más línguas: as ofertas que ela recebe hoje (para filmar) são bem superiores às de antigamente, quando trabalhava em Hollywood. Ela ganhou com "Anastasia" o "Oscar" que já havia merecido com "Europa 51", segundo os críticos de fama mundial, e jornais franceses e italianos.

Mais outras verdades: os insucessos de alguns filmes que fiz nada têm a ver com a crise do cinema italiano. E reina a mais perfeita paz entre nós, cada um tendo as próprias satisfações artísticas.

Em 20 anos de carreira cinematográfica e dez de popularidade mundial eu tenho levado, apesar de tudo, uma vida imperturbável. Jamais procurei defender-me dos ataques mais ou menos velados ou dos mais ou menos honestos que me têm sido feitos de todos os lados. Dei entrevistas à imprensa para falar de meu trabalho, respondi sobre minha vida íntima, defendi-me das acusações e só aceitei a intromissão de fotógrafos em minha vida privada, quando o assédio deles ameaçava acabar em brigas sérias.

PERIÔDICAMENTE, COM uma pontualidade que fazia santo perder a paciência, a imprensa de todo o mundo (a americana na liderança, como sempre nestes casos) procurou em meus trabalhos, em minhas viagens, na minha vida com a família um motivo para escândalo e mexericos dos mais sórdidos. De vez em quando, particular ou publicamente, diziam coisas feias de mim sem que se apercebessem (ou bem cientes disto) do mal que me faziam como homem e como artista.

NÃO É FÁCIL vencer-me na minha natural aversão em tratar, em entrevista, assuntos que eu sempre mantive em segredo, como não tem sido fácil levar-me a um terreno que muitos consideram o mais escabroso para mim e que, na realidade, oculta uma desapiedada luta de interesses. Não me tem sido fácil vencer a aversão pela imprensa, mas a culpa é das críticas sobre a minha vida, a informação perniciosa, a malignidade, o mal costume.

DEPOIS de dez meses na Índia, trabalhando num filme de 9 episódios (do tipo "Paisà") e após suportar em silêncio a campanha da imprensa sobre o pretense romance com a minha querida colaboradora direta, Somali Das Gupta, uma bela indiana, casada, mãe de 2 filhos, tive que abandonar meus trabalhos por duas semanas e fui a Paris, Londres e Roma resolver negócios — e também por motivos familiares.

O primeiro assalto da imprensa: em Genebra, onde o avião fez escala de uma hora. Respondi com a maior calma, tranquilamente, às perguntas dos repórteres.

Dai a pouco apareceu o "public-relations" americano de uma companhia de cinema e me disse:

— "Vai chegar agora um avião com a Jane Mansfield dentro. Será que você podia recebê-la e deixar-se fotografar ao lado dela?"

"Não, muito obrigado" — disse eu.

Dez minutos depois a exuberante Jane Mansfield, cópia mais autêntica da Marilyn Monroe, desceu de um avião e correu ao meu encontro. Atrás, na frente, dos lados, por cima, um batalhão de fotógrafos.

"Muito prazer em conhecê-lo, senhor Rossellini", disse a louríssima Jane, requebrando-se toda dentro de um justíssimo vestido vermelho. Os seios saltavam para fora.

"Ora, muito prazer" — respondi.

A atriz trazia no colo um gracioso cachorrinho:



A 1.ª foto de Isotta e Isabela. Um dos motivos

"O senhor gosta de cachorro?"

"Gosto".

"De verdade?"

"De verdade".

"Gosta de cachorro em geral?"

"Gosto de cachorro em geral".

"Tem cachorros?"

"Tenho cachorros".

"Eu tenho oito".

"E eu tenho um canguru".

"Um canguru?", perguntou assustada Jane Mansfield. Depois, virando-se toda para o empresário: "Ora, eu também quero um canguruzinho". Sorriu e se requebrou de novo, mais forte ainda:

"Bye, bye, mister Rossellini".

"Bye, bye, miss Mansfield".

No dia seguinte, já havia boatos que ligavam o meu nome ao de miss Mansfield.

INGRID: CASA CHEIA HÁ UM ANO

Quando o avião chegou ao aeroporto de Orly (Paris) eram 5 horas da tarde e a chuva já havia cessado. Lá estavam os jornalistas, toda a imprensa internacional de Paris. Eu fui, não sei por que,



vos de queixa de Rossellini contra a imprensa.

o primeiro a descer do avião. Fotógrafos e repórteres subiram as escadas do avião e não me deixaram passar. Não dei importância às perguntas que me faziam:

"É verdade que vocês estão separados?"

"Tudo é falso, tudo é falso!"

"Vai reconciliar-se com Ingrid?"

"Não, porque nunca brigamos".

Andei ligeirinho em direção à Alfândega, sempre olhando para a frente, na esperança de ver minha Ingrid. Parecia que ela estava perdida no meio da multidão. Eu já estava pálido, irritado, cansado da longa viagem, quando vi Ingrid. Ela estava sentada num banco, próximo ao balcão da polícia, procurando esconder-se dos olhares maliciosos da multidão. Vestia um pulôver vermelho e uma capa impermeável azul.

Ingrid me aguardava com um sorriso nos lábios e me abraçou carinhosamente, enquanto os fotógrafos explodiam os seus flashes. De olhos fechados, rostos colados, acariciamo-nos demoradamente, ela o meu pescoço, eu os seus cabelos. Esquecemo-nos por um momento que éramos o centro de atração dali, e fizemos as vezes de dois amantes que provam um final feliz.

HORAS MAIS TARDE eu entrava, na ponta dos pés, bem devagarinho, no salão do THEATRE DE PARIS onde, há mais

de um ano Ingrid é aplaudida calorosamente em "Chá e Simpatia". Tão logo o pano desceu e as luzes se acenderam o público deu com a minha presença ali. Eu corria para os camarins, queria abraçar Ingrid. E os franceses que são amáveis, sensíveis a essas coisas, compreenderam: Ingrid só voltou duas vezes ao palco para agradecer os aplausos.

EU SOU o primeiro a alegrar-me com o êxito artístico de minha mulher: "Um sucesso sem precedentes", disse um diretor de cena. E ele sabe melhor que qualquer outro que o Theatre de Paris é um dos maiores da grande cidade, com 1200 lugares. Pois bem: Ingrid esgotou todos os lugares, todos os dias, durante o ano todo.

Ingrid é formidável. Quando ela me deu a comédia para ler eu lhe disse que era feia, e ela não concordou: interessava-lhe não a peça, mas o personagem. Ninguém faz mistério disso em Paris: o sucesso de Ingrid é dela mesma, é coisa pessoal.

Os empresários (que pensaram em resistir, quando muito, 2 meses) arrecadaram um milhão de francos por noite, superando muitas vezes a arrecadação do Lido de Paris, que tem nu artístico e por isso é etapa obrigatória para qualquer turista que se preze.

"QUERO PROTEGER MEUS FILHINHOS"

A nossa chegada em Paris nada tem de extraordinário: eu só tinha um sonho, que era o de repousar com minha mulher e, quando muito, comer pratos italianos num dos mais famosos restaurantes de Paris. Mas os meus afazeres e a publicidade mudaram o meu programa. Poucas vezes saímos sòzinhos; preferíamos ficar no hotel, repousando. Depois do espetáculo no Theatre de Paris fomos jantar com amigos italianos, no pequeno bar do hotel. A começar pelo seu gerente, o Hotel Raphael está sempre cheio de italianos, principalmente artistas de cinema. Eu descobri esse hotel em 1946: ele tem dimensões pequenas e fica a dois passos da Place Etoile e dos Campos Elísios, numa rua sossegada, toda arborizada, com pouco tráfego e nenhuma loja. Sòzinhos (ou com os nossos filhinhos) ficamos sempre nesse hotel, no 1.º andar, onde temos passado a maior parte de nossa vida, ultimamente. Daí porque "não sair" quer dizer "ficar em casa" para nós. Nas quintas-feiras, quando Ingrid folga, jantamos no apartamento do hotel. E agora contamos o que sofremos nesses dez meses de separação.

NÃO É POSSÍVEL que Ingrid saiba o que andei fazendo na Índia através dos jornais. Eu lhe escrevia e telefonava pelo menos uma vez por semana. E pelo telefone eu não lhe podia contar os fatos mais curiosos que me aconteciam. Conversávamos sobre cinema, os meninos e até

sobre negócios. Ela me mandava as fotografias mais recentes e eu lhe mandava fotos minhas, montando elefantes grandes, pois sabia que eu em cima de um elefante ia agradecer os nossos filhos.

As vezes eu mandava presentes. É engraçado, mas o que mais impressiona, quando se está longe de casa, é a voz da petizada pelo telefone. Não sei, mas eles parecem ter uma cadência própria, que de mês em mês se torna mais forte, parecendo um testemunho do crescimento dos meninos.

Quando eu falo de minha família faço-o com afeto e mesmo com emoção. Talvez seja esta a principal razão porque não gosto de tocar no assunto, a não ser com os amigos mais íntimos. É uma espécie de pudor leva-me a proteger, com todas as minhas forças os meus filhos da curiosidade pública. Estou atualmente muito preocupado com Robertinho, que o ano passado estudou em Paris e este ano estudará em Roma.

Estou muito preocupado porque eles vivem com uma governanta, em Roma.

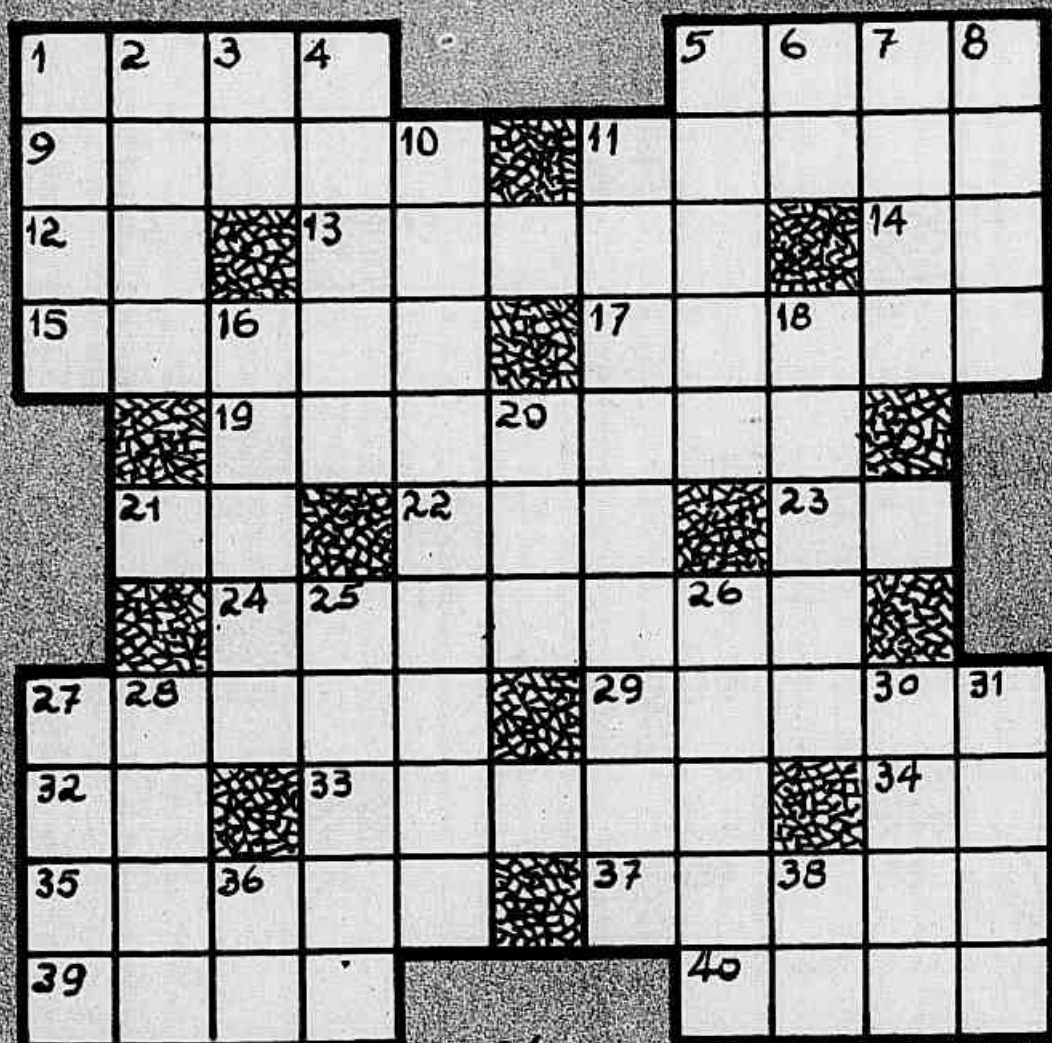
ENTROU PELA JANELA

Eis porque não gosto muito da imprensa: certa vez uma jornalista inglesa entrou pela janela no nosso apartamento e outra vez, minha filhinha foi internada num hospital para fazer uma operação (peritonite) de urgência. Eu estava fora e não sabia de nada. Ingrid só me escreveu quando a menina estava fora de perigo e passando bem. Na carta ela me contava que um fotógrafo forcara a porta do quarto para fazer a primeira fotografia, isto minutos após a operação, com minha filhinha em estado desesperador.

Estes são episódios cruéis que só o mundo moderno pode aceitar, e desafio qualquer pai a justificar semelhante atitude.

Outra crueldade: o que fizeram com minha Ingrid agora, com a visita de sua





Chaplin - Rio

PROBLEMA Nº 16 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Extremidade dos ramos da ferradura — 5. Vento do NE que sopra no litoral das províncias ilírias e da Istria — 9. Tontos — 11. Tubo de metal em que se coloca a palheta de alguns instrumentos musicos — 12. Segundo — 13. Retornar ao estado normal — 14. Medida japonesa de capacidade — 15. Extinguir — 17. Coaxar — 19. Enche de mataduras — 21. Grande quantidade — 22. Rumor — 23. Entre nós — 24. Caverna de navio — 27. Iguaria de massa de feijão cozido frita em azeite-de-dendê — 29. Talento poético (pl.) — 32. Batráquio — 33. Garantia de um contrato — 34. Nociva — 35. Aliada — 37. Colar de pérolas — 39. Nome dado pelos habitantes de Recife aos subúrbios da capital — 40. Personagem lendária, entre os indígenas brasileiros.

VERTICAIS: — 1. Fratricida — 2. Cantiga — 3. Espécie de tambor afro-brasileiro, do tipo do atabaque — 4. Tentam — 5. Luto — 6. Luz que emana da ponta dos dedos — 7. Espécie de filária — 8. Incitamento — 10. Espécie de formiga — 11. Falar de mais — 16. Certo peixe de mar — 18. Lacre — 20. Divindade egípcia — 25. Invocação — 26. Revoltosos de Alagoas em 1844 — 27. Lavram — 28. Leito — 30. Desejam — 31. Carne salgada — 36. Donaire — 38. Símbolo do cobre.

PROBLEMA Nº 16 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Membro empenado das aves — 4. Rio da Suíça — 7. Menino ou menina — 9. Arma para arremessar flechas (pl.) — 10. Feminino da terminação «ão» — 12. Sereia dos rios e lagos — 13. Instrumento agrícola — 15. Sobrenome — 16. Cozinheiro — 18. Batráquio — 20. Em má hora — 22. Voz imitativa do rufar do tambor — 24. Pedra do altar — 25. Gemidos.

VERTICAIS: — 1. Quebradiço — 2. Abrev. de senhor — 3. Camareira — 4. Quartos traseiros dos animais — 5. Despertar grande desejo — 6. Pouco profunda — 8. Nome de homem — 11. Aprimorar, tornar puro — 14. Respeita — 16. Substância produzida pela abelha — 17. Quer bem — 19. Mulher de baixa estatura (pl.) — 21. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 23. Estudei.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 15

PARA VETERANOS

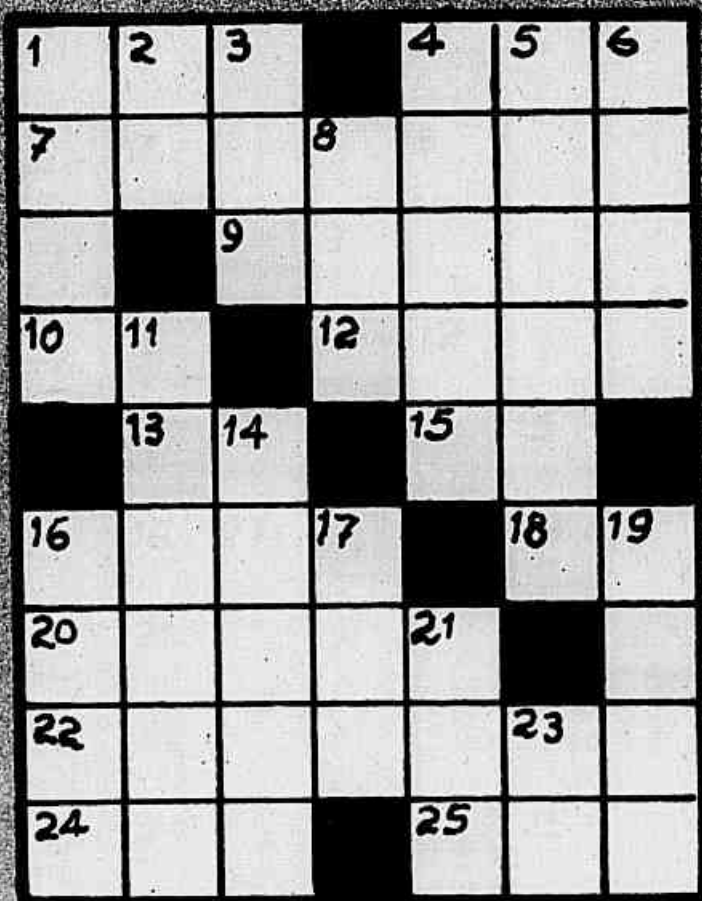
HORIZONTAIS: — 1. mar — pre —
— 9. — 11. — 12. — 13. — 14. — 15. — 16. — 17. — 18. — 19. — 20. — 21. — 22. — 23. — 24. — 25. — 26. — 27. — 28. — 29. — 30. — 31. — 32. — 33. — 34. — 35. — 36. — 37. — 38. — 39. — 40.

VERTICAIS: — 1. — 2. — 3. — 4. — 5. — 6. — 7. — 8. — 9. — 10. — 11. — 12. — 13. — 14. — 15. — 16. — 17. — 18. — 19. — 20. — 21. — 22. — 23. — 24. — 25. — 26. — 27. — 28. — 29. — 30. — 31. — 32. — 33. — 34. — 35. — 36. — 37. — 38. — 39. — 40.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. — 4. — 7. — 9. — 10. — 12. — 13. — 15. — 16. — 18. — 20. — 22. — 24. — 25. — 26. — 27. — 28. — 29. — 30. — 31. — 32. — 33. — 34. — 35. — 36. — 37. — 38. — 39. — 40.

VERTICAIS: — 1. — 2. — 3. — 4. — 5. — 6. — 7. — 8. — 9. — 10. — 11. — 12. — 13. — 14. — 15. — 16. — 17. — 18. — 19. — 20. — 21. — 22. — 23. — 24. — 25. — 26. — 27. — 28. — 29. — 30. — 31. — 32. — 33. — 34. — 35. — 36. — 37. — 38. — 39. — 40.



filha Pia. Não nego que a imprensa tenha seus direitos, mas por que estragar a alegria de uma mãe que quer rever sua filha, a emoção que deveria ser só sua?

E quando nasceu Robertinho? A espera doentia que havia. Eu demorei em permitir que fotografassem o menino porque tinha minhas razões: o divórcio de Ingrid ainda não tinha sido efetivado, e era preciso ganhar tempo para evitar que o menino fosse registrado com o nome de Lindstrom e que eu ficasse passível de punição (até 15 anos de cadeia).

Bem. Quando decidi que os fotógrafos podiam fotografar Robertinho, pedi o seguinte: que eles escolhessem um entre eles. Feita a fotografia, as cópias seriam divididas.

Não houve possibilidade de acôrdo. Então peguei um rôlo de fotografias e o entreguei a uma agência norte-americana que deveria se incumbir da distribuição para todo o mundo.

Dois anos depois faço um amigo: ele era gerente de um grande vespertino de Paris. Falei-lhe do episódio e vi que ele ficou embaraçado, depois me contou que pagara caríssimo pelas fotos do Robertinho, tão caro que acabou se arrependendo. Reclamou do agente norte-americano. Disse ele:

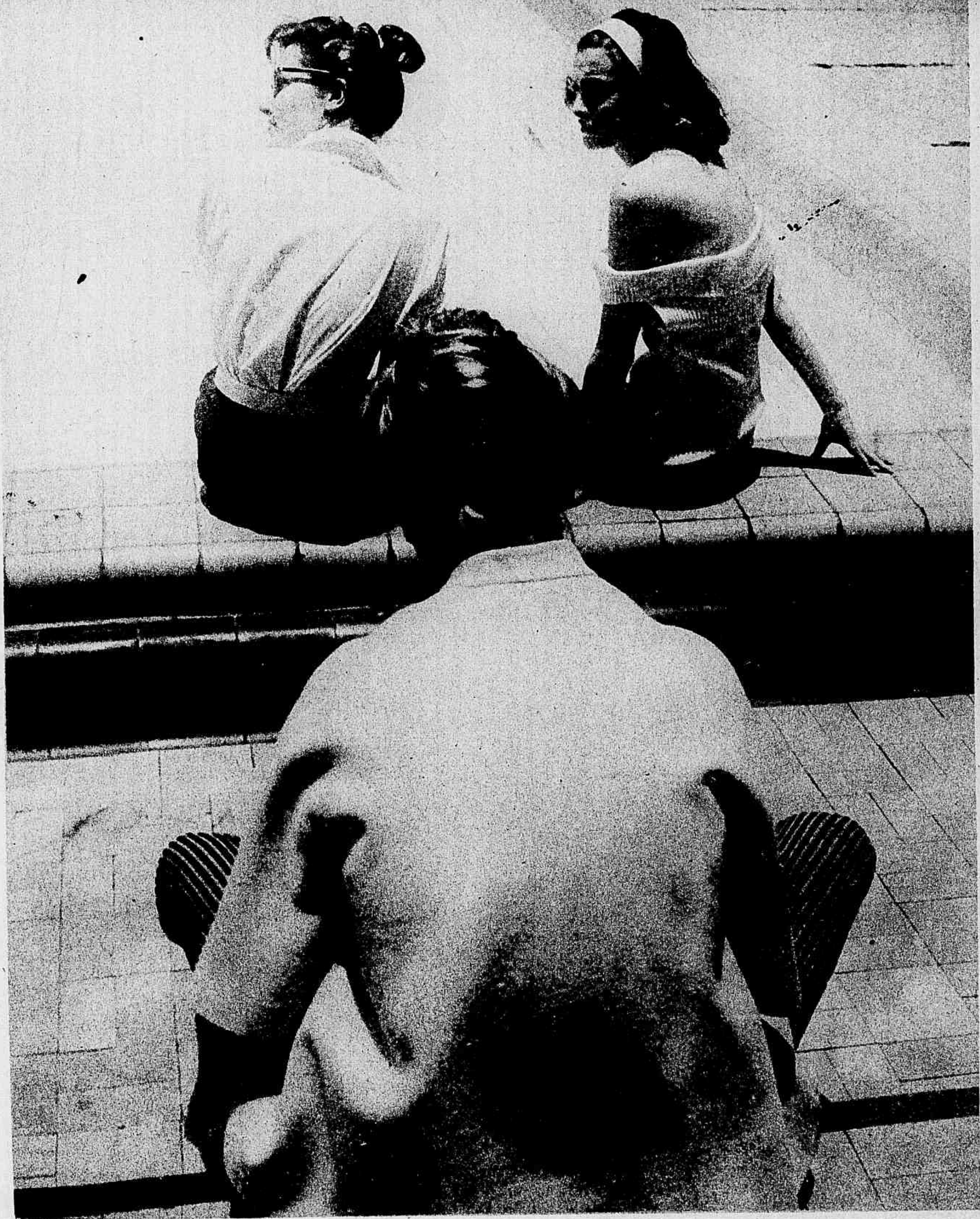
"Ah, eu também paguei caro por elas ao sr. Rossellini."

MENOS BARRIGA PARA ROBERTO

"Gostaria de dormir muito, muitíssimo. Durmo, geralmente muito pouco. Tôdas as manhãs me levanto cedo, quando não sou despertado por um telefonema. Como tenho mil e uma coisas a fazer, começo a trabalhar logo de manhã e entro pela noite. Tenho que encontrar meu advogado, ver produtores cinematográficos, conversar com amigos, procurar os técnicos para consertar um negócio lá, do filme em cores que uso para as minhas produções, seguir a revelação, dar uma olhada na montagem. E ainda devo ir ao dentista, pois na Índia há, fiquem sabendo, bons dentistas, mas eu só acerto com o meu. Quando ele dói peço para diminuir ou parar, vou lá quando bem entendo, enfim é um amigo. Uma vez por ano submeto-me a uma "check-up": é velho hábito.

Emagreci 32 quilos na minha estada na Índia... Motivo: a comida não tem gordura.

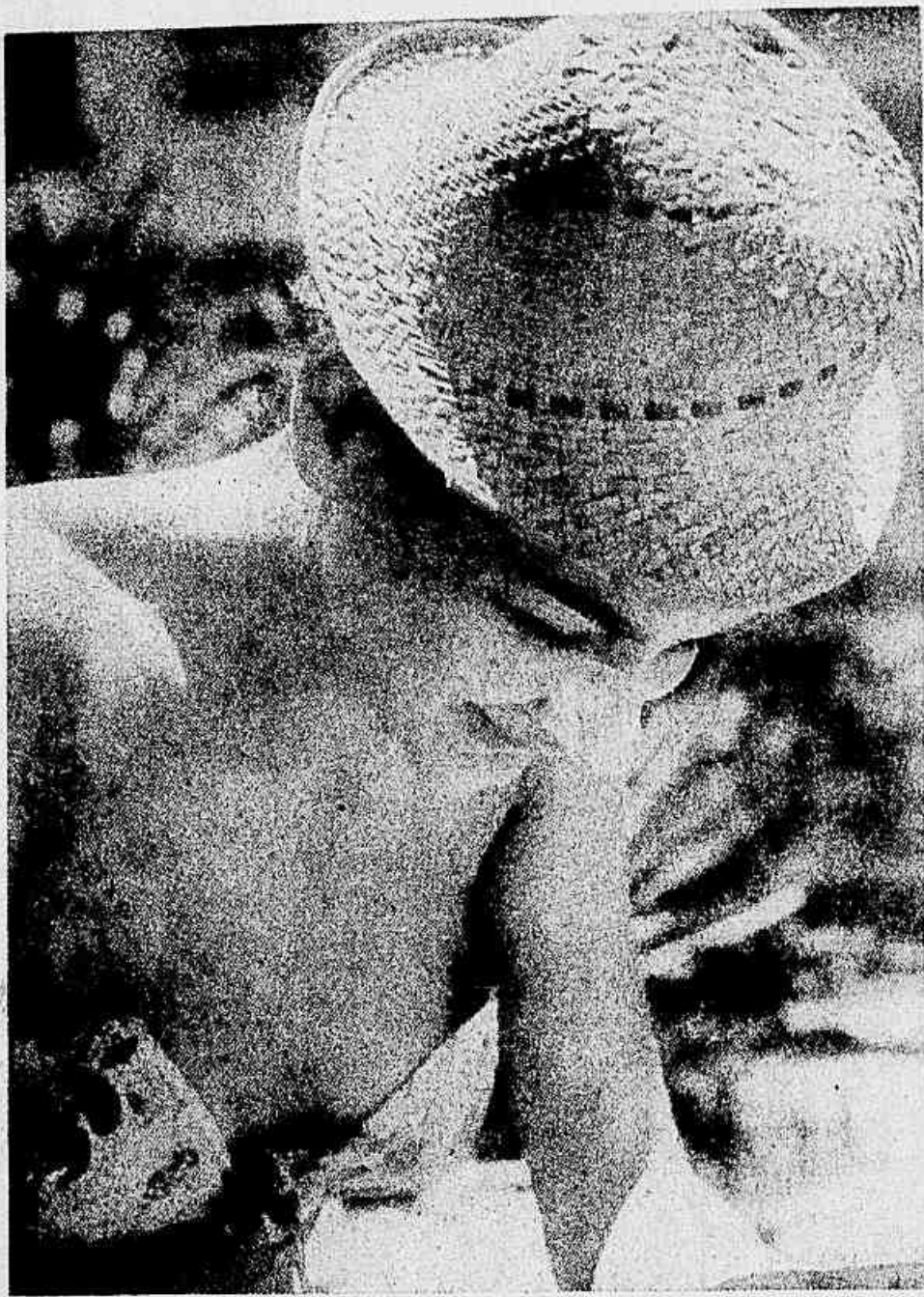
Ah, vou parar por aqui. O telefone tocou. É o Chaplin convidando-me para jantar em comemoração à pré-estreia do seu último filme. Digo que não posso ir: não tenho "smoking". Chaplin não se conforma: venha de terno azul. Saio de casa, compro um par de sapatos pretos, porque os meus são marrons. E vou jantar com Chaplin.



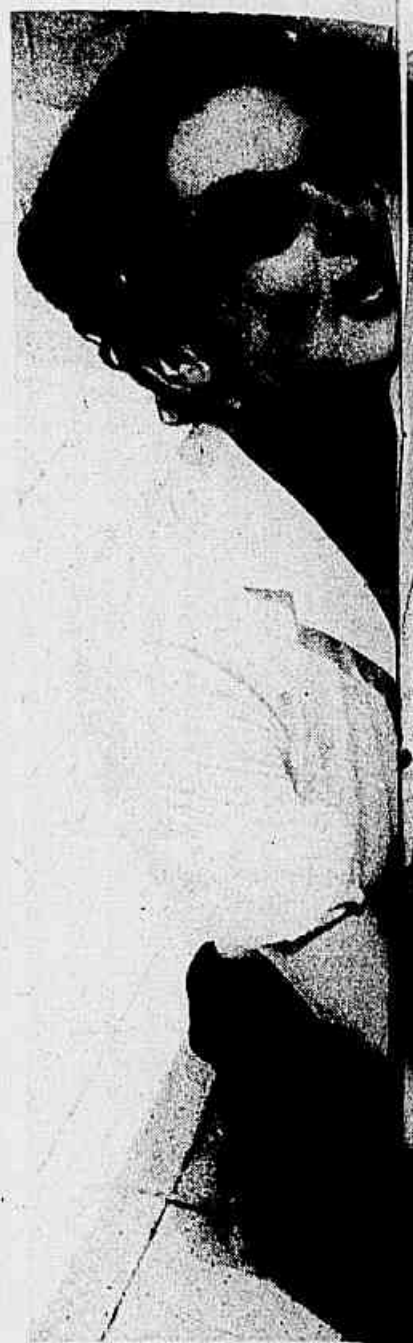
GEORGIA — JACKIE — MARTINE — CLAUDE — MARIE-FRANCE



MARTINE



JACKIE



A MODA SACO MUDOU DE NOME EM PARIS

Georgia, Jackie, Martine, Claude e Marie-France vieram ao Brasil para dizer que a Linha Saco não é saco — é Funil.

E para exibir a coleção "Varietés de Jacques Heim" — 30 modelos "da praia à cama", inclusive seis modelos saco — perdão — funil.

Georgia

nasceu em Portugal, foi para os Estados Unidos pequenina, foi para a França mocinha, tornou-se manequim de Christian Dior. Fala inglês como uma inglesa, gosta da sua profissão e tem gloriosos 21 anos.

Jackie

é uma das modelos mais fotografadas de Paris.

Já esteve no Rio com Givenchy e lançou para os brasileiros a Linha

que na época era Saco e hoje é Funil.

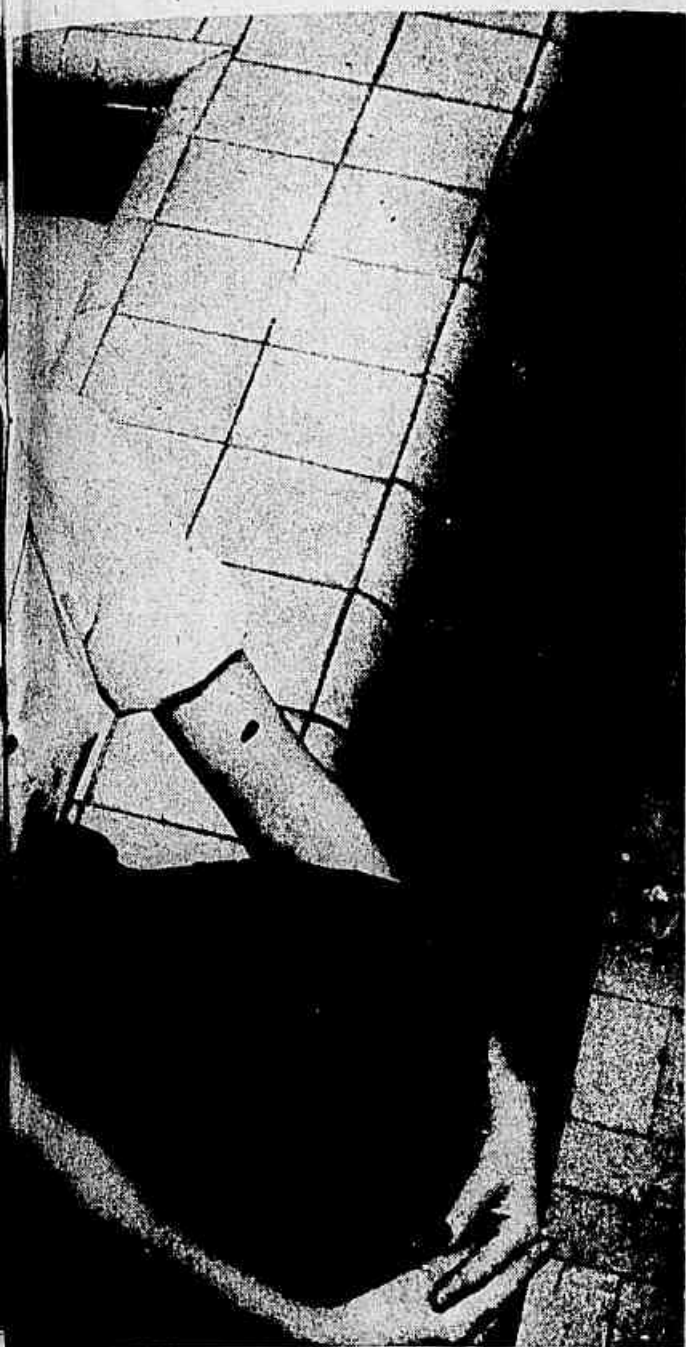
Desquitada, tem 22 anos "adora o Brasil" e os brasileiros.

Parece com Audrey Hepburn usa cabelos ruivos e é manequim de Guy Laroche.

Martine

é a favorita de Jorge Guinle (o único "play-boy" autêntico do Brasil). Tem o olhar mais bonito que todas as outras, é muito maliciosa e espirituosa. Há três anos veio passear no Rio uma semana





CLAUDE



MARIE-FRANCE



GEORGIA

e acabou ficando um mês e meio.
Tem 21 anos e diz que o Rio
é uma cidade "quatro vezes querida", mas
não explica por quê.

Claude

tem um sonho: casar
e vir passar a lua-de-mel no Rio.
É a mais velha
só com 25 anos.
Já foi capa de revista em Moscou,
onde esteve em julho do ano passado,
assistindo o VI Festival da Juventude.
Ficou "decepcionada com as mulheres
soviéticas"
e acha que "as ocidentais são 100%
mais elegantes",
"especialmente as latinas".
É ruiva e a mais sofisticada.

Marie-France

é a mais perseguida pelos homens.
Tem 17 anos,
é casada,
não gosta de falar muito
e prefere sair sozinha.
Além de ser a mais moça
é a mais alta do grupo
com 1,74.
Vai (infelizmente)
deixar de ser modelo profissional,
para entrar na Escola de Belas-Artes
— um sonho de muitos (15) anos.

Os sucessos

da coleção Jacques Heim
(além das moças)
são:

1. uma suéter de ouro,
2. uma calça de veludo bordô,
3. um vestido de baile com decote
"retaguard".







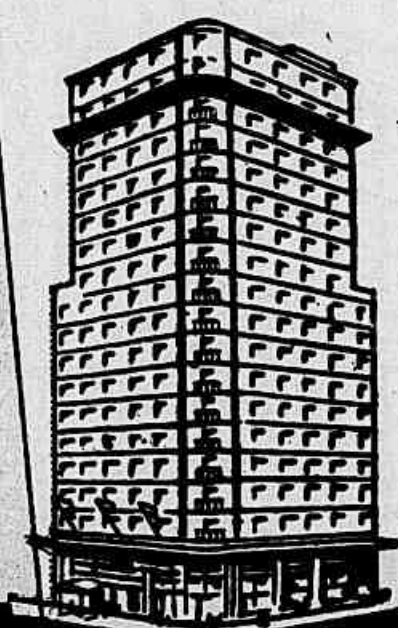
Na piscina do Copacabana o sucesso tinha um nome francês : Jacques Heim.

E três modelos foram muito comentados : "Brasília", "Salvador" e "São Paulo".



HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



Enderêço permanente dos mais ilustres visitantes

Restaurante com ar condicionado. Bar com atrações tôdas as noites. Jantar dançante aos domingos.

Serviço de restaurante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51 9181
SÃO PAULO

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Chôro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em tôdas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A VENDA

ALMANAQUE
EU SEI TUDO
PARA 1958

EM TÔDAS AS BANCAS

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiado volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Nogueira Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON.
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Archie Moore foi a K. O. com uma peixada no estômago

EXTRA

UM PEIXINHO brasileiro levou a K.O. o campeão mundial dos meio-pesados, Archie Moore. Enfrentando uma peixada no dia 8, dois dias antes da data marcada para enfrentar o campeão brasileiro Luizão, Archie foi derrotado, caindo desmaiado no elevador do hotel, em São Paulo.

A luta com Luizão foi transferida para o dia 17.

Segundo o empresário de Moore, Jacob Nahum, o peixe não estava estragado. A peixada à baiana, muito pesada e apimentada, foi que levou o campeão à lona, num dia de muito calor.

Nos meios pugilísticos de São Paulo, o comentário era um só: "Archie Moore revelou muito pouco respeito ao campeão brasileiro, não fazendo alimentação especial dois meses antes da luta".

O campeão ficou em absoluto repouso durante dois dias, quando, então, reiniciou o treinamento.

O médico Válder Aprigliano está tratando de Moore e de sua mulher, que também comeu a peixada mas não chegou a ir a K.O.

Aos empresários preocupados com o adiamento da luta porque poderia trazer prejuízos financeiros, Archie respondeu quando voltou a si: "Não se preocupem. Agora estou mal. Mas, a luta se realizará e, se necessário, lutarei até de graça".

Até o dia 8, haviam sido vendidos, na Galeria Prestes Maia (São Paulo) para a luta Moore x Luizão (do dia 10), ingressos num total superior a um milhão de cruzeiros. Prevê-se renda superior a mais de dois milhões de cruzeiros. Tôdas as localidades numeradas de Ibirapuera (local da luta) foram vendidas, restando, apenas, algumas poltronas e um terço de ingressos para as gerais.





Dido: não demora muito e será handicap 5.

TEN. CORONEL JOAQUIM PORTINHO (beque do II Exército, handicap 5). Lidera pela segunda vez a lista dos melhores jogadores. Campeão civil e bicampeão nacional militar. Tem senso de colocação, malícia, tacada forte e muita técnica.

MAJOR AÉCIO MORROT COELHO (médio, joga de 3 e de 2, é do Gávea Country Golf Club. Tem handicap). É o melhor jogador do Brasil em sua posição. Técnico, impetuoso oportunista, verdadeiro dínamo em sua equipe.

DÉCIO ASSUNÇÃO NOVAIS (atacante, atua de 2, na Sociedade Hípica Paulista, handicap 4). Tem a melhor cavalhada de São Paulo e, se levasse o esporte a sério, seria o valor mais positivo do pólo brasileiro.

TEN. FIGUEIREDO (atacante, joga de 1, handicap 3, é do II Exército). Foi a revelação do Campeonato Brasileiro. Técnico, oportunista, tivesse mais tempo de pólo e seria o jogador absoluto na posição.

CARLOS EDUARDO DE SOUSA CAMPOS (Dido, como é mais conhecido, beque do Itanhangá, handicap 4). Um dos melhores do Rio e do Brasil. Apesar de seu jogo individualista, é técnico e oportu-

nista. Jogador internacional, campeão parisiense em 1954 pelo Cibaó La Pampa.

DANIEL KLABIN (atacante, joga de 2, handicap 3, no Itanhangá). Tem bom contrôle; é ótimo cavaleiro, impetuoso e oportunista.

P. G. MEIRELES (Descendente de grande jogador do passado — Tôto Meireles — joga de 4 e é handicap 4). Tem 24 anos e é o sucessor de Laert Assunção nas seleções paulistas.

CORONEL JOÃO FRANCO PONTES (médio, do II Exército, joga de 3. Handicap 3). Veterano jogador internacional, esteve muito tempo afastado, retornando para ser campeão brasileiro civil e militar. Joga pólo cientificamente

PLÍNIO CARVALHO (joga de médio e de atacante, handicap 3). Um dos melhores cavaleiros do Rio. Se outros motivos não houvesse para que figurasse entre os dez melhores do pólo, bastaria o esforço que faz para manter a equipe da Gávea.

GERALDO CALMON DE BRITO (médio, do Itanhangá, handicap 3). Poderá, futuramente, ser o melhor médio do Brasil. Joga à marca duro, destacando-se pela impetuosidade e entusiasmo.

OS DEZ MAIS DO PÓLO EM 57

CRIME

SEBASTIÃO JORGE DA COSTA, lavrador, de religião Pentecostal (Espírito Santo), é o autor de uma nova doutrina socialista que prega o seguinte:

1. a terra não é de ninguém. É de todos;
2. mas os lavradores não têm possibilidade de tomar as terras agora;
3. Jesus Cristo voltará à terra mais dia menos dia e distribuirá os lotes com os lavradores pobres;
4. mas Jesus Cristo quer encontrar os lavradores purificados, sem o diabo no corpo.

Depois de explicar sua doutrina aos lavradores de Barra Mansa, Sebastião Jorge da Costa tornou-se líder político e religioso de todos. E começou a purificar o seu próprio filho (13 anos) matando-o a pancadas numa sessão pentecostal presidida (segundo Sebastião) pelo Divino Espírito Santo.

COMO FOI: Tornando-se muito popular e recebendo o apelido de "Bastião Conselheiro" (acham Sebastião parecido com Antônio Conselheiro), o "Enviado de Jesus" reuniu seus adeptos e mais sua mulher, **Constância Maria da Conceição**, seu pai, **Josué Jorge da Costa**, e seu irmão, **Domingos Jorge da Costa**, e começou a sessão: pegaram o menino (filho de Sebastião), que estava com o diabo no corpo, jogaram-no várias vezes contra a parede até que ele desmaiou: e morreu. Enquanto isso o "Enviado de Jesus" e os outros molhavam o corpo do menino com água benzida por Sebastião, outros limpavam as manchas de sangue no chão. Depois pegaram o menino e fizeram o seguinte:

1. cobriram o seu corpo com um lençol;
2. deixaram-no sobre um banco bem durinho, num quarto da casa onde houve a sessão;
3. lavaram o corpo com água benta para tirar a terra;
4. depois enterraram o menino e entoaram rezas ao Divino Espírito Santo. O diabo tinha ido embora;
5. fugiram todos, Sebastião na frente. Depois foram presos, Sebastião confessou tudo, disse que não estava arrependido, fez aquilo porque era sua religião, e estava acabado. A polícia pediu para reconstituir o crime: Sebastião, tranqüilamente, reconstituiu tudo direitinho, não esqueceu o menor detalhe. Depois, quando os policiais se distraíram, ele deu um grito bem forte e longo, pulou dentro do mato e saiu correndo. Fugiu de novo. Os policiais atiravam e os outros membros da seita diziam: "Não adianta. Tiro não pega nêlé. Bastião Conselheiro é "Enviado de Jesus", não morre assim".

COMO É: A seita de Bastião Conselheiro é baseada na Bíblia. Eles matam as pessoas para tirar o diabo do corpo com a Bíblia na mão, rezando muito contritos. Acham que o Divino Espírito

Santo entra no corpo deles. É só chamar. E com o Divino Espírito Santo no corpo eles fazem milagres e têm autoridade até para dividir terras. Outra coisa: Cada pessoa que vai entrando na igreja recebe uma ficha que é o horóscopo. Eis alguns horóscopos: "Matarás se meu Enviado assim o quiser"; "Eu sou a luz que Te guia"; "Não escapam de mim aqueles sobre cuja cabeça apontar meu machado. Justifica-te, orando e adorando o teu Guia Terreno". Este último horóscopo saiu para o delegado que foi prender "Bastião Conselheiro".

COMO ENTERRAM: O entêrro das pessoas mortas porque têm o diabo no corpo é assim:

1. o morto é levado para o cemitério altas horas da noite;
2. o corpo é enterrado a dois metros de profundidade, a areia é jogada bem de leve, enquanto os pentecostais rezam alto, citando versículos e capítulos da Bíblia;
3. uma senhora fica um pouco distante, ajoelhada e contrita, sem chorar (ninguém pode chorar, pois a morte da pessoa foi felicidade) com a Bíblia apertada junto ao peito;
4. está encerrada a cerimônia.

PLANOS: Os pentecostais de Barra Mansa, liderados por "Bastião Conselheiro", têm muitos projetos para o futuro. Pretendem construir um templo bem bonito, com paredes bem fortes, e já escalaram muita gente da cidade para o sacrifício, pois a missão deles é tirar diabo do corpo de quem tem. A polícia pegou uma lista dos próximos. Não quis divulgar para não temerizar os moradores de Barra Mansa. Mas se sabe que um fazendeiro rico, chamado Valdemiro, está na lista.

ÚLTIMA HORA: Por causa do latido de "Falante" (o cãozinho de Bastião Conselheiro) Sebastião Jorge da Costa não foi morto pela polícia: o cão latiu, e os policiais, que tinham ordem para matar o profeta de Barra Mansa, entraram no

mato e pegaram o homem muito magro e fraco depois de 8 dias de fuga.

Ao ser prêso, Bastião Conselheiro disse que se entregava porque recebera ordem do Divino Espírito Santo e afirmou que não está arrependido do que fez: "O meu filhinho está muito bem lá em cima!" Disse ainda que as metralhadoras da polícia não foram usadas contra ele porque a mão do Divino o protegera.

FINAL: Bastião Conselheiro está perdendo o seu prestígio em Barra Mansa. Os seus "irmãos" ficaram decepcionados com a sua fuga, porque acham que um chefe espiritual não deve fugir de ninguém. Nem da polícia. Na Delegacia de Barra Mansa, Bastião Conselheiro foi visitado por muitos "irmãos" e encontrou-se com sua mulher. Deu um beijo em "Falante" dizendo que ele era enviado dos Céus.



"São coisas de artista", disse Gina Lollobrigida, uma das centenas de celebridades que compareceram à Ópera de Roma e assistiram ao soprano Maria Callas abandonar o espetáculo após o primeiro ato, alegando bronquite e laringite. Os críticos italianos disseram: "Ela é mesmo temperamental". A foto mostra o instante em que Gina Lollobrigida chegava ao teatro.

REATAMENTO COM A URSS NÃO VIRÁ DE UMA VEZ MAS VIRÁ

OS MINISTROS MILITARES vetaram o reatamento de relações com a União Soviética numa reunião no Itamarati, depois de ouvirem dona Odete Carvalho de Souza ler um relatório da Divisão Política (da qual ela é chefe) dizendo que o reatamento é muito perigoso, pois os soviéticos podem aproveitar a oportunidade para exportar comunismo.

O relatório, porém, abre uma porta: concorda em que haja troca de missões comerciais entre os dois países, fórmula que evoluiu para uma outra, do Conselho

de Segurança Nacional, segundo a qual deve-se ver o que Moscou deseja. Se os russos querem comerciar, muito bem, mas se as missões comerciais vieram para cá trazendo comunismo, então que voltem.

Tudo indica que vai prevalecer esta fórmula. Ela é uma derrota dos partidários do reatamento, mas não uma derrota total, pois as missões soviéticas trarão inevitavelmente ao Brasil propostas irrecusáveis (raciocínio de Krushev, no caso: "quem quer pegar passarinho não diz — xô!"), puramente comerciais, e

não será fácil levar ao fracasso as iniciativas de Moscou.

A imprensa de Londres, e principalmente de Washington, vem dando o maior destaque ao assunto. Os jornais norte-americanos são unânimes em publicar advertências à Casa Branca, dizendo que ou o Departamento de Estado muda de política na América Latina ou esta se voltará definitivamente para a "Cortina-de-Ferro".

A imprensa soviética também dá destaque às notícias. E nos comentários que publica — dizem observadores de Washington — o sr. Kubitschek "é o chefe de Estado mais adjetivado dos últimos tempos".

BOAS-FESTAS

APÓS UMA INTRODUÇÃO de 10 minutos, na qual o nome de JK foi citado (por extenso) uma vez cada 75 segundos, a Rádio de Moscou leu o texto da resposta do presidente brasileiro ao telegrama de boas-festas a ele enviado por Voroshilov, Bulganin e Krushev.

A resposta foi enviada ao marechal Clemente Voroshilov, que é o presidente do Soviet Supremo (cargo equivalente ao de presidente da República). O telegrama viera assinado por ele, pelo primeiro ministro Nikolai Bulganin e por Nikita Krushev, que não tem cargo de governo (é apenas deputado ao Soviet Supremo), mas é o verdadeiro chefe deste, como primeiro secretário do Partido Comunista.

V, B & K disseram ao sr. Kubitschek estarem esperançados de que "o Brasil, que é um dos maiores países do mundo, fará sua contribuição valiosa aos esforços conjuntos dos Estados, com o objetivo de lograr" a coexistência pacífica.

JK respondeu-lhes que é particularmente sensível às palavras de Suas Excelências" e que "a atuação do Brasil no âmbito internacional se tem inspirado inalteravelmente nos superiores ideais de paz entre as nações".

O texto da mensagem brasileira demorou alguns dias para ser elaborado. O Itamarati considerava que a resposta implicava em "estabelecer um laço diplomático" entre os dois países. Afinal, chegou-se à conclusão que era "uma grosseria" não responder. O texto feito na rua Larga — que era apenas uma confirmação: "recebemos seu telegrama..." — não agradou, porém, ao presidente, que o julgou "indelicado" e mandou o sr. Vitor Nunes Leal modificá-lo. Este o modificou e despachou.

SOCIEDADE

TIVE CONHECIMENTO de que o sr. Jorge Dória Filho zangou-se porque foi chamado aqui de "meninote" e fez-me uma carta desaforada. Tentei lê-la, mas a "Revista" recusou-se a mostrá-la porque o dicionário do rapazinho não é familiar. É uma pena. Por que um rapaz de tão boa família se compraz em sujar

tão facilmente a boca, sobretudo, quando se dirige a uma senhora?

Nos meus tempos de infância, tive um vizinho assim. Era um menino bom, bem vestido, de boa família. Dava excelente impressão, quando calado. Mas, se abria a boca, ninguém de família podia ficar perto. Era o terror das mães e das meninas da nossa rua. A mãe do "Bôca Suja" (apelido que lhe ficou por muitos anos) sofria horivelmente com isto, e um dia, castigou-o desta maneira: à noite, quando o meninote dormia, encheu-lhe a boca de pimenta malagueta.

As vezes, dá resultado.

CINEMA

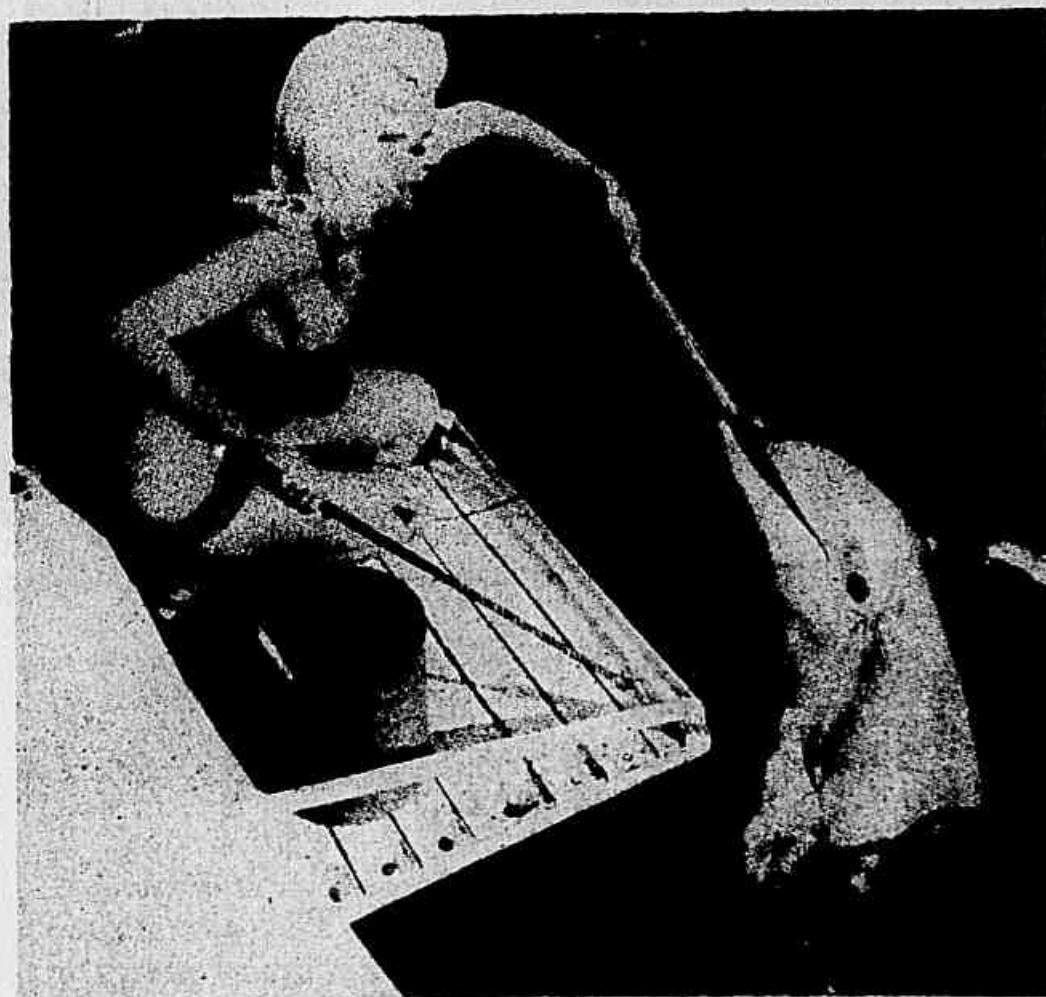
MARLON BRANDO vai ser Adão num filme americano sobre o primeiro homem e a primeira mulher do mundo. O paraíso será o México (os lugares já foram escolhidos) mas até agora a Metro ainda não escolheu a Eva do Adão Brando.

A ATRIZ JAYNE MANSFIELD (na página 36) casou-se dia 13 com o ator e atleta Mickey Hargitay, cinco dias depois de ter-se divorciado de Paul Mansfield, que a levava para o cinema na primavera de 1954.

Jayne e Mickey passaram a lua-de-mel na Flórida, indo depois para Las Vegas, onde começarão os ensaios de uma revista musical em que aparecerão juntos.

Jayne Marie, a filhinha de Jayne Mansfield ficou com o pai, Paul.

Mickey Hargitay faz o papel de "Rei das Selvas" no último filme de Jayne, "Em Busca de um Homem". No filme, faz o papel do noivo da estrela e, para fazer ciúmes a ele, ela inventa o "Gostozinho", personagem que (dizem) parece muito com seu ex-marido. Quando o filme termina, Jayne não está nem com o "Gostozinho", nem com o "Rei das Selvas", mas com o seu primeiro namorado.



O marido de Jayne Mansfield (esq.) é visto à direita com a filhinha, Jayne Marie.

ESPORTE

PORQUE PARA atravessar o Canal da Mancha teve de vender o automóvel e gastar tôdas as suas economias, o paulista Abílio Alvaro da Costa ganhou do pai um "Nash" 1952 acompanhado de um exemplar da REVISTA DA SEMANA (n. 49, que publicou a reportagem sobre a travessia) com um bilheteinho:

"Eu só queria ver até aonde você ia. Além disso, havia ainda estímulo de pai a filho, para que ele voltasse a se apresentar bem em 1958. Isso importa em dizer que Abílio já tem passagem de ida-e-volta à Europa, em 1958, sem precisar de vender o "Nash". a) seu pai".

Contava-se como certa a eleição do sr. João Havelange para presidente da CBD no pleito realizado ontem, dizendo-se que o sr. Carlos Martins da Rocha (Carlito Rocha) não poderia ganhar porque não teria tempo para se preocupar com a seleção brasileira que disputará a Copa do Mundo na Suécia, em junho próximo.

Por 700 mil cruzeiros, Zizinho (Tomás Soares da Silva) foi vendido pelo Bangu ao São Paulo, defendendo as cores do tricolor paulista em 1958. Quem revelou a venda do "passe" de Zizinho foi o presidente do Bangu, sr. Fausto de Almeida, mas a decisão foi tomada pelo homem que é o próprio Bangu: sr. Guilherme da Silveira Filho.

Em Brasília há dois clubes de futebol: Flamengo e Vasco da Gama. O Flamengo (do Rio) está pensando em fazer do Flamengo de lá uma espécie de filial.



CID CHARISSE



KIM NOVAK



JAYNE MANSFIELD

Americanos lançam as dez mais

MUITO PREOCUPADOS com a situação internacional, a guerra-fria entre o Ocidente e os países da Cortina-de-Ferro, a reunião da OTAN, o desarmamento, a construção de bases americanas na Europa Ocidental, o sucesso dos sputniks russos e o fracasso do Vanguard americano, os desenhistas norte-americanos reuniram-se no seu sindicato, na Broadway, rua 45, e discutiram durante quatro horas seguidas todos êsses problemas.

Várias sugestões foram apresentadas:

1. enviar um protesto à União Soviética por ter lançado dois sputniks sem avisar previamente e não anunciar as

experiências (fracassadas) que teriam sido feitas com os foguetes.

2. comparecimento de todos os desenhistas à Casa Branca, em Washington, para afirmar ao presidente Eisenhower a confiança deles em Ike.

3. colaborar com as autoridades da Marinha americana no desenho dos próximos foguetes.

Mas nenhuma dessas propostas foi aceita. Um famoso desenhista, Norman Rockwell, propôs (e todos aceitaram) o seguinte:

Considerando que os russos não têm mulheres mais bonitas;



SUSAN HAYWARD



ABBE LANE



DEBRA PAGET



AVA GARDNER



MARYLIN MONROE

certinhas

para competir
com
os sputniks

Considerando que as russas não são bem proporcionadas, e as poucas que o são não podem mostrar suas formas;

Considerando que os homens soviéticos não conhecem as mulheres norte-americanas;

Considerando que os dirigentes russos também são filhos de Deus, e devem ter o mesmo bom-gosto dos ocidentais,

RESOLVEM: eleger as 10 mulheres americanas mais certinhas de 1957 e enviá-las a Moscou para um passeio no Kremlin. Com isto — concluíram os desenhistas — o sr. Nikita Krushev e outros dirigentes russos ficariam mais alegres, mais bonzinhos, admirariam os norte-americanos e esqueceriam de fabricar sputniks.

ELAS:

Abbe Lane, Kim Novak, Marilyn Monroe, Jayne Mansfield, Marie Macdonald, Susan Hayward, Cid Charisse, Debra Paget, Ava Gardner e Jean Martin.

Tão logo foi divulgada a lista das 10 mais bem proporcionadas de 1957, deram entrada nos Tribunais de Justiça dos Estados Unidos 68 mandatos de segurança: Marie Macdonald (O Corpo) e Jean Martin não mereciam a eleição. Outros sugeriram enviar à Rússia um time de mulheres certinhas ocidentais de vários países. Motivo: francesas e inglesas não poderiam ficar de fora, pois são bonitas e certinhas também. E os russos gostariam mais.

A MILIONÁRIA NORTE-AMERICANA Barbara Hutton está se divorciando de seu sexto marido, o lord alemão Gottfried von Craum.

PARA ILUSTRAR as "Mil e Uma Noites" (Edição Saraiva, nove volumes) o desenhista cearense Aldemir Martins (que mora em São Paulo) vai receber meio milhão de cruzeiros. Tem-se essas ilustrações como "as mais bem pagas até hoje no Brasil".

BRIGITTE BARDOT está cobrando 175 mil dólares para fazer um filme em Hollywood.

SIR DOUGLAS FAIRBANKS JÚNIOR lançou (particularmente) nova moda masculina: "smoking" com lapela de veludo.

TV

RESPONDENDO CERTO a todas as perguntas sobre a vida e a obra do Aleijadinho, a sra. Francisca Munhoz Parras ganhou, no programa "Um Milhão Probel", da TV-Tupi, Canal 6 (Rio), o prêmio de um milhão de cruzeiros (o maior já oferecido em rádio e televisão, no Brasil), parte do qual pretende empregar numa bolsa de estudos para seu filho, que cursa o primeiro ano da Escola de Engenharia em Ouro Preto.

A sra. Francisca, que está respondendo também em São Paulo, no programa "Do zero ao infinito", a perguntas sobre a Invasão Holandesa, confessou à imprensa carioca que, desde 1948 estuda a História de Minas Gerais, principalmente no ciclo de ouro, época em que viveu Aleijadinho.

As perguntas no último programa da sra. Francisca na TV-Tupi (7 de janeiro) — para ela as mais fáceis que lhe fizeram desde que começou a responder sobre Aleijadinho — foram:

1. Quais os auxiliares do Aleijadinho na Ordem Terceira de Sabará; descrever o côro, púlpito e portas principais da Ordem;

2. um escritor famoso se referia a uma lenda, segundo a qual o Aleijadinho teria construído um aparelho no qual cavalgara em consistência no espaço. Quando foi feita a referência e qual o escritor?

3. Dar os nomes dos três irmãos de Aleijadinho.

Por causa de uma careca, a sra. Francisca quase não ganhou um milhão de cruzeiros.

Quando se apresentava num programa anterior (31-12-1957), para ganhar 500 mil cruzeiros, a sra. Francisca não respondeu à pergunta: "Qual a profissão da figura que Aleijadinho representou no baixo-relevo do púlpito da igreja da Ordem Terceira de Sabará?"

A sra. Francisca não soube responder, mas quis saber a resposta. O animador do programa disse: "Frade, provavelmente capuchinho ou franciscano, representado no púlpito".

Ela não aceitou a resposta, dizendo que só porque a figura era de um sujeito careca não significava que era um frade.

Atendendo a reclamações da senhora Francisca, os patrocinadores do programa consultaram um especialista em História, o sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico, que, entretanto, viajava pela Europa. Ele é que havia formulado as questões.

Quando o sr. Franco de Andrade regressou, o programa já havia sido suspenso. Ele, entretanto, reconheceu procedência nas dúvidas da sra. Francisca.

Os patrocinadores deram-lhe o direito (mesmo num programa inteiramente diverso) de continuar concorrendo para alcançar o prêmio de um milhão de cruzeiros, o que conseguiu.

INTERNACIONAL

OS TÉCNICOS DE RADIO de toda a Europa captaram, no fim da semana passada, sinais como os emitidos pelos *sputniks* russos, na mesma longitude de onda, mas até agora não houve confirmação oficial de que os russos tivessem lançado outro foguete ao espaço. Enquanto isto, em Cap Cañaveral os americanos estão preparando (sem publi-

dade) o lançamento do satélite artificial, já que o lançamento de novo projétil "Atlas" decorreu sem incidentes.

OS HOMENS MAIS odiados do regime de Marcos Perez Jimenez fugiram da Venezuela: o ministro do Interior, Valenilla Lanz, chegou a Paris, e o chefe da polícia secreta, Pedro Estrada, recebeu asilo de Trujillo, de quem sempre foi agente secreto. Sob a pressão da Marinha, que mandou a Caracas violento ultimato, o ditador venezuelano foi obrigado a remodelar o ministério. Círculos de exilados, comentando a mudança, afirmam que — apesar de tudo — se trata de gabinete "dos mais reacionários".

O PREMIER SOVIÉTICO Nikolai Bulganin enviou a todos os governos nova proposta de paz. O documento foi publicado em três páginas do "Pravda".

A ROMÊNIA tem novo presidente: um advogado desconhecido, de um pouco mais de 50 anos, antigo membro do PC: Ion Gheorghe Maurer, que sucede ao antigo latifundiário Petru Groza, falecido aos 73 anos de idade.

O PREMIER BRITÂNICO Harold MacMillan reafirmou que a Grã-Bretanha está, como sempre, disposta a entender-se com a União Soviética sobre os problemas do desarmamento. O Ocidente, porém, não está de acordo com a fórmula sugerida pelos russos, que propõem uma reunião dos chefes de governo. MacMillan, apoiado pelos Estados Unidos, deseja, por enquanto, uma conferência preliminar de chanceleres.

FALANDO A UM grupo de deputados esquerdistas italianos, o chanceler André Gromiko declarou que o Kremlin estaria disposto a manter relações diplomáticas com o Vaticano. A Santa Sé declarou que só estabelecerá relações com Moscou "quando tivesse vida na URSS liberdade religiosa".

PELA SEGUNDA VEZ, em dois anos, o presidente Manoel Prado viu-se obrigado a realizar completa reforma ministerial. Motivo: a inflação que aumenta sem parar, e não conseguiu ser vencida pelo ministro da Fazenda.



Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá FORÇA e SAÚDE aos homens. ELEGÂNCIA e BELEZA às mulheres. Informações gratuitas. Pedi-las por via aérea a INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA

DUAS PISCINAS EM TRÊS PINHEIROS

Inauguram-se em janeiro (uma para adultos, outra para crianças) as duas piscinas do Hotel Fazenda "Três Pinheiros". Outras novidades: novo restaurante, nova sala de estar, novo conjunto de apartamentos, cinema, jogos de salão, etc.

HOTEL FAZENDA "TRÊS PINHEIROS"

Engenheiro Passos
Telefone: 3

**GERTI
DAUB
VAI
ÀS
COMPRAS**



E FICA ADMIRADA DEZ VÊZES

PARA FAZER COMPRAS em Copacabana, Gerti Daub usa vestidos simples, de lonita, leva uma pequena bolsa (clara) para combinar com a roupa (simples). E um leque.

"O calor do Rio é um inimigo terrível para a minha pele", diz "Miss" Alemanha, abanando-se enquanto vê as vitrinas.

Gerti achou razoáveis os preços de algumas mercadorias que viu (sem comprar): jóias, sapatos, bolsas e (principalmente) cosméticos. (Ela é diplomada em cosméticos, mas usa pouca pintura.)

Quando passou por uma farmácia da rua Fernando Dantas (perto do Copacabana-Palace Hotel, onde mora), "Miss" Alemanha foi se pesar. Mas não revelou ao repórter e ao sr. Oscar Ornstein (do Copacabana-Palace Hotel) o seu peso.

"É segredo de mulher, e dos mais confidenciais", disse Gerti Daub.

Na rua, ela é uma moça simples, que sorri sempre quando os rapazes passam e assobiam.

Pede sempre que traduzam os galanteios.

O que "Miss" Alemanha mais admirou nas ruas do Rio:

1. Elegância dos homens cariocas.
2. Simplicidade e elegância das mulheres.
3. Alegria do povo.
4. Bondes com gente nos estribos.
5. Pretinhos engraxates.
6. Namoros de brotinhos nos bancos da praia.
7. "Peladas" na areia.
8. Pipoqueiros.
9. Feiras.
10. Bares com mesas nas calçadas e a maneira como atravessam a rua.





EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
ÊXITO GARANTIDO

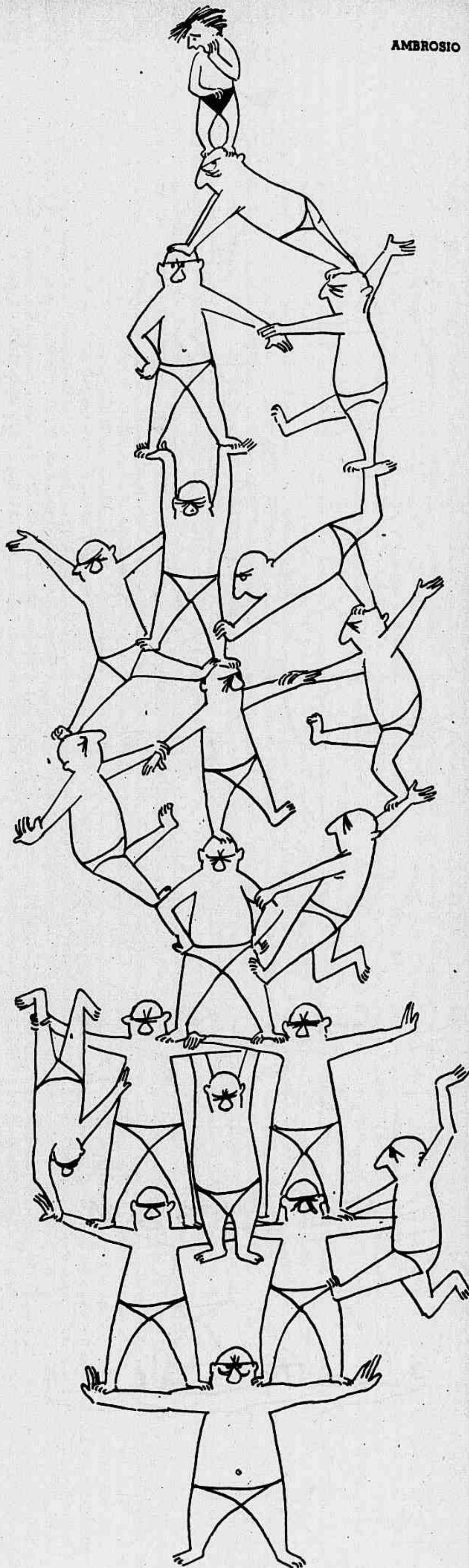


A ASTROLOGIA É UMA CIÊNCIA POSITIVA. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando SÓMENTE O ENVELOPE SELADO COM SEU ENDEREÇO e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis, e sem compromisso, a resposta do seu interesse.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

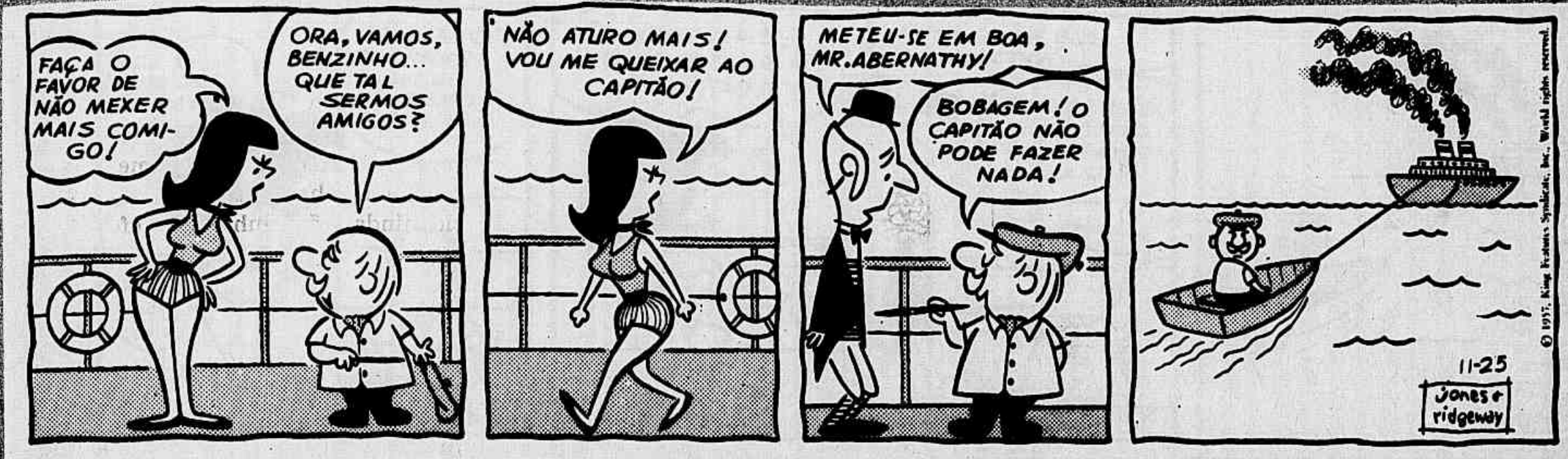
**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m 731 13-3-1923



"Papai, eu quero ir lá dentro".

MR. ABERNATHY



NO RIO SÓ HÁ ESGOTO PARA O R

"DOIS TÊRÇOS DA zona urbanizada do Distrito Federal (a partir do subúrbio do Encantado) não têm rede de esgotos, sendo a situação dos subúrbios, em matéria de saneamento, comparada à das cidades do interior da África e igual (ou pior) que a de 1928", disse à REVISTA DA SEMANA o engenheiro Enaldo Cravo Peixoto, diretor do Departamento de Esgotos Sanitários da Prefeitura do Distrito Federal.

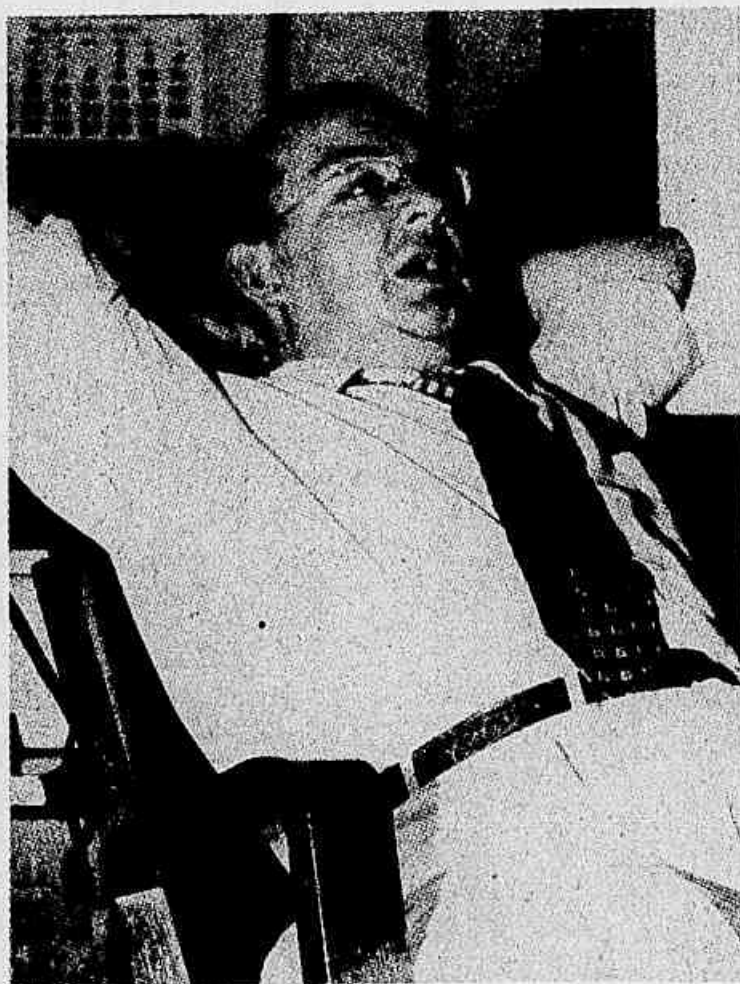
"O esgoto sanitário, ou o despejo líquido de uma cidade, nada mais é do que a água potável fornecida a residências e indústrias, modificada durante seu uso só pela adição de pequena quantidade de resíduos domésticos e industriais."

"Não depurado, contém milhões de bactérias, principalmente as de origem intestinal, muitas delas, entretanto, inteiramente inofensivas. Bactérias patogênicas, porém, e outros micro-organismos são também encontrados nos esgotos e podem acarretar doenças infecciosas ou parasíticas de acentuada gravidade (febre tifóide e paratífóide, desintéria amebiana, bacilar, a hepatite infecciosa)".

"As zonas de uma cidade não dotadas de rede de esgotos sanitários não têm os seus efluentes sanitários domésticos ou industriais convenientemente coletados e afastados, sendo consideradas não saneadas porque esses efluentes são muita vez despejados ou nas valas das vias públicas ou estão infiltrados nos terrenos, atentando contra a saúde pública".

"Este é o caso de 2/3 da zona urbanizada do Distrito Federal ainda não dotados de rede do Departamento de Esgotos Sanitários".

"HA TAMBÉM O ESGOTO convenientemente coletado e afastado, mas sem destino final adequado. Quando essa quantidade de esgoto é pequena é lançada em relativamente grande volume de água, quase não tem importância por causa do oxigênio dissolvido na água que recebe



o despejo, e por vários outros agentes naturais, dizendo-se então que a água que recebe esse despejo (rio, mar, etc...) rapidamente assimila o esgoto através da autopurificação".

"Se a quantidade de esgoto aumenta, a massa líquida que o recebe não pode assimilá-lo sem perigo, pois torna-se insuficiente o oxigênio dissolvido: as condições de poluição e contaminação se acentuam".

"São assim destruídas a fauna e a flora subaquáticas, tornando-se a água escura, com uma nata característica e odores ofensivos. Desaparece também o valor estético da água e o seu uso para banhos, esportes aquáticos e outros fins recreativos. Torna-se impossível".

"Há uma zona no Distrito Federal dotada de rede de esgotos sanitários mas com destino final inadequado, pois os esgotos são lançados *in natura* (sem tratamento) em vários pontos da baía de Guanabara".

"Quando estêve no Rio em 1928 (contratado pelo prefeito Prado Júnior) o arquiteto e urbanista francês Alfred Agache fez um trabalho sobre "Remodelação, Extensão e Embelezamento do Rio de Janeiro", acentuando que "uma cidade pode provocar admiração pela majestade do seu cenário e pela beleza de seus monumentos, mas se for insalubre não conseguirá reter os visitantes. Deverá sujeitar-se rigorosamente às mesmas regras de higiene a fim de evitar a doença que desorganiza e destrói sempre suas células, arrancando-lhe a existência. No Rio, neste quadro maravilhoso, a mais pequena mancha aparece, por contraste, como uma tara fisiológica muito mais inadmissível e insuportável que em qualquer outro lugar".

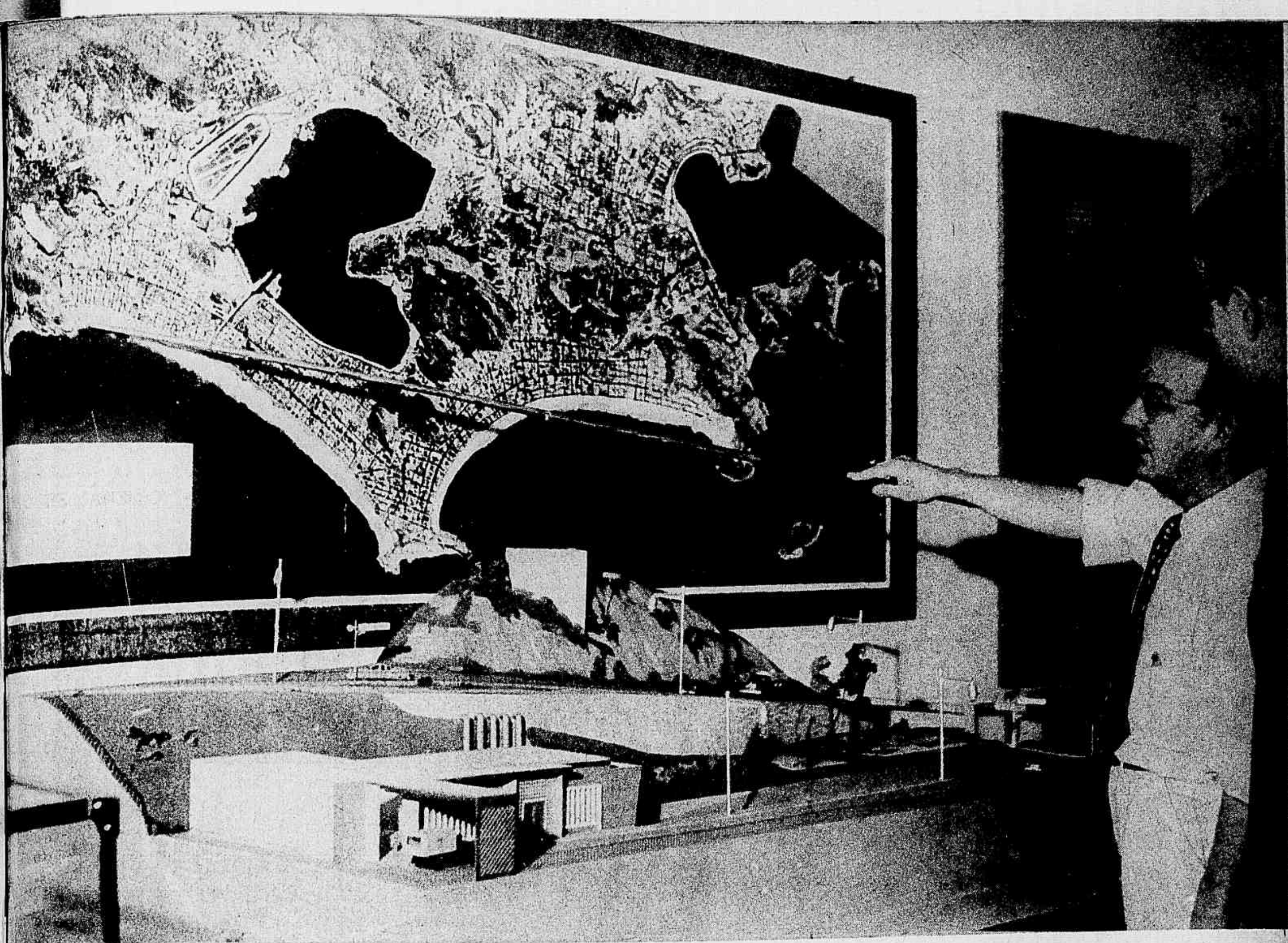
"Ainda hoje os conceitos de Alfred Agache — diz o engenheiro Cravo Peixoto — são atuais".

"A FALTA DE REDE de esgotos é a principal (senão a única) responsável pelo péssimo estado sanitário da população, que apresenta índices inadmissíveis de febre tifóide, manifestada em caráter endêmico e em graves surtos epidêmicos como aconteceu em 1957, em que foram registrados mais de 3 mil casos de febre tifóide nos subúrbios, admitindo-se que pelo menos mais de 6 mil ocorreram e não foram registrados".

"Em toda a Inglaterra, Escócia e no País de Gales, para uma população de 50 milhões de habitantes, só acontecem cerca de 100 casos anuais. Nos Estados Unidos, para 160 milhões de habitantes, o número de casos não vai além de 150, anualmente".

"Porque: nesses países os problemas relacionados com a coleta e o destino dos despejos industriais e domésticos são colocados no mesmo plano de prioridade de outros serviços municipais".

"Como membro do Conselho Administrativo da SURSAN e diretor do seu Departamento de Esgotos Sanitários, procurarei, juntamente com o prefeito, solu-



cionar este importante problema. Quanto à rede de esgotos, as zonas ainda não dotadas desse importante melhoramento público, a Sursan, no primeiro trimestre de 1958, iniciará a construção da rede de esgotos de Bonsucesso, numa extensão de (aproximadamente) 80 kms, ficando quase que totalmente saneados os subúrbios da Leopoldina, porque os bairros Penha, Ramos e Olaria têm rede de esgotos. Estamos aguardando o registro do respectivo contrato para iniciar a construção da rede de esgotos da Ilha do Governador, com 150 kms de extensão".

"DENTRO DOS PRÓXIMOS dez anos, será resolvido o problema do saneamento dos subúrbios, ficando o Rio entre as cinco primeiras cidades do mundo dotadas de eficiente rede de esgotos".

"Atualmente — acrescenta — apenas um milhão e duzentos mil habitantes do Rio (dos 3 milhões) se beneficiam da rede de esgotos sanitários. Há também o problema da melhoria das condições de funcionamento da quase secular rede de esgotos existentes e o da eliminação dos inúmeros lançamentos feitos *in natura* dentro da Guanabara. A esse respeito, o Departamento de Esgotos Sanitários elaborou um Plano Geral Diretor de Obras, visando a solução do caso. Já realizamos e vimos realizando uma série de grandes obras como a nova estação elevatória "Saturnino de Brito" (Av. Bar-

tolomeu Mitre, 1 297, Leblon), ampliação e reforma e instalação do posto da estação de esgotos do Leblon (Av. Niemeyer), nova estação de esgoto Francisco Sá (na rua Francisco Sá, Copacabana) galeria geral de esgotos de Ipanema e Leblon, com um metro de diâmetro e 4 quilômetros de extensão, novas tubulações de recalque para as estações elevatórias de Copacabana e a reforma e ampliação da estação de tratamento de esgotos da Penha, que ficará com a capacidade para depurar a contribuição sanitária de 350 mil habitantes, tornando-se uma das maiores estações depuradoras da América Latina no sistema a ser adotado (biofiltração)."

"Obras programadas e em pauta para realização há: as galerias gerais das avenidas Rodrigues Alves, Francisco Bicalho e Brasil (zona portuária e São Cristóvão), que permitirão a supressão das antigas e obsoletas estações de esgotos existentes na rua D. Gerardo (Arsenal de Marinha), Santo Cristo (Gamboa) e São Cristóvão (Av. D. Pedro II), eliminando-se também os lançamentos *in natura* feitos nestes três pontos, pois os respectivos efluentes sanitários serão conduzidos através de galerias para a grande e moderna estação depuradora de esgotos a ser construída na avenida Brasil, com capacidade para depurar na sua etapa final a contribuição sanitária equivalente a uma população de dois milhões de habitantes".

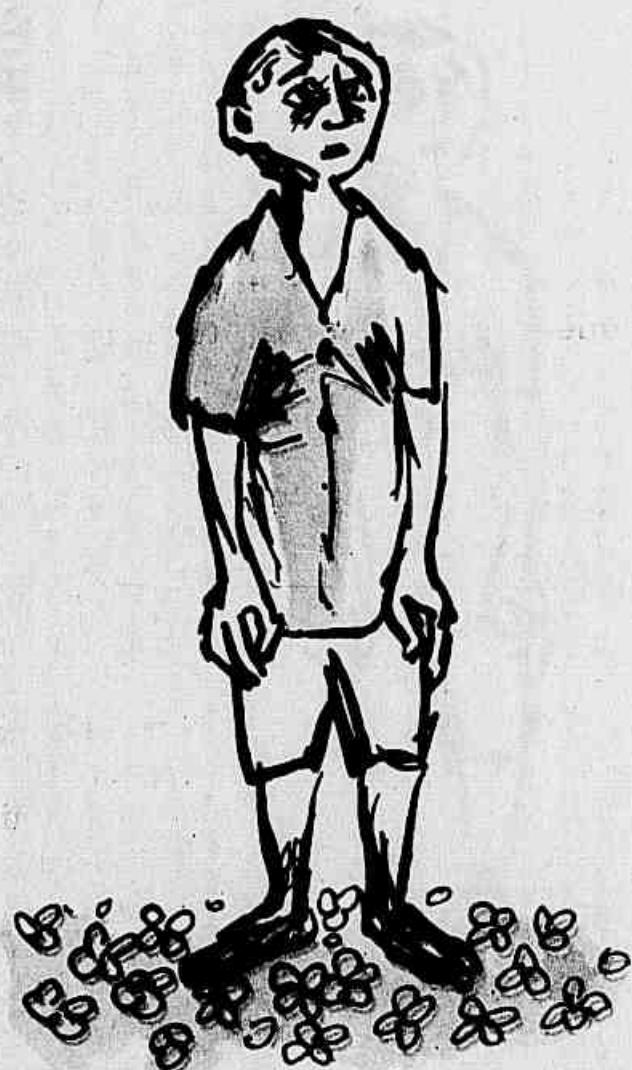
"O DES, em convênio com o Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério da Saúde e o Institute of Inter-American Affair (Ponto IV) mantém contato com engenheiros sanitaristas americanos para obter o necessário assessoramento técnico desses especialistas. Estêve, há pouco, no Rio, como parte desse acordo, o professor George Schroepfer, engenheiro sanitarista dos mais conceituados nos Estados Unidos e professor de engenharia sanitária na Universidade de Minnesota. Ele é autor do projeto de remodelação e expansão do sistema de esgoto das cidades norte-americanas de Minneapolis e Saint Paul, detém vários prêmios, medalhas e condecorações do governo e de associações técnicas norte-americanas por sua notável contribuição à engenharia sanitária dos Estados Unidos".

"O total das obras referentes à extensão da rede de esgotos à zona suburbana e à melhoria das condições de fornecimento da rede atual está estimado em 5 bilhões de cruzeiros".

"O Rio de Janeiro, uma das primeiras cidades do mundo a possuir rede de esgotos, é, hoje, uma das últimas em capacidade, sendo mínimo seu índice de salubridade".

Porque, como também acontece em outras cidades.

1. Aos administradores não interessa fazer obras de esgotos, que não aparecem;
2. Falta de recursos".



DAS MEMÓRIAS DE UM TRAPACEIRO

NASCI A 28 DE ABRIL de 1882, em Tortisambert, aldeiazinha muito bonita do Calvados, cujo campanário se avista à esquerda, quando se vai de Livarot para Troarn.

Meus pais tinham uma mercearia que lhes dava, em média, um lucro anual de cinco mil francos.

Nossa família era numerosa. De um primeiro casamento, minha mãe tivera dois filhos. Com meu pai teve cinco, um menino e quatro meninas. Meu pai tinha mãe, minha mãe tinha pai — estavam quites, se assim posso dizer — e conosco morava, ainda, um tio surdo-mudo. Éramos doze à mesa.

De um dia para o outro uma travessa de champignons me deixou sozinho no mundo.

Só porque eu tinha roubado oito "sous" da gaveta-caixa para comprar bolas de gude, meu pai, furioso, gritou:

— Como tu roubaste, não ganharás champignons!

Fôra o surdo-mudo que colhera êsses vegetais mortíferos, e naquela mesma noite havia em casa onze cadáveres.

Quem nunca viu, duma só vez, onze cadáveres, não faz idéia da quantidade de cadáveres que é isso.

Havia cadáveres por todos os cantos.

Devo falar-lhes de meu pesar ante essa desgraça?

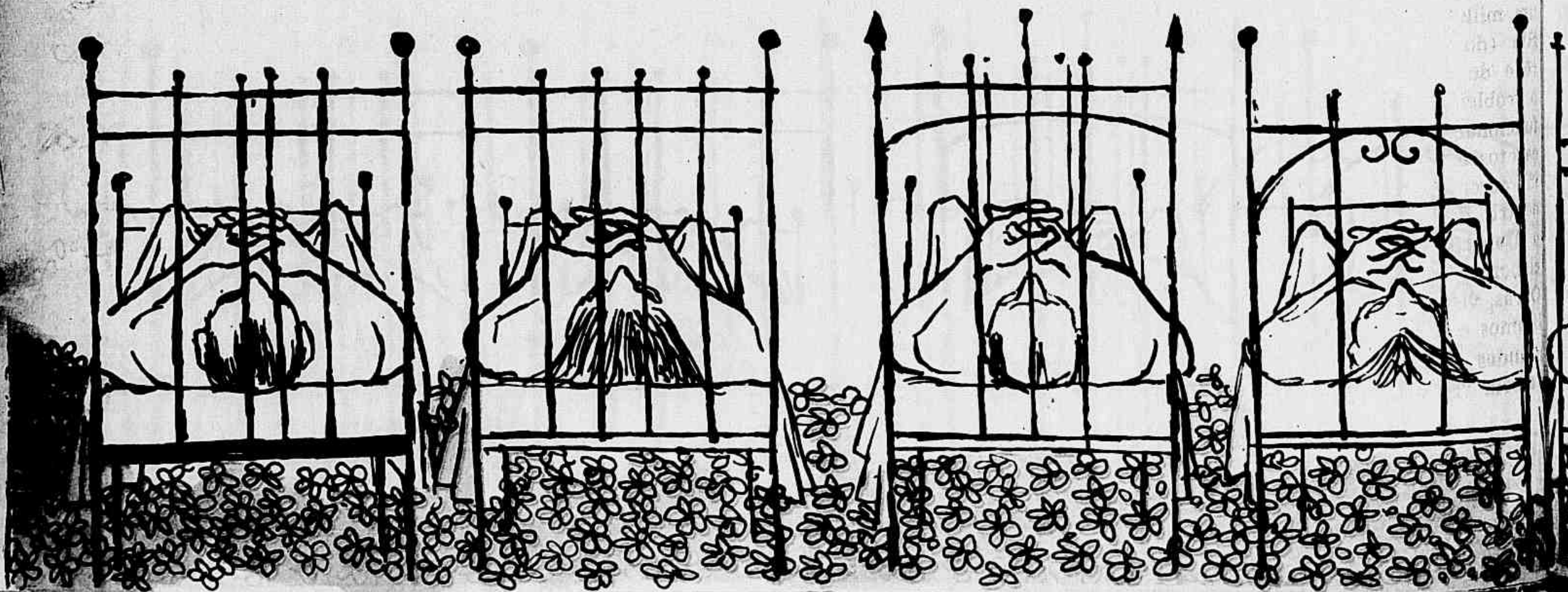
É melhor dizer logo a verdade. Eu tinha apenas doze anos e convenhamos que aquela era uma desgraça excessiva para a minha idade. Sim, aquela catástrofe estava acima da minha capacidade de emo-

ção e, não tendo experiência bastante para medir o horror, sentia-me, por assim dizer, indigno dela.

Pode uma pessoa chorar a morte da mãe ou a do pai, ou a do irmão, mas como chorar, ao mesmo tempo, onze pessoas? Ante tantos mortos, já não se sabe a qual dêles prestar atenção. Não ousou falar do embaraço da escolha e no entanto era isso, mais ou menos, o que se passava. Minha dor, solicitada de um lado e de outro, tinha que se distrair.

O DR. LAVIGNAC, durante tôda a tarde, não cessou de prodigalizar às vítimas os seus cuidados, esclarecidos mas inúteis. Minha família se extinguia inexoravelmente.

O vigário, que naquele dia almoçara



na casa do marquês de Beauvoir, chegou de bicicleta, lá para às 16 horas. fãmos precisar muito dêle!

Desde às 17 horas, tôda a aldeia estava em nossa casa. Tio Rousseau, paralítico havia vinte anos, fêz-se transportar até lá, e o cego repetia a cada momento, empurrando os outros:

— Deixe-me ver! Deixe-me ver!

Eu era removido de quarto para quarto, pelos vizinhos, que logo tinham ocorrido e, sem saber onde me meter, acabei por me esconder, atemorizado, debaixo de um balcão, na mercearia. Dali ouvia tudo o que se dizia e se cochichava.

As primeiras mortes foram anunciadas com certa compunção, como é das boas normas. A partir do quarto defunto, porém, os avisos passaram a ser breves e, depois, lacônicos:

— Mais um!

E todos aquêles aldeães, resignados e estropiados, reanimavam-se diante de tôdas aquelas mortes. Parecia-lhes, sem dúvida, que cada um dêles ia respirar melhor quando se consumasse a mortandade.

E eu percebi diálogos inauditos:

— E a avó?

— Ainda não morreu. Mas é coisa para vinte minutos.

— Quantos restam?

— Apenas quatro.

O tio assassino, o surdo-mudo, foi o último a morrer, em meio a horríveis sofrimentos.

— Quem é êsse que grita assim?

— É o mudo.

QUANDO, AS 19 HORAS, tudo acabado, saí de meu esconderijo, dei de cara com o médico que, esfalfado, limpava o suor da testa.

Êle me avistou, encarou-me, reconheceu-me, não acreditou no que seus olhos viam e falou:

— E tu?...

Notava-se, no seu modo de falar, uma surpresa enorme e um pouco de censura.

Acrescentou:

— Que é que fazias ali?

Êsse "que fazias ali?" não queria dizer "que estavas fazendo ali, debaixo do balcão?" Não. Queria dizer: "Que fazes ainda aqui, neste mundo?"

Realmente, com que direito não estava eu morto, como todos os outros?

E o médico continuou:

— Não te sentes mal?

— Não. Absolutamente.

— Mas como pode ser?

Já agora o Doutor me olhava como se eu fôsse um fenômeno, ou, antes, como se eu fôsse o demônio em pessoa. Êsse menino de doze anos, que comera os champignons venenosos e que sobrevivera a todos os seus, tornava-se um caso muito interessante para êle. Que campo de experiências! E, como me pareceu que êle já se via inclinado sôbre minhas vis-

ceras, apressei-me em dizer a verdade:

— Não comi do champignon.

— Por quê?

Êsse "por quê?", tão pressuroso, era algo extraordinário. Deformação profissional, acredito de bom grado, mas juro que êle deu à pergunta um tom de censura.

E como o médico repetisse: "por quê? por quê?" preferi contar tudo, confessei meu crime e disse qual fôra o castigo.

Então, esboçando um sorriso, o doutor piscou o ôlho, como quem diz:

— Não és nada bôbo!

A HISTÓRIA CORREU logo pela aldeia, e deixo a cada um imaginar os comentários que provocou.

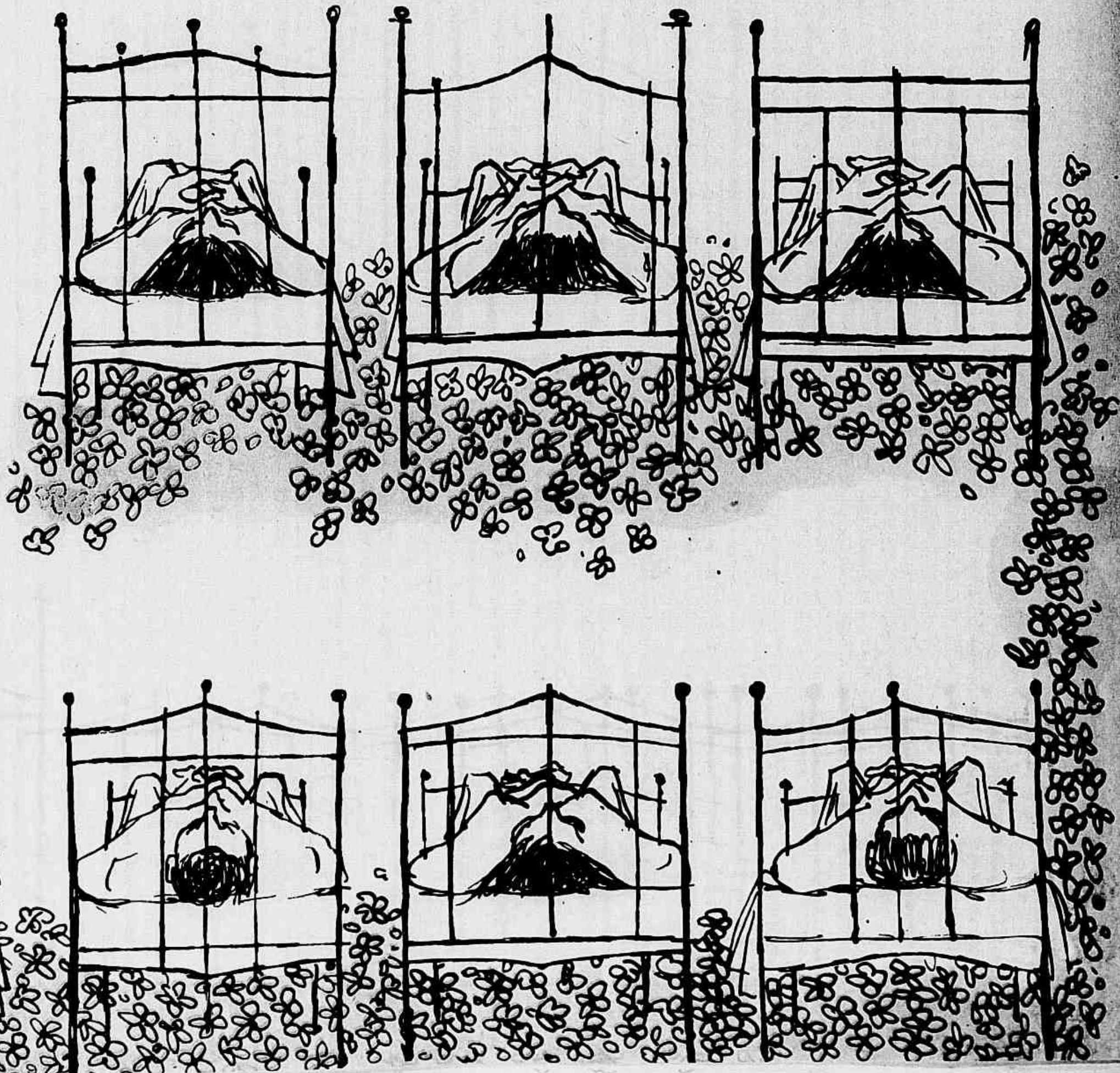
No dia do entêrrô, acompanhando aquêles onze ataúdes, de cabeça baixa e os olhos secos, eu me perguntava a mim mesmo se o fato de ter milagrosamente escapado não me dava, até certo ponto, a aparência de quem houvesse assassinado tôda aquela gente, enquanto às minhas costas cochichavam:

— Sabe por que o pequeno não morreu? Porque roubou!

Sim. Eu estava vivo porque roubara. De onde se conclui que os outros estavam mortos porque eram honestos.

E naquela noite, dormindo sôzinho na casa deserta, formei sôbre a justiça e sôbre o roubo uma opinião talvez um pouco paradoxal, mas que quarenta anos de experiência não modificaram.

Sacha
Guitry





"A Ponte Sobre o Rio Kwai" abre para os ingleses um atalho para os próximos prêmios da Academia de Hollywood.

CINEMA

UM OSCAR DEBAIXO DA PONTE DO RIO KWAI

UM FILME E DOIS ATORES ingleses foram apontados "os melhores de 1957" pelos críticos de Nova York: "A Ponte Sobre o Rio Kwai", seu protagonista, Alec Guinness, e Deborah Kerr, por sua interpretação no filme americano "O Céu é Testemunha" ("Heaven Knows, Mr. Allison"). A crítica novalerquina, de grande prestígio e influência considerável nos resultados de bilheteria, é um barômetro importante nas previsões sobre os prêmios da Academia de Hollywood. Em 1955 (com "Marty", Ernest Borgnine, Anna Magnani), em 1954 (com "Sindicato de Ladrões", Marlon Brando, Grace Kelly), em 1953 ("A Um Passo da Eternidade", Audrey Hepburn), em 1952 (Shirley Booth), em 1951 ("Uma Rua Chamada Pecado", Vivien Leigh), em 1950 ("A Malvada"), em 1949 ("A Grande Ilusão", Broderick Crawford, Olivia de Havilland) — são inúmeras as coincidências entre a opinião dos críticos de Nova York e dos votantes da Academia.

"A Ponte Sobre o Rio Kwai" acaba de estreiar nos Estados Unidos com grande

sucesso. Os críticos o consideram uma das melhores obras que o cinema já realizou sobre o absurdo da guerra. Em duas horas e 41 minutos conta a história da construção de uma ponte por prisioneiros ingleses, na Tailândia sob domínio japonês, durante a Segunda Guerra Mundial. Alec Guinness é o coronel que se apoia nas convenções de guerra para negar o trabalho forçado de seus homens, porém termina mudando de idéia: a obra manterá elevado o espírito dos presos e o resultado final será um golpe no orgulho japonês e um monumento vivo à Inglaterra. William Holden, o único americano da equipe, e Jack Hawkins formam no comando que prepara paralelamente a destruição da ponte. O japonês Sessue Hayakawa comanda o campo de prisioneiros.

"A Ponte", produção de Sam Spiegel ("Sindicato de Ladrões") para a Columbia, tem direção de David Lean, responsável por "Desencanto" ("Brief Encounter"), "Oliver Twist", "Grandes Esperanças", "Sem Barreira no Céu" ("The

Sound Barrier") e outros filmes que constituem quase todo o pedestal de glória do cinema inglês. Alec Guinness, nosso "melhor ator" de 1956, é um dos cinco maiores intérpretes do cinema, tão grande no drama ("Prisioneiro do Remorso") quanto na comédia ("Quinteto da Morte"), e só Chaplin o suplanta na desconcertante fusão dos governos, como vimos em "O Homem do Terno Branco" e "A Chave do Paraíso" ("Captain's Paradise").

Deborah Kerr concorreu muito justamente ao "Oscar" em anos anteriores, com "O Rei e Eu" (que podia ter servido como pretexto para premiar a atriz de "Chá e Simpatia") e "A Um Passo da Eternidade". "O Céu é Testemunha" é um filme "comercial" de John Huston e o papel da freira perdida numa ilha deserta com Robert Mitchum não tinha grandes possibilidades. Deborah fez um "tour-de-force" e sustentou o filme. Se premiá-la, a Academia estará saldando uma velha dívida.

A terra perdeu uma lua

NO ESPAÇO

COM UMA DECLARAÇÃO em tom formal ("os cientistas soviéticos consideram que o primeiro satélite artificial da terra consumiu-se nas camadas superiores da atmosfera terrestre") um porta-voz não identificado da Academia de Ciências da URSS anunciou, dia 6, à noite, o fim do "sputnik I". Não foi divulgado o prometido comunicado oficial. A maioria dos cientistas americanos e britânicos tem a data de 3 de janeiro como a mais provável do desaparecimento do satélite. O "sputnik I" completava três meses de idade no dia 4.

BIOGRAFIA:

O "sputnik I" foi lançado sob o maior segredo no dia 4 de outubro de 1957. O lançamento foi anunciado pelo Rádio de Moscou (Agência Tass), às 20,30 horas, hora do Rio de Janeiro.

Designado pelos técnicos soviéticos com as iniciais ISZ 1 (Iskustveyi Sputnik Zemli 1, ou 1.º satélite artificial da terra), era uma esfera feita de uma liga de alumínio, cheia de azoto, com 58 cms de diâmetro e 83,600 quilos.

Seu lançamento foi efetuado por um foguete de três estágios, de uma plataforma colocada em um ponto não revelado do território soviético.

Velocidade — 8 000 metros por segundo, ou 28 800 quilômetros por hora

Ponto máximo da órbita — 900 quilômetros.

Ponto mínimo da órbita — 200 quilômetros.

Duração da revolução em torno da Terra — 1 hora e 30 minutos

Ângulo da órbita em relação ao Equador — 65 graus.

Possibilidade de observação — à aurora e ao crepúsculo.

Alcance das ondas de rádio — mais de 10 mil quilômetros, difundidas por 4 antenas.

Dois emissores de rádio em 15 metros e 7,5 metros (20 005 e 40 002 megaciclos).

Duração da carga da emissora — 22 dias.

Transmitiu informações sobre densidade, temperatura, umidade, pressão nos diferentes pontos da órbita, raios cósmicos e raios ultravioletas. Se transmitiu outras informações (como alguns cientistas ocidentais acreditam) os cientistas soviéticos não disseram.

"O sputnik dissolveu-se, como um meteorito, mas não foi observada sua destruição dado o momento em que isto aconteceu" — disse pela Rádio de Moscou o professor Sternfeld, especialista soviético em questões astronômicas.

"O fim do primeiro satélite artificial da terra já era esperado e fora previsto em detalhes. Apenas num ponto os cálculos não foram completamente precisos: sua duração. Francamente, nós não esperávamos que sua duração fosse tão grande e o erro de cálculo (baseado em hipóteses) serviu ótimo para confirmar certas revelações transmitidas pelo satélite aos nossos laboratórios".

Segundo afirma o cientista soviético, "o segundo sputnik também está condenado à destruição".

"Mas — revela — não está longe o dia em que uma nova lua subirá para não descer. Essa luazinha — e outras que se seguirão — ficarão a uma altitude de 1 500 a 2 000 quilômetros e durarão, no mínimo, mais que uma geração na Terra".

"E as plataformas voadoras não estão longe de se tornar realidade. Essas serão boas praticamente definitivas".

O motivo (não oficial) da destruição do sputnik primeiro:

peira meteórica acumulou-se no satélite, diminuindo a sua velocidade e fazendo com que ele entrasse em contato com a atmosfera da Terra.



A caminho da órbita, o "sputnik I" passa pela bandeira da URSS, logo após o lançamento do foguete propulsor. A foto foi tirada de um documentário soviético sobre o lançamento do primeiro satélite artificial.

Como dominar os acessos?

QUANDO SE TRATA de uma criança ainda muito nova, a técnica a empregar-se vai depender exclusivamente do adulto; é preciso diminuir os motivos de

acesso, ter paciência com a criança. Geralmente, tanto em menores como em adultos, o acesso colérico não é senão a expressão de problemas outros que às vezes não se contêm objetivamente no próprio acesso. É o caso do menininho que deu para ter horror ao Jardim de Infância desde que lhe nasceu o irmãozinho. Tem acessos à hora em que aparece a caminhoneta da escola e alega maus tratos sofridos da parte das professoras. A mãe sindicou e descobriu a mentira. Mas é preciso notar que o menino se vê pressionado a dar uma causa para seus acessos e o remédio que tem é escolher um motivo qualquer... Se a mãe conseguir ver o ciúme fazendo fundo no palco em que o pequeno se debate, ela entenderá e terá vencido a peleja — bastará dar ao ciumento um pouco mais de importância, um dia para, ele sozinho sair com a mamãe, pedir-lhe ajuda do mais adiantado para com o bebê tão tolinho...

Quando é o adulto ou o adolescente que perde a direção ante problemas, há algumas normas que ele mesmo deve enfrentar: em primeiro lugar, **reconhecer seus acessos**; pessoas há que se negam a aceitar o fato de que seus gritos, suas palavras ofensivas, pertencem ao quadro de um acesso desse tipo. 2.º) **Procurar a causa** — analisá-la, ver se o acesso não está sendo um meio de exteriorização indevida de angústias às vezes sem relação com as pessoas vítimas da cólera... 3.º) **Comentar com alguém credenciado para isto, os acessos que vem dando**. Esvaziar o espírito de excesso de tensões. 4.º) **Evitar as ocasiões**. 5.º) **Canalizar para atividades úteis ou agradáveis o excesso de energia mal dirigida que sempre existe no colérico**.

— É possível refazer um casamento que se vai esfacelando por motivos tolos?

SIM. DIZ O dr. Edward Kaufmann que os motivos tolos destroem mais matrimônios que os importantes como diferença racial, diferenças culturais ou políticas.

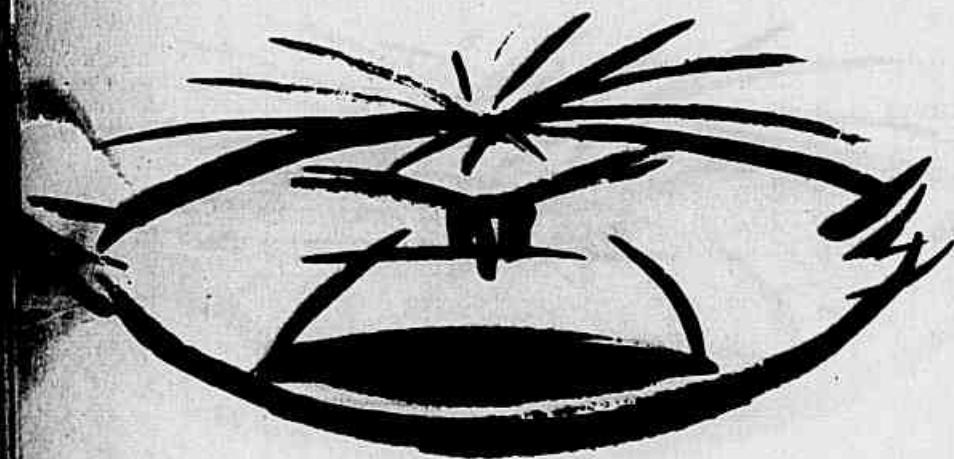
Enquanto que uma disputa sobre partidos políticos vem à tona raramente, uma divergência sobre a colocação do jarro na mesa da sala virá à consciência dos opositores tôdas as vezes que um deles der com os olhos no jarro. É preciso saber que um matrimônio não é uma

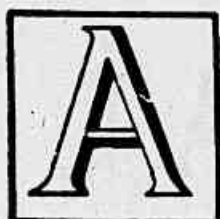
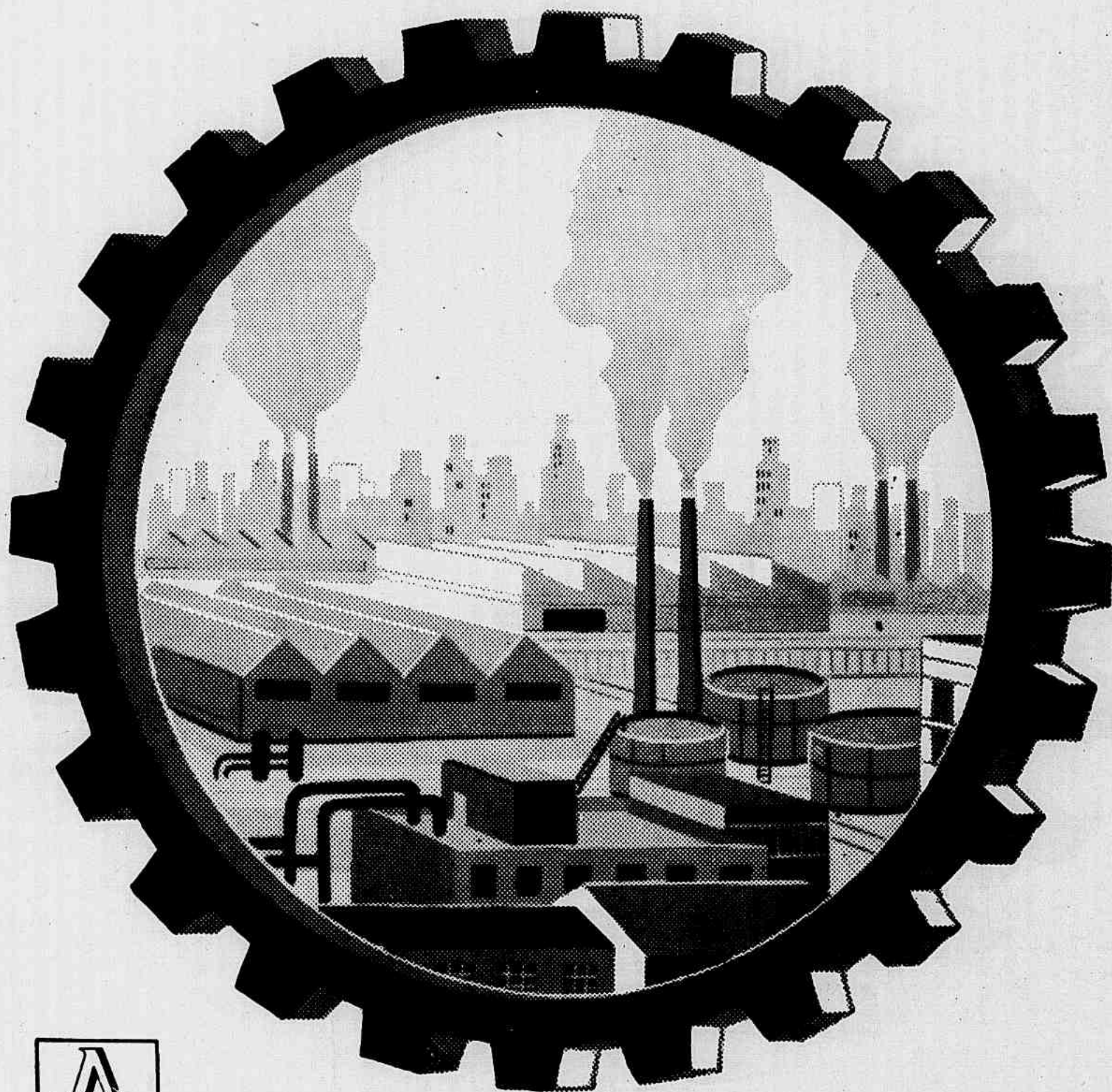
peça de louça que uma vez quebrada está para sempre inutilizada (apesar dos novos "cola-tudo" sintéticos).

Um casamento não se torna efetivo e equilibrado senão depois que os cônjuges passam pelo cadinho doloroso de muita incompatibilidade, de divergências às vezes sérias. São os mais difíceis os primeiros anos de vida em comum. Cada um traz milhares de pequenos modos de proceder desconhecidos do noivo ou da noiva de ontem... E o fenômeno de adaptação recíproca aos novos processos de vida não decorre tão facilmente quanto contam os romances. Mas, como diz Steckel, "não há senão um meio de afirmação do matrimônio, um meio para transformar em duradoura uma união: o amor." Entendamos, entretanto, o verdadeiro sentido da palavra amor — não é contato ou mútua satisfação física somente. É muito mais que isto. Ama verdadeiramente aquele que mais dá de si. Ama verdadeiramente aquele que menos exige, que mais busca entender, que não ruma horas e horas as pequenas palavras desatenciosas do outro, ditas, às vezes, inteiramente sem malícia... Ama verdadeiramente aquele que, permanentemente, prevê as necessidades espirituais e físicas do companheiro.

— Ele não estuda. Que fazer?

Na maioria de casos, os meninos que não estudam não têm programa de vida. A vadiação, em geral, é uma forma de vingança contra métodos educativos muito violentos ou muito interferentes. Criança precisa de uma certa liberdade e mães há que apregoam a liberdade concedida aos filhos mas, realmente, não lhes dão liberdade alguma. É o caso da senhora que não deixa nem ao menos que as crianças fechem a porta do quarto sem gritar imediatamente: — "Luizinha, que está fazendo aí?" E a falta de horários. Quanta desorganização por aí. Os vadios com que tomei contato, geralmente, melhoram quando as mães se comprometem a — 1) estabelecer um horário de trabalhos, feito com a criança, em que haja horas de diversão e de estudos; horário respeitado exatamente por ambas as partes. 2) perdoar pequenas faltas no início do regime. 3) não comentar mais os erros do passado para descansar as mentes, uma vez que ambos já os discutiram e se dispuseram a modificar o panorama.





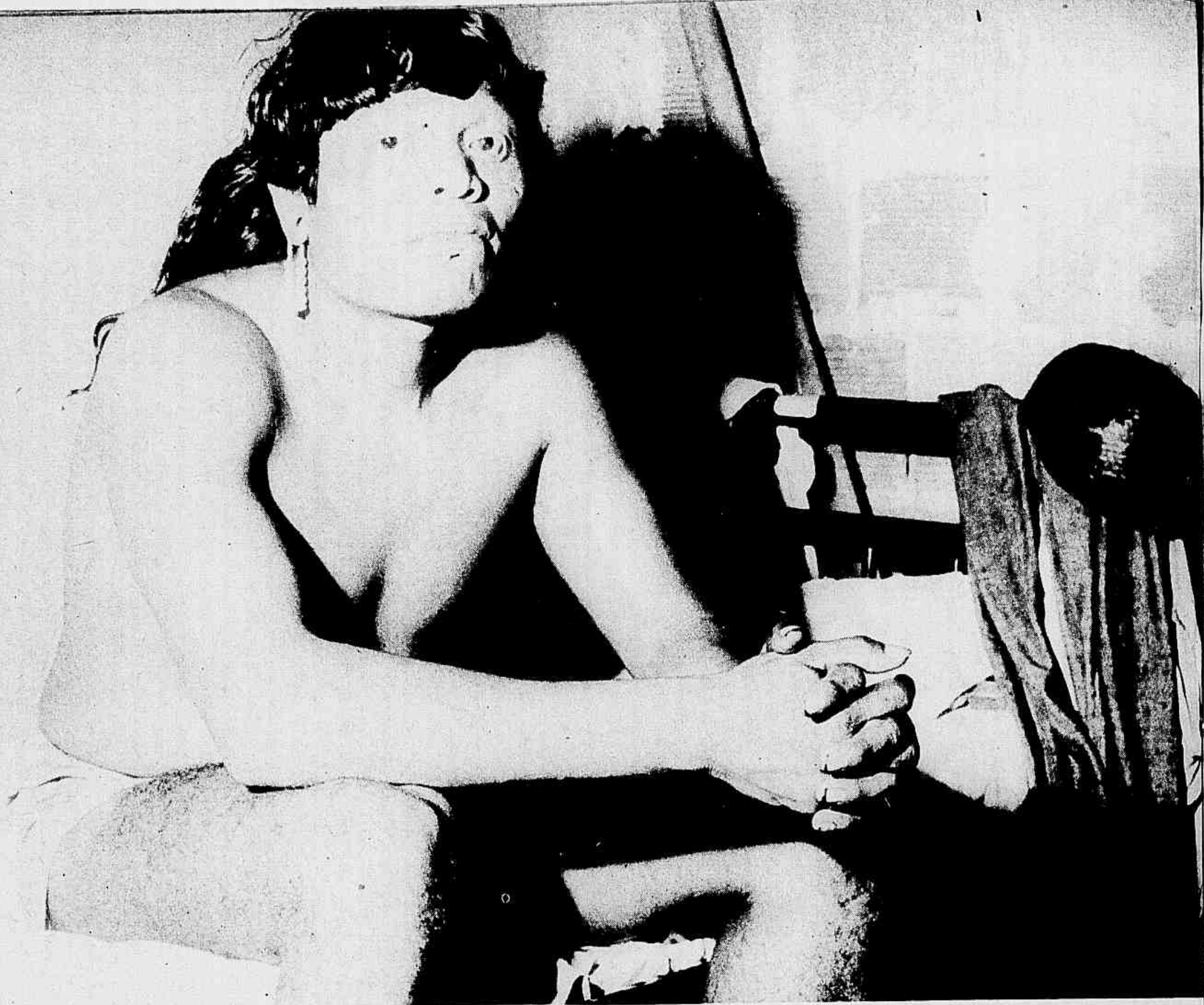
primorando constantemente os seus padrões de qualidade e incrementando as suas linhas de produção, através de modernos métodos tecnológicos, a indústria brasileira, enfrentando dificuldades, atingiu um extraordinário desenvolvimento, constituindo-se em

grande criadora de riquezas para o Brasil.

Desde 1901, com a inauguração da usina pioneira Parnaíba, as Companhias Associadas Light vêm contribuindo para o engrandecimento do parque industrial brasileiro.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



ONZE ÍNDIOS DE "BLUE JEANS" JOGARAM FUTEBOL EM COPACABANA

11 ÍNDIOS DE 6 tribos do Mato Grosso e da Ilha do Bananal vieram ao Rio, tomaram banho de mar, jogaram pelada na praia, apareceram na televisão, andaram de bondinho no Pão de Açúcar, usaram "blue jeans" e causaram uma briga entre o pastor (americano) deles e o SPI.

Estes vieram para homenagear o marechal Rondon num programa de televisão e um deles (o mais bonito e elegante), da tribo xavante e chamado Tibê, namorou uma lourinha muito bonita, de olhos azuis, chamada Cristina e moradora da praia de Ipanema.

QUEM SÃO : Patacu e Acipé da tribo dos Camaiurás, Ataia e Urruri (Carajás), Becuché e Eroni (Caiapós), Xerinine e Tipê (Xavantes), Arakê, Uteui e Arusai (Trumens e Menacres). Idade : variando entre 16 e 30 anos. Profissão : caçadores e lavradores.

O QUE FIZERAM :

1. Ficaram hospedados no Quartel do Corpo de Bombeiros da Av. Rodrigues Alves, no Cais do Pôrto.
2. Dormiam em cama de soldado, mas tiveram saudades da tribo e armaram uma tabinha.
3. No quartel tomavam banho com mangueira dos bombeiros de 10 em 10 minutos.
4. Não andaram nus. Vestiam "blue-jeans" ou calções de praia.

5. Depois de cada banho penteavam os cabelos em frente aos espelhos que ganharam de presente.

6. Trouxeram pouca coisa de índios : apenas uns colares e umas peninhas para mostrar na televisão que eram índios mesmo.

7. Dormiam o dia inteiro e quando acordavam brincavam com os carros dos bombeiros.

8. Ataia e Arusai quiseram ser bombeiros. Pediram emprêgo.

9. Gostaram do clima (em M. Grosso e na Ilha do Bananal é mais quente) mas não gostaram muito da comida. Motivo : muito sal.

10. Jogaram futebol na praia de Copacabana (Pôsto 6) com o pastor protestante que os acompanhou.

11. Visitaram o Pão de Açúcar e o Corcovado, tomaram banho de mar e engoliram muita água salgada : não gostaram.

12. Não se incomodavam de posar para os fotógrafos mas cobravam depois : presentes.

13. De noite cantavam belas canções de suas tribos e rezavam para a lua (verdadeira).

14. Coisa que mais aprenderam no Rio : mentir à carloca.

15. Dois deles falam português : Patacu e Urruri. O primeiro pertence ao sertanista Vilas Boas, que não gostou que os seus índios viessem ao Rio.

16. Viajaram de suas tribos para o Rio com repórteres da televisão onde se apresentaram, em companhia do pastor



SEU ROBERTO

Tem mulher e quatro filhas entre os xavantes.

JEANS" COPACABANA

(protestante) Robert Butler, americano que vive lá nas tribos.

17. Porque os índios vieram para o Rio houve briga entre o pastor e o Serviço de Proteção aos Índios. O pastor não quis falar aos jornais. Mas contou à **REVISTA DA SEMANA**:

a. Pertence às Igrejas Independentes Fundamentais dos Estados Unidos, com sede em Chicago e ramificações em todo o mundo.

b. Veio com uma missão (há dois anos): interior do Brasil. Teve dificuldades em entrar nas tribos — o SPI não deixava. Mas acabou entrando.

c. Vivê em paz com padres católicos, são todos amigos, passeiam e trabalham juntos.

d. Não construiu Igreja nem ensina religião aos índios. Motivo: eles ainda não têm consciência, não sabem distinguir as coisas.

e. A língua desses índios (dialetos) ainda não está escrita. Por isso eles não podem aprender a Bíblia.

f. Ensina a Bíblia a pessoas civilizadas, tudo que prega tem na Bíblia, são os Capítulos e Versículos. "Se a Bíblia está errada a culpa não é minha. É de quem a escreveu".

g. Os índios ainda não estão civilizados: são apenas mansos. Precisam aprender muita coisa.

h. Sua missão entre os índios: preservar suas terras, que estão sendo tomadas pelos brancos (grileiros). Admite que haverá muita briga entre índios e brancos, pois os índios são mansos mas brigam se lhes tiram a terra.



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

"Mil" lhe oferece:



Aparelhos de
SEGURANÇA
Contra Roubo
Todos os carros

Só na
Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO

açúcar PEROLA
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

OS RUSSOS JÁ TÊM PASSAGEM DE IDA E VOLTA AO ESPAÇO

SEGUNDO FONTES DIPLOMATICAS norte-americanas, na Rússia, os soviéticos lançaram no dia 2 de janeiro um foguete a 295 quilômetros de altura, com um homem dentro.

Essas mesmas fontes (que não tiveram confirmação ou desmentido das autoridades russas) garantiram que "o homem foi recuperado".

Outros dados da informação original:

1. O foguete que levou o homem era semelhante ao que levou o segundo satélite artificial;
 2. não entrara em órbita (o que tornaria muito mais difícil a recuperação do homem);
 3. a recuperação foi feita com um pára-quedas especial;
 4. O homem era um voluntário do Exército Vermelho;
 5. e não sofrera com a experiência.
- Primeira reação do Ocidente: acreditar.
Segunda: não acreditar.
Terceira: ficar na dúvida.

OS RUSSOS JÁ HAVIAM noticiado que "a próxima etapa seria mandar o homem ao Cosmos". O geofísico Gussev disse em Estocolmo há menos de três semanas que "vários problemas estavam resolvidos" e que "faltava muito pouco para um homem (russo) conquistar o título de Primeiro Homem do Espaço".

Outro que disse a mesma coisa foi o professor Gergueiev (membro da Academia de Ciências da União Soviética) acrescentando que "até o problema do regresso à Terra estava resolvido", faltando "certos detalhes da proteção aos viajantes humanos no espaço, principalmente contra certas radiações nocivas".

Tudo leva a crer que uma das experiências soviéticas teve sucesso: conseguir um campo magnético (poderoso) em torno do casco do foguete, o que não permitiria a passagem de raios perigosos ao organismo humano. Esta experiência foi anunciada pelo professor Sedov, o "pai do Sputnik".

"FANTÁSTICO" e "incrível" foram as duas palavras mais comuns nas declarações de cientistas americanos ouvidos a respeito do lançamento e recuperação do homem russo ao Cosmos.

Mas a maioria reconheceu que "embora fantástico era o próximo passo lógico a fazer, depois do sucesso com Laika." E alguns acrescentaram: "É um enorme passo à frente, tecnicamente, mas era preciso esperar por ele".

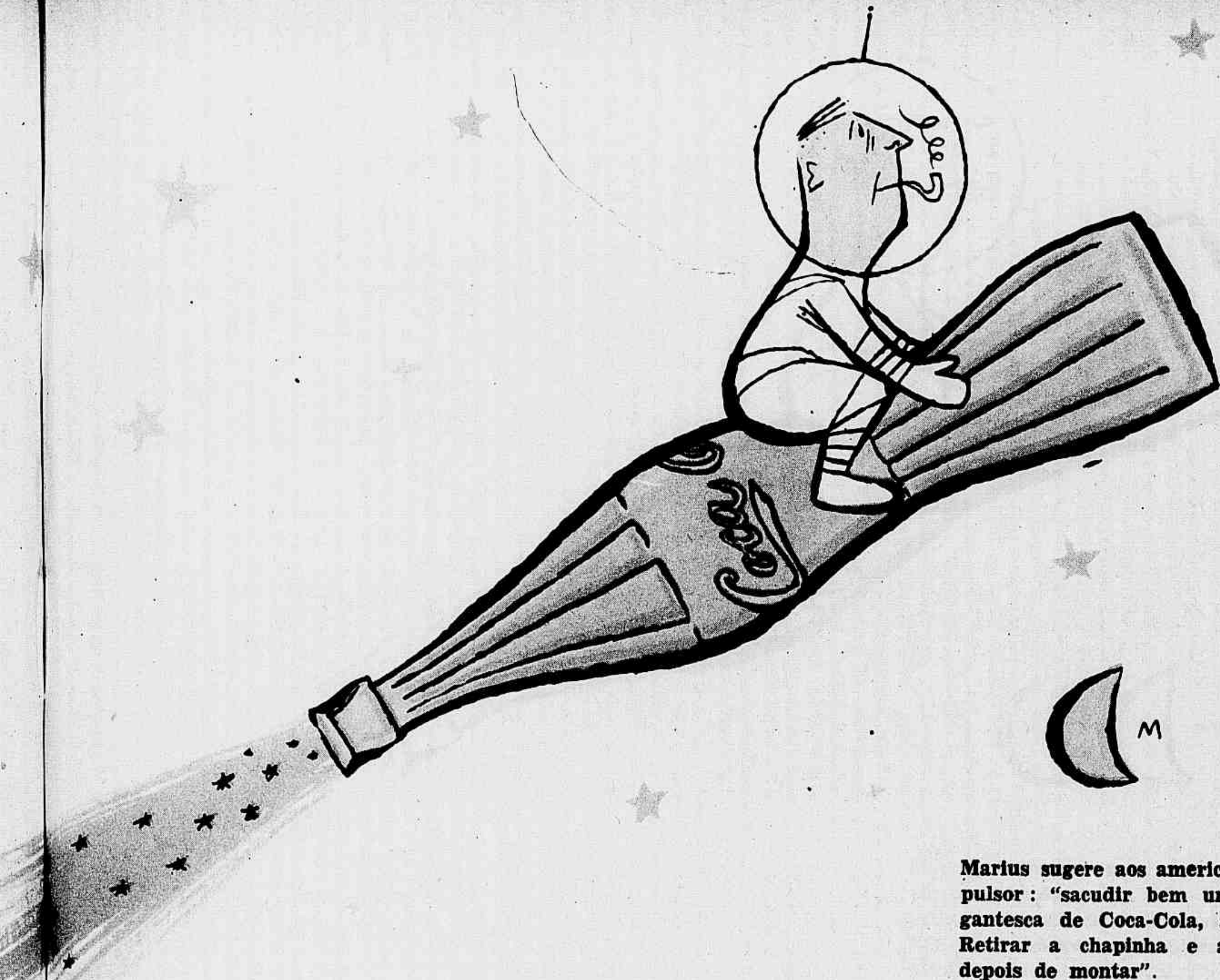
O senador Estes Kefauver (membro da Subcomissão do Senado Para o Programa de Foguetes e Satélites) disse "acreditar na notícia". E disse mais: "Já não deve haver dúvida quanto a posição dos Estados Unidos na corrida com os soviéticos pela supremacia no vôo espacial: eles já estão jogando há uma porção de tempo e nós ainda nem conhecemos bem as regras do jogo".

Por outro lado, o senador John Kenedy denunciou a notícia como "um boato destinado a enfraquecer o sentimento de segurança dos americanos e de seus aliados".

Segundo o senador, "aquilo é um capítulo da guerra fria espacial, tanto que os russos não confirmaram o lançamento".

De fato, a demora de confirmação oficial levantou muitas suspeitas. Assinalou-se que:

1. Um comunicado tão sensacional como o lançamento de um homem ao Cosmos não seria retido pelos russos;
2. e se eles tivessem qualquer interesse em reter a notícia,



Marius sugere aos americanos como propulsor: "sacudir bem uma garrafa gigantesca de Coca-Cola, antes de usar. Retirar a chapinha e agarrar-se bem depois de montar".

não permitiriam que ela fôsse filtrada pelo Corpo Diplofático Ocidental sem um desmentido.

Os observadores crêem que os russos procurariam tirar o máximo de proveito propagandístico do êxito do lançamento de um projétil ao espaço com um homem dentro (pilotando ou não a volta).

No entanto, enquanto o Kremlin continua silencioso, outros boatos correm:

1. teria havido o lançamento do homem, mas o resultado (no capítulo da recuperação) teria sido decepcionante;
2. ou teria sido um sucesso e os propagandistas russos prendem a notícia deixando escapar aos poucos, o que renderia muito mais.

O cônego Jorge O'Grady de Paiva — nosso Editor — diz:

"Não se trata de um "satélite com homem a bordo" e sim de um "foguetete com homem a bordo". De um satélite ainda não é possível voltar à Terra (e a previsão mínima é de cinco anos para que alguém consiga isto); de um foguetete sim, mesmo da altura de 300 quilômetros."

"Além disso, não se trataria também de um "foguetete pilotado", mas simplesmente de um homem a bordo. É como se fôsse um foguetete-balão, de onde é lançado o ocupante em pára-quadras".

"A órbita de um satélite é elíptica e desenvolve-se a enorme velocidade. A de um foguetete é, no caso, parabólica e mais lenta, o que faz com que ele caia em local não muito distante do lançamento, se este foi feito na vertical."

"O homem pode ter sido projetado em cápsula automaticamente desprendível e munida de pára-quadras; ou o próprio

foguetete pode ter sido munido de pára-quadras, voltando a cair depois de descrever a parábola."

"De qualquer modo é um feito notável, o primeiro no gênero até hoje. E se o homem resistiu bem, mais um passo foi dado para as viagens interplanetárias. Devem ter sido colhidos preciosos dados de ordem física e biológica".

"Em conclusão: êsse foguetete com homem a bordo é o precursor de um satélite com homem a bordo, fato anunciado pela Rússia para breve e que terá grande importância pela ausência prolongada de gravidade num ser humano. (No foguetete não aconteceu o problema da falta-de-pêso)".

A altitude de 300 quilômetros é insuficiente para lançar um objeto na órbita da Terra mas é a maior já alcançada pelo homem. O recorde mundial anterior era do major Ivan Kincheole, num avião experimental X-2 que atingiu pouco menos de 39 quilômetros.

O que todos esperam:

1. Confirmação (ou desmentido categórico) da notícia;
2. em caso de confirmação, o nome do "primeiro homem a olhar a Terra de tão longe";
3. e detalhes do lançamento e da recuperação, com um depoimento do homem;
4. em caso de desmentido, a origem da notícia falsa;
5. os motivos;
6. a possibilidade de ser feito o lançamento;
7. quando e por quem.

Alguns cientistas americanos já vieram a público para dizer que "o problema do lançamento é ter um foguetete que suba a 300 quilômetros com o pêso de um homem", porque "quanto à maneira de recuperar já é conhecida".

PROUST, MAS EXISTE PROUST...

O ÚLTIMO LIVRO de Françoise Sagan, há alguns meses apenas aparecido em França, e já publicado também no Brasil,⁽¹⁾ chama-se "Dentro de um mês, dentro de um ano", e narra, em cento e poucas páginas apenas, uma trama densa e até certo ponto cativante. Devido ao inegável rumor que vem produzindo, fazemos a sua apresentação, enquanto não chegamos à última página de "O Senhor do Mundo", de Octavio de Faria — que depois analisaremos nessa mesma página.

A AUTORA — Para muitos (Maurois e Mauriac inclusive) Françoise Sagan é uma grande escritora, aquela que, no dizer de Claude Roy, "se não é a campeã de todas as categorias literárias, certamente é a primeira de sua classe". Para outros, a autora de "Bonjour, Tristesse" não passa de um "bluff" literário, de um equívoco mantido à custa de publicidade e ignorância. A razão deverá estar (como sempre) distante desses dois extremos, e Sagan não é nem o gênio que nos apresentam os editores brasileiros de "Dentro de um mês, dentro de um ano" na orelha do livrinho, nem a aventureira das letras, ambiciosa e sem preparo que alguns críticos apontam. Vocação literária, ela a possui: e precocidade. Resta-lhe maior experiência, maior maturidade. O resto, os anos vão dizer.

O LIVRO — Talvez sabendo que citar Flaubert ou Racine desperta a admiração (como seu personagem Fanny sabe) Françoise Sagan escolheu para título de seu mais recente romance uma epígrafe tirada da tragédia "Bérénice": "Dentro de um mês, dentro de um ano, como supor-

taremos Senhor, que tantos mares separem-me de vós / Que o dia recomece e que o dia acabe / Sem que nunca Tito possa ver Bérénice?". Mas também citar Shakespeare desperta a admiração, e talvez por isso "Dentro de um mês, dentro de um ano" traz, ainda, outra epígrafe, essa tirada do "Macbeth": "Não devemos começar a pensar assim, é de enlouquecer". Frase essa, aliás, que termina o livrinho.

Quanto ao enredo do romance, é intrincado, e a escritora vai expondo, com habilidade, os diversos lances de que se compõe a ação, ora avançando, ora recuando no tempo (simultaneamente, em "Dentro de um mês, dentro de um ano", ocorrem vários episódios, cada um dizendo respeito a um grupo de personagens: Bernard, Josée e Jacques, Alain, Fanny, Béatrice e Édouard).

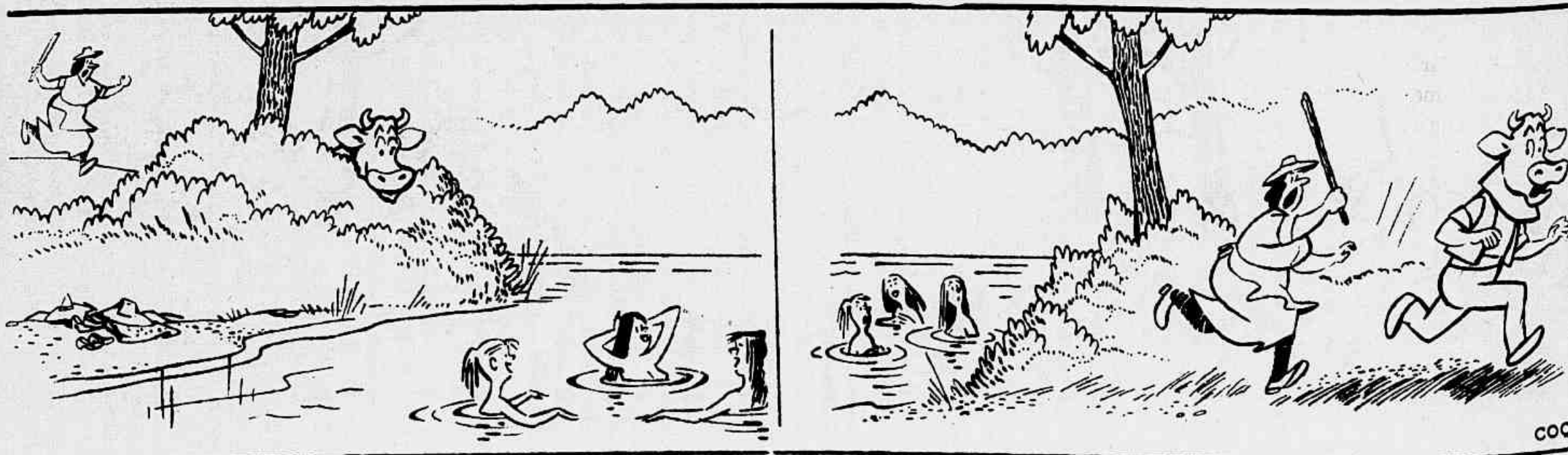
A trama é densa, já o dissemos: Bernard, intelectual sem brilho, ama Josée, milionária e "play-girl", a qual, por seu turno, é amante de Jacques, estudante de Medicina não muito inteligente ("ela tinha a impressão de se ter apaixonado por um urso encontrado na floresta, um urso que a amava, talvez, mas que não podia dizer-lho, condenado como estava a um silêncio animal"); Alain Maligrasse, casado com Fanny, ama Béatrice, jovem atriz por quem também acha-se apaixonado o sobrinho de Alain, Édouard. Mas Béatrice, após encorajar Édouard, torna-se amante de Jolyet, diretor de teatro, na mesma ocasião em que experimenta o pleno êxito como atriz. Alain entrega-se à bebida, Édouard torna-se amante de Fanny, sua tia; Jacques e Josée continuam amantes; apenas o drama de Bernard não está resolvido (bem como o de sua ingênua esposa, Nicole). Como se vê, é sob o signo do amor carnal que se desenvolve "Dentro de um mês, dentro de um ano": os personagens, todos pertencentes a um mesmo *clan*, amam-se entre si, des-

prezam-se mutuamente, traem-se uns aos outros. Não há paisagem, em "Dentro de um mês, dentro de um ano"; e a filosofia que de suas páginas emana é que o homem está sempre só, o amor é um lôgro, e nada possui uma significação autêntica. Mas... "não devemos começar a pensar assim, é de enlouquecer".

BERNARD — Bernard, quer nos parecer, é o personagem central, não somente a maior parte do livro está dedicada a seus sentimentos e reações, como igualmente se nota que a autora lhe dedicou o quinhão maior de simpatia. Intelectual até certo ponto fracassado, atado por um casamento precoce a uma mulher sem vícios e sem virtudes, a uma mulher "neutra" ("uma mulher bíblica e normal", como diria Josée), a paixão enorme que nutre por essa mesma Josée enche-lhe os dias de mal-estar. E o pior é que, como diz Josée, "Bernard ama a literatura mais do que tudo"; por sua vez, o próprio Bernard despreza seu ofício de intelectual de segunda classe: "Acharei com facilidade uma viagem cultural qualquer a fazer, pensou sarcasticamente, são as únicas coisas que sei fazer: artigos culturais, viagens culturais, conversas culturais. A cultura é o que fica, quando não se sabe fazer nada" (quando não se sabe fazer nada, note-se bem: e os personagens de "Dentro de um mês, dentro de um ano", praticamente são ociosos: apenas Béatrice sabe o que deseja e luta por consegui-lo, seja por que preço). Quanto a Bernard e a Josée, são dois ociosos sem finalidade, e ao término do romance, é significativo que os dois estejam ainda se indagando o porquê de tantos mal-entendidos entre ambos.

A TÉCNICA — O romance está estratificado em camadas. Divide-se em onze capítulos, mas divisão melhor diz res-

(1) Françoise Sagan: "Dentro de um mês, dentro de um ano". Edição da Difusão Européia do Livro, tradução de Anna Mathilde Chaves. São Paulo, 1957. 142 páginas. Capa de J. Guillaume. Preço: Cr\$ 70,00.



peito não às mudanças de ação, porém às de direção no desenvolvimento do enredo: se designarmos pelas primeiras letras do alfabeto os diversos personagens, à medida em que vão aparecendo, teremos "A" para Bernard, "B" para Alain, "C" para Édouard, "D" para Josée, "E" para Béatrice, "F" para Jolyet (os personagens Jacques, Nicole e Fanny são comprimários), e veremos que o livro tem as seguintes variações de direção, quanto ao aparecimento de personagens: A — B — C — A' — D — E — C' — D' — A" — B' — A''' — C'' — D'' — F — B'' — D''' — A'''' — C''' — A'''' — C''' — B'' — A'''' — E' — A''''''; o predomínio do personagem "A", Bernard, é evidente: em nada menos que sete vezes o livro versa sobre suas ações, quase que inteiramente. Sagan utiliza frases curtas e diretas, por vezes cruas (como o trecho descrito à página 12 e no início da 13).

O ESTILO — De quando em vez, a autora interrompe a narrativa para emitir seus próprios conceitos a respeito de coisas as mais diversas. Torna-se então banalíssima, de uma banalidade lancinante: "Nada assenta melhor a certas mulheres do que as crises de ambição. O amor as rebaixa" (p. 27); "Nada se assemelha mais a uma cidade da Itália do que outra cidade da Itália, sobretudo no outono" (p. 56); "As paixões são, quando existem, o sal da vida, e não se pode, quando sob o império delas, dispensar o sal" (p. 85); "Não é à-toa que a gente nasce chorando, o resto da vida não é senão uma atenuação dêste choro" (p. 102); "O tricô é uma das tábuas de salvação das mulheres infelizes" (p. 113); "Eis o que é aborrecido nas grandes e precoces paixões como a literatura: acabam sempre por nos entregar a paixões menores, mas muito mais vivas e perigosas, porque mais tardias" (p. 124); etc.

Esse dogmatismo barato, essa filosofia-zinha rastacoera, talvez derive de Proust, do Proust que é lembrado, em cena bastante significativa, pelo personagem central, Bernard: após ouvir uma frase musical executada ao piano por um jovem músico ("o pianista tocava uma música muito bela, que lhe parecia muito terna, com uma frase ligeira que voltava incessantemente, uma música que tinha a cabeça inclinada"), sai-se com êsses pensamentos: "Eis aí, é a frase! Ah Proust, mas existe Proust, não tenho nada que fazer com Proust, afinal de contas". Talvez Bernard não tivesse; Sagan, todavia, teve. É, mesmo, um Proust de bolso, um Proust em caixa baixa.

CONCLUINDO — Resta falar da tradução, a cargo de Anna Mathilde Chaves, que não comprometeu sua tarefa; da capa singela, de Jean-Guillaume; enfim, do formato prático do livrinho, que deve ser lido pelos que se interessam pela moderna literatura francesa, e sobretudo pelo "fenômeno" Françoise Sagan, ao lado do "fenômeno" Minou Drouet e de outros mais, um dos pratos do dia de nossa época, do ponto-de-vista literário.

"Acorde-me cedo pela manhã, Jeeves, porque eu e sua mulher vamos fugir".

"Não; não quero bebidas. Traga-me qualquer coisa para limpar o bigode".

"Não se espante, meu caro — eu e sua mulher estamos fazendo uma experiência científica".

"Que espanto é esse? Ela não foi contratada para todo o serviço?"



"...ela é uma moça direta e ameaça ir embora se você insistir em conquistá-la".

"Jeeves, meu rapaz, pelo jeito que você nos olha parece até que estamos numa atitude inconveniente".

"De hoje em diante você fica encarregado também da arrumação da casa".

"Imagine que ela pensou que eu fosse pobre e mesmo assim apaixonou-se à primeira vista".

OS 10 MELHORES SÃO 9

EIS OS MELHORES de 1957, no teatro:

Melhor autor nacional: Ariano Suassuna (O Auto da Compadecida).

Melhor autor estrangeiro: J. B. Priestley (O Tempo e os Conways).

Melhor diretor: Geraldo Queiroz (O Tempo e os Conways).

Melhor atriz: Cacilda Becker (Adorável Júlia).

Melhor ator: Walmor Chagas (Gata em Teto de Zinco Quente).

Melhor atriz coadjuvante: Grace Moema (Guerras do Alecrim e da Manjerona).

Melhor ator coadjuvante: Ziembinski (Gata em Teto de Zinco Quente).

Melhor cenógrafo: Millor Fernandes (Guerras do Alecrim e da Manjerona).

Melhor figurinista: Ded Bourbonnais (Natal na Praça).

O ANO QUE SE inicia promete ser bastante proveitoso para o teatro. Em primeiro lugar, um autor nacional — Ariano Suassuna — veio resolver o desagradável problema de várias companhias no que se refere ao cumprimento da lei dos “dois a um”. Seu inegável talento é uma garantia e um estímulo à montagem de originais brasileiros. A par do novo autor, que promete interessante e decisiva contribuição para a nossa comédia; há a nova companhia de Cacilda Becker, que estreará com “A Santa e a Porca”, março próximo, reunindo elementos de valor saídos do TBC e programando bom repertório. Igualmente uma nova companhia promete encenações de categoria, tendo como integrantes Celme Silva, Beatriz Veiga, Paulo Araújo, entre outros. “Os Artistas Unidos” pretendem iniciar sua temporada com “Gigi” de Colette, estrelada por Suzana Freire e Jardel Filho, enquanto há planos para exhibições aqui no Rio das companhias de Maria Della Costa e Nidia Licia-Sérgio Cardoso. O CTCA, segundo o diretor Adolfo Celi, vai se preocupar mais com a qualidade do seu repertório, abolindo as “concessões” ao grande público. Esse é o panorama otimista com que se inicia o 1958.

IONESCO

FOI REALMENTE UMA agradável surpresa o “Espetáculo Ionesco” que o Teatro Novo encena, atualmente, no Teatro de Bólso. Ninguém pode esperar dêsse autor de “avant garde” a lógica, pois suas obras são totalmente ilógicas, plenas de irreverente insensatez que produz hilaridade em alta dose. O espetáculo, composto de “A Lição” e “A Cantora Careca”, conta com bons desempenhos. Ionesco é um nome de destaque no teatro avançado e o Rio teve em Luiz de Lima um lançador, montando os textos com bastante finura.

WILDE ADAPTADO

VAN Jafa ACABOU de adaptar para o teatro a célebre obra de Oscar Wilde, “O Retrato de Dorain Gray”, que pretende apresentar ainda este ano, tendo Adriano Reys no papel principal. Ainda não se sabe que companhia irá encená-la, embora o adaptador garanta que conta (certo) com um capitalista para a empresa.

Existem várias adaptações do original de Wilde, mas, segundo a opinião de Van Jafa, nenhuma satisfaz. Esperemos a dele.

Sacha Guitry costumava dizer: “Passei a gostar de certas pessoas simplesmente pelo fato de outras pessoas, das quais eu não gostava, falarem mal delas.”

Pascale Audret, a revelação parisiense de “O Diário de Anna Frank”, gravou em discos extratos do livro do qual a peça foi adaptada.

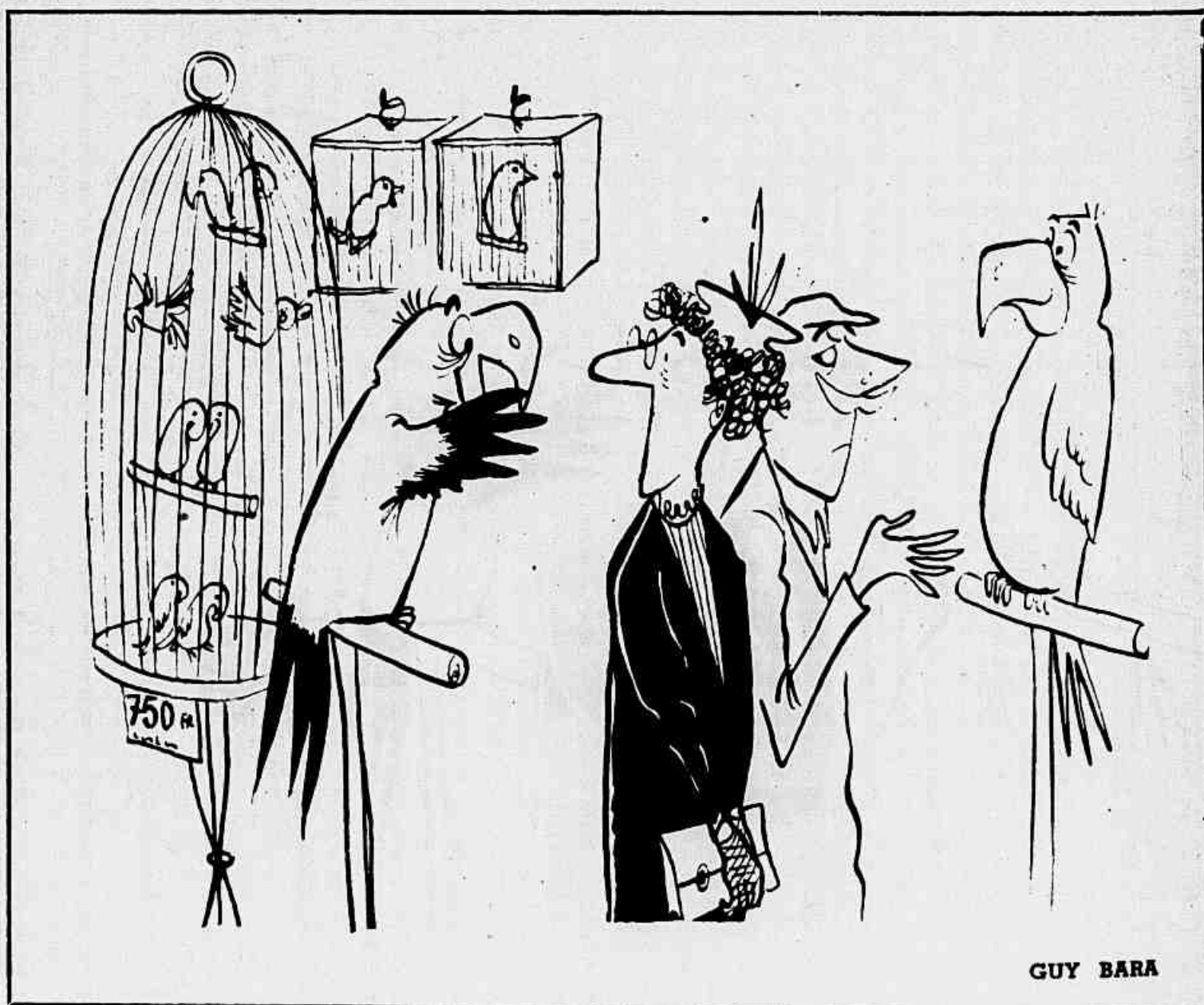
Eddie Constantino deverá ser o intérprete francês da peça de John Osborne (o novo dramaturgo que desponta no mundo), “The Entertainer”, numa adaptação de Henri Jeanson e com “mise-en-

scène” de Lawrence Olivier (criador da peça em Londres) ou de Peter Brook.

Os meios teatrais franceses estão de fato agitados pelos últimos acontecimentos. Além da greve dos maquinistas do “Théâtre Français” (oficial) que resultou no pedido de demissão irrevogável do diretor do Théâtre National Populaire (TNP), Jean Vilar, os interessados estudam vários projetos para a revogação dos velhos estatutos da Comédie Française.

Uma curiosa conferência foi pronunciada em Paris, dezembro último, por Jean Mercure, sob o tema: “Os perigos de uma mise-en-scène, ou como trair uma peça”. Essa conferência foi ilustrada por Daniel Gélin e Anouk Aimé, interpretando uma cena de “On ne badine pas avec l'amour”, simulando-a dirigida por um diretor estrangeiro que teria “descoberto” Alfred Musset através de uma tradução...

O famoso “musical” “My Fair Lady”, que alcança, há anos, invulgar sucesso nos palcos norte-americanos, já tem data marcada para estreiar em Londres e será a 30 de abril. A bilheteria foi aberta em primeiro de outubro do ano passado e em cinco dias lotaram as localidades para os 6 primeiros meses de espetáculo!



GUY BARA

“...e sei algumas anedotas picantes. Eu fui de teatro de revista”.

NOVA IORQUE, JANEIRO — A luz suave, a música e o vinho eram coisas necessárias para o trabalho de Jane Foster Zlatovski.

Entre gostosos beijos roubados, Jane conseguia informações para os seus chefes soviéticos, sobre os muitos segredos, confidências e fraquezas humanas nas agências do Exército e do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos na Austria e na França.

Nos fins-de-semana, quando as garrafas de uísque estavam vazias e eles (os americanos) bêbados e desprevenidos, Jane registrava com sua máquina fotográfica cenas alegres e interessantes.

Desta maneira, a bela e inteligente espiã soviética obtinha detalhes comprometedores sobre os costumes sexuais e sobre as preferências de licores e jogos dos homens cujas identidades eram cuidadosamente guardadas.

Seu marido, George, oficial do Serviço de Inteligência Militar, cobria de atenções as secretárias de importantes agências norte-americanas.

Eles (Jane e o marido) trabalhavam sempre juntos, sob minhas ordens, oferecendo festas nas quais o principal era que se consumissem grande quantidade de bebidas.

As atividades de Jane eram muito apreciadas por nossos chefes do Kremlin, cujos arquivos se encontravam sempre cheios de volumosos informes de Jane Zlatovski.

O KREMLIN FICOU tão satisfeito com uma informação de Jane, assinalando certos indivíduos que se encontravam expostos à chantagem soviética, que me ordenaram: "Dê um prêmio de 1100 dólares a Jane".

Os Zlatovski (sob a direção de Jane, que era mais viva que o marido) trabalhavam sob minhas ordens por 75 dólares mensais (cada um), e mais os dólares necessários às despesas com festas, bebidas, etc. Com as festas as línguas batiam.

Ainda que eles soubessem de tudo o que faziam, cada um de seu lado, pela "causa comunista", brigavam sempre, acusando-se mutuamente de aventuras românticas. George acusava Jane de continuar suas relações amorosas com certos indivíduos, muito depois de os utilizar como fontes de informação.

Jane, por seu turno, recordava a George que ele era um alcoólatra e um vagabundo que não queria trabalhar. Demais, Jane não gostava da idéia de que George aproveitava o dinheiro que lhe mandava a família.

DEPOIS DE UMA briga muito séria provocada pelos efeitos do álcool, quando cada um deles enumerou os idílios ilícitos do outro, Jane, enfurecida, rasgou a camisa de George e lhe arranhou a cara.

George reagiu a seu modo: deu um murro nos olhos negros de Jane, tirou-lhe toda a roupa e jogou tudo pela janela, batendo com uma garrafa de licor (vazia) na cabecinha de Jane.

Jane escapou e veio soluçando contar-me a história. Eu consegui fazer a reconciliação, mas as brigas continuaram.

A tensão do trabalho fazia seus efeitos. Durante o dia Jane bebia grandes quantidades de martinis, tentando descansar, e quando ia dormir sempre levava na bolsa uma garrafa de conhaque ou genebra. Ao levantar-se, antes de lavar os dentes, bebia alguns cálices de conhaque.

Mas Jane nunca permitia que sua vida íntima influísse na eficiência de suas atividades de espiã.

Em 16 de janeiro de 1949, Jane me entregou (em Paris) para que eu os retransmitisse a Moscou, detalhes biográficos sobre certos indivíduos que trabalhavam na Administração de Cooperação Econômica.

Eis um trecho da informação (premiada) de Jane que eu passei a Boris Morros para que este entregasse a seu contato em Viena:

"As ramificações do serviço de informações do exército americano tinha maiores possibilidades do que eu havia imaginado. Salzburgo é uma pequena colônia norte-americana e xxx (código) e eu éramos praticamente as únicas pessoas que não trabalhavam para uma agência de inteligência.

EU FIZ MUITAS amizades, socialmente, e fiz um esforço para familiarizar-me com os membros do grupo de contra-inteligência. Meus amigos mais íntimos foram: xx e xxx.

"Foi por intermédio deles que estive em contínuo contato com seus chefes e colegas em ambas as organizações. Estes funcionários me visitavam em minha "Schloss" (albergue) ou passávamos juntos os fins-de-semana em hotéis austríacos de veraneio.

"Desta forma, consegui obter fotografias de todos os membros de (nome da organização omitido) e da maioria dos membros do corpo de contra-inteligência... todos eles tinham bebido muito, e é incrível tudo que falavam de suas atividades, tanto antes como depois de beberem.

"Praticamente todos os planos foram idealizados e discutidos em minha presença"...

"Eu estou certa de que todos os meus movimentos foram informados por xxx. Sabendo isto, tinha que ser duplamente cuidadosa nas minhas viagens a Paris, e simplesmente me era impossível ir todos os meses a Paris durante dois dias, sem dar uma explicação.

"Em consequência, tive que ausentar-me por períodos mais longos, sob pretexto de querer ir à Suíça ou à Riviera, ou de ter que ir a Paris comprar vestidos que não queria nem precisava.

"O que desejamos — e ao dizer isto falo tanto em nome de George como no meu próprio — é cumprir nossa missão, não importa qual, mesmo que seja difícil — sempre e quando seja de utilidade para a causa".



TELEGRAMA DE KRUSCHEV CRIA PROBLEMA PARA JK

ENTRE AS MENSAGENS de fim-de-ano que o sr. Juscelino Kubitschek recebeu estava uma que ninguém no Palácio do Catete conseguiu ler. O remetente era Nikita Krushev — Kremlin — Moscou.

Traduzida no Itamarati, só no dia 6 chegou às mãos do sr. Juscelino Kubitschek outra vez. Era, de fato, um telegrama de cortesia, no qual Krushev (na qualidade de "um dos chefes de Estado do governo soviético") dizia que a União Soviética, de acordo com a sua política de coexistência pacífica, deseja a prosperidade de todos os povos, fazendo votos pelo progresso do Brasil e pelo êxito do governo do presidente Juscelino Kubitschek.

Junto com a tradução e o original

russo, o sr. Juscelino Kubitschek recebeu um expediente do Itamarati, onde, diplomaticamente, faziam ver ao presidente que a resposta só deveria ser dada depois de certas consultas (especialmente políticas).

O mesmo expediente aconselhava "o maior sigilo em torno do assunto". Segundo o Itamarati, a simples resposta significaria o reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia.

Consultando seus assessores (civis e militares) e alguns ministros (especialmente o da Guerra e o do Exterior) o sr. Juscelino Kubitschek chegou à conclusão de que o sr. Krushev criara mesmo um problema delicado para o governo brasileiro — ou, mais propriamente, para ele:

1. se responder, atendendo aos princípios de boa-~~educação~~ educação e diplomacia, estão reatadas as relações;

2. se não responder, atendendo (principalmente) às ponderações da Igreja, terá perdido uma boa oportunidade de "cozinhar mais um pouco" a situação.

O sr. Juscelino Kubitschek está procurando uma fórmula de responder sem responder, isto é, de responder sem se comprometer (o que é difícil).

Ele acha que a situação está muito favorável e que as propostas de Moscou (ainda não repelidas) servirão — pelo menos — para fazer com que os norte-americanos mudem de política em relação ao Brasil.

Segundo acredita, as recentes denúncias nos Estados Unidos contra a política dos

Brasil: um país prorrogacionista

Problema: ser ou não ser Lott

Seu Vitorino foi ao vento

Taquari, a girafa da política

PSD tem ciúme do namôro de JK

franca e direta manifestação da União Soviética no sentido do restabelecimento das relações entre os dois países, interrompida em 1948", segundo um membro da Casa Civil, que foi quem fez transpirar a notícia, sem revelar o texto completo.

A revelação teria sido feita (à "Última Hora" do Rio) propositadamente, para sondar a opinião pública a respeito.

Embora a maioria do Itamarati acredite que a resposta ao telegrama, fatalmente, signifique o reatamento, muitos conselheiros presidenciais dizem que não, insistindo com o sr. Juscelino Kubitschek para que dê resposta ao telegrama o quanto antes.

O sr. Juscelino Kubitschek, entre as consultas que mandou fazer, incluiu o cardeal D. Jaime de Barros Câmara.

BRASIL: UM PAÍS PRORROGACIONISTA

O DEPUTADO ANTÔNIO Horácio (PSD-Ceará), embora acredite que a emenda Esmerino Arruda (prorrogação dos mandatos) não obtenha os dois terços necessários à sua aprovação, continua fiel à sua idéia e não se conforma com o anti-prorrogacionismo.

Diz ele que continua tendo pela prorrogação "um carinho de natureza doutrinário", mas não se empenhará mais pela sua aprovação, porque o sr. Juscelino Kubitschek, que é do seu partido e presidente da República, pediu que ele não insistisse.

Mas o deputado Esmerino Arruda (PSD-Ceará), discípulo do sr. Antônio Horácio, insiste. Mas também não acredita, porque foi para a sua terra fazer campanha política para reeleger-se.

Para o deputado Antônio Horácio há três bons argumentos em favor da prorrogação:

1. o deputado Aliomar Baleeiro (UDN-Bahia) não considera imoral a idéia;

2. o Parlamento inglês já prorrogou os mandatos de seus membros por duas vezes;

3. o Brasil é um país essencialmente prorrogacionista: prorrogamos a lei do inquilinato, a lei da COFAP (2 vezes), a permanência do general Denys (uma vez, mas vai ser outra).

Diz ainda que o general Lott não é contra a prorrogação dos mandatos. Nem a favor. Até agora não disse nada, mas afirmou aos jornalistas em seu gabinete que é a favor da coincidência dos mandatos, dizendo, porém, que falava como cidadão e não como ministro ou general.

O ministro da Justiça, sr. Eurico Sales também deu sua opinião sobre a emenda prorrogacionista: contra. E contra também a coincidência dos mandatos, porque não vê nenhuma vantagem em prorrogar ou coincidir mandatos. Disse mais: o maior prejuízo é para a democracia, porque, com prorrogação, o povo vota menos. E o povo deve votar muito, o mais

que puder, para aprender a votar exercitando-se.

O vice-líder do PSD, deputado José Joffily (ala moça) deu uma entrevista na Câmara e disse que o seu pensamento era o mesmo do ministro Eurico Sales: contra prorrogação e coincidência. Foi mais longe: disse que só os deputados que comprem mandatos querem coincidência, porque os mandatos ficam mais baratos.

PROBLEMA: SER OU NÃO SER LOTT

DOIS CANDIDATOS disputarão este ano a presidência do Clube Militar: os generais Justino Alves Bastos, pelo grupo lottista, e Humberto Castelo Branco, pela Cruzada Democrática (grupo antilottista).

O general Castelo Branco era bem considerado entre os generais de novembro, mas caiu no índice do general Lott depois que protestou contra o movimento da espada de ouro para o ministro da Guerra. Passou-se para o outro grupo.

O general Alves Bastos será candidato em lugar do atual presidente, Segadas Viana, que não quer ser candidato à reeleição alegando falta de tempo para vir diariamente ao centro da cidade dar expediente no Clube.

DF: VAGA DE SENADOR ATRAPALHA FRENTE

O PSD, PSP, PR, PSB, PTN e PRT estão discutindo a organização de uma "Frente" no Distrito Federal, visando a apresentar chapa única de deputados e senador nas eleições de outubro.

Nessa chapa (17 candidatos), os lugares ficariam assim distribuídos: 5 para o PSP, 4 para o PSD, 3 para o PSB, 3 para o PR, 1 para o PTN e 1 para o PRT.

A Frente poderia obter uns 240 mil votos de legenda, o que lhe possibilitaria eleger 5 deputados pelo quociente e mais 1 com as sobras. Acontece, entretanto, que as dificuldades começaram a surgir logo de saída. É que cada um desses seis partidos se considera no direito de indicar o candidato à senatória.

E já existem nada menos de quatro nomes para a vaga: Mendes de Moraes, Augusto do Amaral Peixoto, Mozart Lago e Mário Pinotti.

O PSD TEM CIÚME DO NAMÔRO DE JK

O PSD ESTA descontente com o sr. Juscelino Kubitschek, alegando que o governo está distribuindo favores e vantagens (Cr\$) à UDN e ao PTB, "em detrimento" dos pessedistas.

JK não tem, no entanto, dado importância às reclamações pessedistas, considerando que no PSD a "vocaçao do poder é inabalável" e o partido jamais iria afastar-se do Catete, "onde sempre

Estados Unidos na América Latina se prendem ao medo que os americanos têm de ver a área de influência russa se estender à América. E não custa acender uma vela a Deus e outra ao diabo, se ambos têm o que oferecer em troca.

Nem mesmo os mais íntimos do sr. Juscelino Kubitschek sabem qual é a sua verdadeira opinião a respeito do reatamento de relações, mas sabem que:

1. a manifestação da Igreja contra o reatamento impressionou-o muito;

2. a possibilidade de reatar suavemente, com um simples telegrama de agradecimento, também impressionou bastante;

3. por sua vontade, ficava tudo "como está, que está bem", por enquanto.

O telegrama de Krushev foi "a mais

pode surgir uma oportunidade". Afirma-se que essa teoria é inspirada pelo sr. José Maria Alkmim: e é considerado o "pessedista clássico", portanto capaz de julgar muito bem os colegas.

Principais queixas pessedistas:

1 — Os governadores udenistas (Leandro Maciel, Dinarte Mariz, Jorge Lacerda e Flávio Ribeiro) sempre conseguiram com facilidade a liberação das verbas federais, além de outras formas de auxílio. Enquanto isso, os governadores pessedistas — o sr. Ildo Meneghetti é o melhor exemplo — encontram enormes dificuldades no Catete e no Ministério da Fazenda.

2 — O PTB, além de dois Ministérios e de toda a rede da previdência social, recebe grandes favores, às vezes diretamente à custa do PSD.

3 — O sr. Juscelino Kubitschek apóia abertamente candidatos petebistas ou udenistas contra pessedistas, em alguns Estados.

4 — Não há praticamente um só pessedista que não tenha sua queixa (Cr\$) do sr. Kubitschek ou do sr. Alkmim.

5 — Com sua política o presidente pode conduzir o PSD a um desastre eleitoral em outubro próximo.

Alegam ainda os pessedistas que merecem melhor sorte, pois foram eles que sustentaram o sr. Kubitschek, inclusive nos dias difíceis de novembro de 1955, e vêm dando cobertura a todos os seus atos, "arrostando com a crescente impopularidade do governo".

Provavelmente alguns deputados do PSD vão contar as mágoas quando reabrir o Congresso, dia 31 — e já disseram isso ao próprio sr. Vieira de Melo. O líder tem aconselhado "paciência e fé em Deus", mas um deputado gaúcho, que falava em nome de muitos, perdeu a

calma e lhe respondeu que "Deus é grande mas o Banco do Brasil é maior".

De qualquer modo — dependendo de vários fatores, como certas recomposições políticas em marcha em alguns Estados, o desenvolvimento da crise político-social e da situação militar, etc. — pode acontecer que o sr. Kubitschek chegue a um tal ponto de desgaste e falta de base que os pessedistas resolvam não mais apoiá-lo, ou cobrar pelo apoio um preço que ele não possa pagar. E a vocação os levará a bater noutra porta ou a tentar empurrar o presidente pela porta do Catete.

SEU VITORINO FOI AO VENTO

PELA PRIMEIRA VEZ está ameaçada a liderança do sr. Vitorino Freire no Maranhão. Em várias outras oportunidades ela esteve ameaçada pelos adversários. Agora, porém, a ameaça parte dos próprios correligionários.

Existe no PSD maranhense um movimento que visa a eliminar, aos poucos, a influência vitorinista. Os chefes locais parecem dispostos a tomar as rédeas do comando partidário, fugindo ao absolutismo das ordens do senador.

O primeiro sintoma dessa rebeldia foi o fato de o sr. Vitorino Freire não ter conseguido mais impor a candidatura do sr. Assis Chateaubriand para a reeleição a Senador por aquele Estado. Sabe-se também que o deputado Newton Belo está assumindo gradativamente a chefia do partido no Maranhão.

Afirma-se que a viagem do senador aos Estados Unidos (para representar o Brasil na ONU) foi muito bem aproveitada pelo sr. Newton Belo para tomar-lhe o lugar,

Explica o sr. Belo: "quem vai ao vento perde o assento".

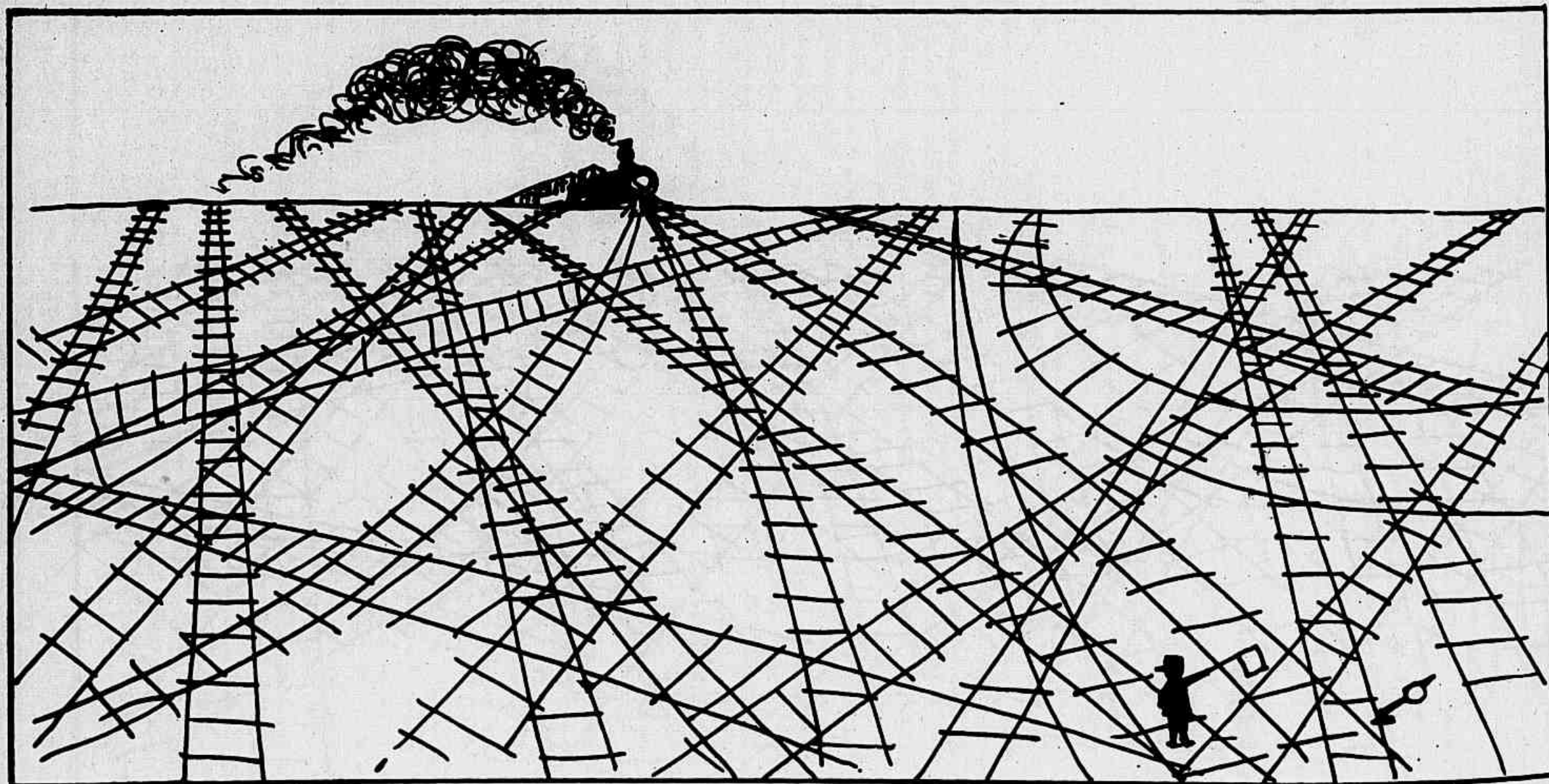
TAQUARI A GIRAFÁ DA POLÍTICA

O SR. ADROALDO MESQUITA da Costa já foi ministro da Justiça no governo Dutra. Depois, durante três anos seguidos, esteve como 2.º vice-presidente da Câmara. Agora, porém, é um simples vereador da cidade gaúcha de Taquari. E ninguém de lá o retira mais. Ainda agora, o PSD do Rio Grande do Sul quis candidatá-lo ao Senado ou à Câmara dos Deputados, chegando mesmo o seu nome a ser lembrado como candidato a governador, na hipótese de uma retirada da candidatura Perachi Barcelos.

O sr. Adroaldo Mesquita quer continuar vereador de Taquari. Diz que ali existe a Câmara de Vereadores "mais original e mais barata do Brasil". Logo que assumiu o mandato, apresentou um projeto pelo qual os vereadores locais trabalhariam de graça. No plenário, consultou publicamente todos os seus colegas. Os 3 vereadores do PSD concordaram; os 4 do PL também. A bancada do PTB, porém, dividiu-se: um aceitou a sugestão, porque é comerciante abastado; o outro rejeitou-a, alegando sua condição de pobre e exibindo na mão direita um exemplar da Constituição, que determina o pagamento de todo trabalho.

Mas o projeto foi ali mesmo aprovado, por 8 votos contra 1. Da economia no plenário, os vereadores passaram ao resto. E das três funcionárias então existentes, apenas uma ficou, ganhando Cr\$ 1 mil por mês.

Resultado: a Câmara Municipal de Taquari custa por ano apenas 8 mil cruzeiros.



BLACK - SOCIETY



Ela talvez seja a 6.^a mulher do rei. E a 15.^a noiva.

FICOU NOIVA A MAIS BELA
DEBUTANTE DA TOGOLÂNDIA



Tomando parte nas danças puras, as meninas preparam-se. Elas serão debutantes em 1962.

Dançar bem é muito importante, sem sociedade.

*LÁ NA
TOGOLÂNDIA
SÃO 32
AS DEZ MAIS*





Na Togolândia ainda não existe uma lista daz dez mais. Essas são quatro das "32 mais".

TOGOLÂNDIA, jan. 58 — EXCLUSIVO para a REVISTA DA SEMANA em todo o Brasil.

UM DOS MAIORES acontecimentos sociais da África, a apresentação das debutantes na Togolândia, foi coberto este ano por um número recorde de fotógrafos.

113 jornalistas de todo o mundo estiveram aqui e quase 900 quilômetros de filmes foram operados, focalizando as 32 "nobres moças" que tiveram a honra de serem apresentadas ao Grande Chefe.

15 feiticeiros prepararam a festa, invocando os bons espíritos e pedindo aos maus que "não se manifestassem, por favor, durante a cerimônia". O mais curioso é que quatro modernas ambulâncias, com as equipes médicas a postos, ficaram assistindo o torneio, as danças e o desfile das moças, "para auxiliar os feiticeiros tradicionais".

A cerimônia começou à zero hora do dia 5, quando os tocadores de tambor anunciaram "para todo o mundo" que "as mais belas moças do país se reuniriam para homenagear o Grande Chefe".

Em seguida, houve as invocações dos feiticeiros.

Depois, o torneio, quando se exibiram os cavaleiros mais fortes da Togolândia, lutando em homenagem às debutantes.

Ao meio-dia, em ponto, elas entraram conduzidas pelas matronas e desfilaram perante o Grande Chefe.

Em seguida exibiram suas qualidades, dançando.

Às seis horas da tarde todos foram autorizados a tomar parte nas danças, que se dividiam em quatro grandes grupos:

1. Guerreiras,
2. de amor,
3. dos feiticeiros, e
4. puras.

A mais bela debutante tornou-se, imediatamente, noiva do Grande Chefe, que em 15 anos de governo já tem 15 noivas, tendo-se casado com 5 delas.

O NORDESTE VISTO DE DENTRO

SAO TOMÉ — RIO GRANDE DO NORTE — O que há de trágico no Nordeste é que, cada vez que o reencontramos, mesmo para o rápido contato de alguns dias, sentimos agravados os sintomas da crise econômica e social que o aflige através dos anos.

JÁ SUSTENTAMOS da tribuna da Câmara, e mais de uma vez, que, ao contrário de muitos observadores, o que consideramos de menos inquietador, nesta região, é o fenômeno das secas periódicas. Jamais poderíamos negar a força demolidora desse impacto sobre o patrimônio coletivo e as energias individuais do homem nordestino. Não saem dos nossos olhos e do nosso espírito aqueles quadros inenarráveis que se repetem numa média de 10 a 12 anos, com quase nenhuma alteração nos seus aspectos mais lancinantes, apesar de tentativa que a República, a partir da Lei Eloy de Souza, faz para torná-los mais amenos: fazendas e vilas abandonadas pelas suas populações, as estradas cheias das procissões de fome, pequenos proprietários transformados em mendigos, crianças que vão morrendo e se enterrando como animais, toda uma civilização trissecular abalada na sua estrutura através de milhares e milhares de quilômetros de terra estorricada que recusa ao homem as mínimas condições de vida.

Releia-se, agora, dessa admirável Raquel de Queiroz, "O Quinze" (Editado em "3 Romances" da Livraria José Olympio) que é um instantâneo emocional da seca de 1915, e chegaremos à triste conclusão de que, no que toca ao abandono em que vive o povo e à precariedade de seus meios de defesa, quase nada mudou nestes 42 anos. De flagrada a calamidade, milhares de famílias se vêem forçadas a deslocar-se, sem destino, em busca de um serviço público federal, um açude ou uma estrada, onde aluguem, por um salário de fome, diminuído pela exploração dos barracões e pela corrupção organizada de administradores e funcionários, a própria esperança de sobreviver.

MAS, RECONHEÇAMOS, bastam dois anos regulares de inverno, após a calamidade, para o homem nordestino, mesmo desassistido pelos poderes públicos, recuperar a sua vitalidade e a normalidade de seus meios econômicos.

MAIS GRAVE, porém, é que esses meios econômicos se estão depauperando dia a dia, não pela ocorrência das secas, mais pela crônica e esmagadora incidência da crise permanente que asfixia o Nordeste.

COMECEMOS por ver a agricultura. A lavoura do algodão, sustentáculo secular desta região, é hoje crescentemente deficitária. A ineficácia do crédito agrícola — desde o concedido pelo Banco do Brasil, com dificuldades e retardamentos incompreensíveis, à ação limitada e decepcionante do Banco do Nordeste; as condições onerosas do crédito obtido nas grandes firmas compradoras de algodão, que ficam praticamente com a faculdade de fazer, na safra, o preço que lhes interessar, pois o Ministério da Fazenda

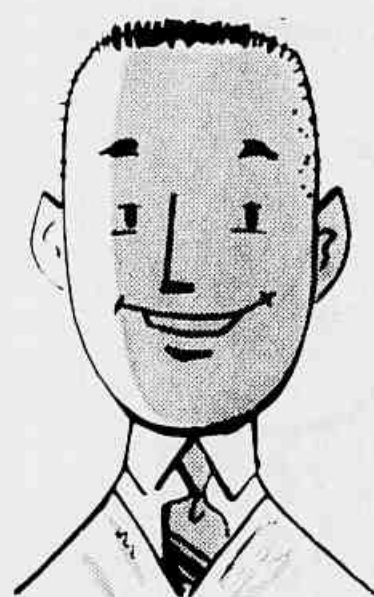
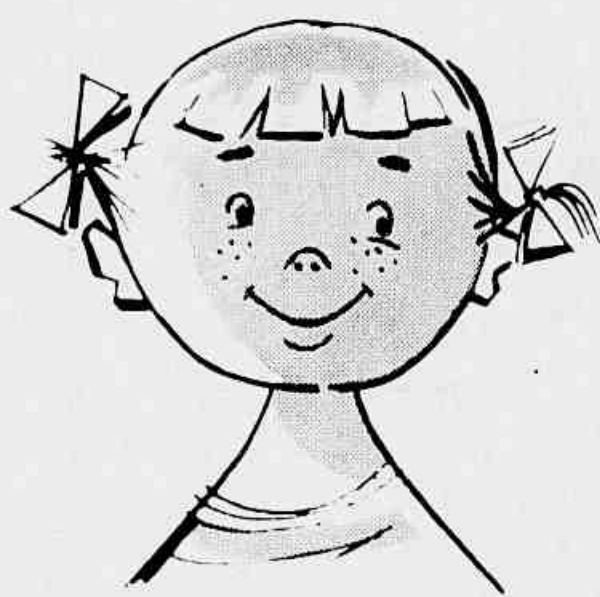
se acumplicia com a espoliação negando a garantia do preço mínimo; o crescente custo dos instrumentos de trabalho — enxadas, capinadeiras, tratores, sementes, inseticidas, sacaria, arames, etc.; o aumento inevitável dos salários, pela alta do custo de vida que, de dentro de sua vida fácil, o presidente da República e o ministro da Fazenda teimam em negar; a esterilidade das terras, comidas pela erosão e fatigadas pelo cultivo consecutivo sem nenhum trabalho de recuperação — todos esses fatores que se acumulam tornaram claramente deficitária a lavoura do algodão nordestino. (Mal pago nos mercados nacional e internacional.)

A TENTATIVA de salvação pela corrida para o agave malogrou. O inaproveitamento dos subprodutos, a incapacidade industrial do meio, as condições de concorrência no mercado internacional, fizeram daquela fibra outro instrumento de desvitalização econômica da região. E essa crise se estende às lavouras de subsistência — feijão, milho, batata, etc., pela irregularidade das chuvas que atinge mais duramente as lavouras de pequeno ciclo. No campo industrial, não é mais alentadora a nossa visão. O sal, que no sul se vende a Cr\$ 700,00 como preço médio de tonelada, custa aqui pouco mais de Cr\$ 100,00 porque essa diferença corresponde exclusivamente às taxas públicas e ao transporte caro e difícil. Os minérios de tungstênio, que foram a grande esperança do Nordeste, sofrem, há meses, sob incrível e interessada displicência do poder público, as consequências de sua dominação evidente pelos trustes: o preço de quilo da schelita caiu de Cr\$ 160,00 para Cr\$ 50,00 na mesma hora em que, por coincidência que revela a natureza artificial da crise provocada com objetivos certos, esses mesmos trustes vêm para o Brasil investir, nesse setor econômico, milhões e milhões de dólares.

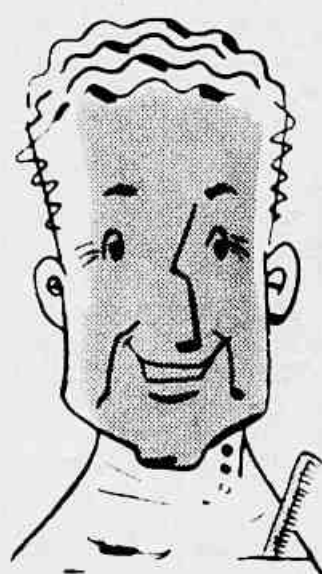
DEBILITADO, ASSIM, nas fontes de sua sobrevivência econômica, o Nordeste depende cada vez mais da assistência do poder público federal. Mas, essa se exerce da maneira mais nefasta, colocando-nos freqüentemente diante desta pergunta: que será mais certo e melhor: deixar que o governo empregue em outras regiões o dinheiro que nos deve, ou exigir a vinda dessas verbas, quando sabemos que mais de 70% delas se destinam ao enriquecimento pessoal de alguns aventureiros, e à máquina de dominação política de grupos e partidos, na mais vergonhosa e sinistra obra de corrupção que se vem realizando, através principalmente de três setores da administração: Departamentos Nacionais de Obras Contra as Secas, de Estradas de Rodagem e de Estradas de Ferro.

ESTA É A NOTÍCIA que posso dar, nestes primeiros dias de 1958, de um pedaço da região nordestina, que, dia a dia, se vai consumindo e esvaziando das condições normais de sobrevivência econômica. E pior: da esperança de que, mais cedo ou mais tarde, serão reconhecidos os seus sacrifícios seculares.

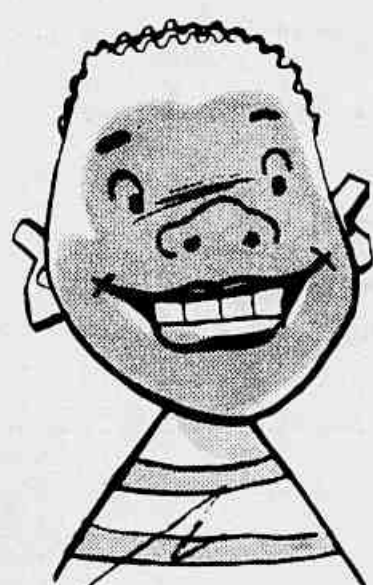
ALUIZIO ALVES



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

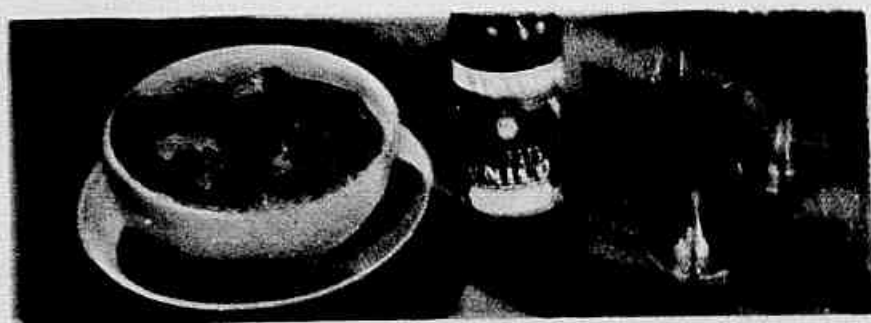
PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!



Com **qualquer prato** vai muito bem!

Levinho Unico



Para acompanhar a feijoada, um bom prato de massa ou um delicioso prato de carne, experimente, também, o Clarete Suave Unico. E note bem: Champagne Monaco e Champagne Unico, em qualquer ocasião, revelam ao seu paladar o bom-gosto e o refinamento do "Rei dos Vinhos".

Levinho Unico é um gostoso vinho de mesa "rosé" de sabor "fresco" e delicado... agradavelmente leve. Sirva-o bem geladinho com qualquer prato e proporcione à família, aos amigos, o prazer de sentir a sua inigualável leveza... o seu delicioso paladar. Levinho Unico não custa muito mais que a cerveja e proporciona completa satisfação até para quatro pessoas.

Puro... Agradável... Saboroso... Unico!

Vinhos Unico

